

ANTOLOGIAS

Colecionadores e suas coleções



**GAMBIT
CAVALCANTE**



ANTOLOGIAS

Colecionadores e suas coleções

**GAMBIT
CAVALCANTE**

FICHA TÉCNICA

ANTOLOGIAS:

Colecionadores e suas coleções

Gambit Cavalcante

Fotografia

Gambit Cavalcante

Orientação / Revisão

Robson Braga

Diagramação

Marcos Medeiros

Arte da Capa

Gambit Cavalcante

Marcos Medeiros

Para minha mãe e meu atual esposo,
por me apoiarem e incentivarem o
meu colecionismo, tão importante na
minha vida quanto o amor deles.

SUMÁRIO

#0
INTRODUÇÃO
PÁG. 8

#1
ANTOLOGIA
Dançando conforme
a música
PÁG. 12

#2
ANTOLOGIA
Quero ser um
super-herói!
PÁG. 60

#3
ANTOLOGIA
72 articulações!
PÁG. 102

#4
ANTOLOGIA
Pequeno Glossário
Nerd
PÁG. 140

#5
EPÍLOGO
Colecionando
histórias
PÁG. 166

#6
BIBLIOGRAFIA
PÁG. 174

INTRODUÇÃO

Quando me dei a missão de escrever sobre colecionismo, a primeira coisa que pensei foi em como seria fácil falar de algo que faz parte do meu cotidiano. Então eu me sentei à frente do computador, abri um buscador e comecei a ler artigos após artigos, que contavam a história do colecionismo, a origem dos museus, os propósitos de se acumular coisas e mais algumas dezenas de leituras técnicas e acadêmicas – que eram muito chatas.

Depois de muito ler, a principal conclusão a que cheguei foi sobre como é tedioso abordar o tema por esse ângulo. Quem está interessado em como o hábito de colecionar surgiu ainda na pré-história? Ou em como ele foi se associando à ideia de *status* e de poder na Idade Média? E de como a igreja se apossou das grandes coleções e as restringiu à visitação de uns poucos detentores de riquezas, nessa época? Ou mesmo que a origem dos museus está diretamente ligada ao colecionismo, e que seu nome provém dos templos das musas na Grécia, os “Muséions”?

Bom, se é esse o tipo de informação que você ten-

ciona, ele está a um clique de distância. Basta uma busca no Google e você encontra facilmente toda a história do colecionismo. Acredite, eu fiz isso.

Então eu lembrei que não era essa minha pretensão quando pensei no tema. Ponderei que, quando eu comecei minha primeira coleção, eu pouco estava preocupado com o que isso queria dizer para sociedade. Tampouco, com o que eu iria fazer com todas as coisas que eu estava juntando, ou para que me serviam... Na verdade, quando eu comecei cada uma das coleções que eu tenho, eu sequer sabia que estava começando (mais) uma coleção. Eu apenas tinha um item, um objeto que estava ligado a algo que eu talvez nem tinha noção que já amava. Havia mais por trás daquela “coisa” que era maior do que a “coisa” em si. Um simbolismo, uma representação de algo pelo qual eu me apaixonei. Então, eu resolvi que queria outro, e depois outro, e depois outro... Eu queria completar os itens. Queria fechar um ciclo. Eu não queria “volume”. Não se tratava de números. Mas quando você se apaixona por uma ideia, e começa a se rodear dela, é inevitável que o volume surja. Mas ele não é o propósito. Não no meu caso, ao menos.

A primeira coleção que comecei foi aos 14 anos. Foi quando comprei minha primeira **fita K7** da **Madonna**. Eu gostava de uma música que tocava no rádio. Lá nos anos 90, Madonna possuía uma força musical imensa. Foi quando ela recebeu o título de “Rainha do Pop”. Não era difícil adolescentes da minha época gostarem

dela. Como gostei do que ouvi, resolvi comprar mais um disco, podia ser que eu gostasse desse outro também. Depois eu ouvi um vizinho tocando outro de seus discos e pensei “essas músicas são legais, vou tentar comprar esse também”. Eu comprava um CD depois de outro e, aos poucos, uma coleção foi se formando. Mas a minha paixão nunca foi pelas “coisas” da cantora. Eu admirava os ideais que ele vendia. Ouvir as suas músicas me levava, de algum modo, para “perto dela” e me ensinava uma filosofia da qual, como adolescente, eu sentia sede. Então não era sobre “ter coisas”. Era sobre **pertencimento**. Era sobre trazer para perto de mim algo em que eu acreditava. O volume, então, foi consequência, não propósito.

Muitas vezes é sobre isso de que se trata o colecionismo. Quando o propósito da coleção é o volume, ela se transforma em simples acúmulo. Ok, veja bem, nem sempre o colecionismo se trata de coisas das quais amamos. Como adverti antes, o acúmulo também tem a ver com *status*, com poder (como quando se acumulavam espólios de terras conquistadas, por exemplo). Para além disso, o colecionismo também tem a ver com perpetuação do saber, com a compreensão do que existe no mundo. Por isso são importantes as coleções de arte, as bibliotecas, os museus. Elas imortalizam obras que poderiam, talvez, nunca serem vistas, não fosse o trabalho dos colecionadores. Então, nem sempre é apenas sobre aquilo que amamos.

Quando é, o propósito de sua existência é justa-

Coleção (co-le-ção): *sf*; Conjunto de coisas da mesma natureza, reunidas para fins de estudo, comparação ou exposição, **ou apenas pelo desejo e prazer de colecioná-las.**

Fã: *sm+f*; Admirador fanático de um artista, seja de cinema, teatro, televisão, rádio etc.; tiete.

mente aquele que damos. Guardar coisas pode nos levar para perto de pessoas que já se foram. Uma espécie de prolongamento da vida. Ou nos remeter a momentos que fazem parte de nossa história, ocasiões em que fomos felizes (ou pensamos que fomos), eras douradas da nossa juventude. Ou pode, simplesmente, nos colocar dentro de um grupo onde gostaríamos de estar, fazer parte de uma comunidade.

Lógico que, vivendo em um ambiente capitalista, uma coleção também pode estar ligada a quanto você pode pagar para tê-la. Qualquer coleção demanda custo e dificilmente é barato manter uma. Isso também liga o hábito de acumular coisas a *status*. No ideal capitalista, quanto mais capital você tem, mais bem sucedido você é. E por “capital” você pode entender uma infinidade de adjetivos: dinheiro, conhecimento, objetos, seguidores... Porém, ter mais dinheiro pode te proporcionar mais coisas e o resultado você mesmo pode imaginar qual será. Mas se ser rico não é o seu caso, será que tudo está perdido?

Quando se coleciona algo por paixão, e não por volume, a resposta para essa pergunta é “não”. Quando se ama um personagem, ou um artista, ou um tipo de arte, existe um carinho diferente para cada item que a gente consegue. Aquela figura de ação que você encontrou por um preço amigável, aquele artigo raro que você jamais encontraria, mas que ganhou de presente de um colega. Aquela disco de vinil que um amigo tinha guardado há uns anos, mas, que te entre-

gou dizendo “acho que ficaria melhor na sua estante do que na minha”. Uma coleção não é feita apenas de itens que a gente compra. Nem muito menos por itens que pagamos fortunas. Porque quando a gente ama um tema, tudo que nos chega tem um valor inestimável – repare que eu disse **valor** e não **preço**.

Alguns dos itens que mais amo custaram quase nada. Outros chegaram pelas mãos de pessoas que eu amava e que já não estão mais aqui. Então, também não é sobre ter mais ou menos dinheiro. Veja, eu não menosprezo coleções de quem fez grandes investimentos. Não se pode culpar alguém por ser privilegiado e, por isso, ter acesso mais fácil às coisas de que se gosta. Então, não existe colecionador mais ou menos valoroso e ninguém deve ser o “Indiana Jones” para se considerar um colecionador. Cada um de nós consegue seus itens da maneira que pode. E essa também é a beleza do colecionismo.

Neste livro reuni histórias de 8 colecionadores de temas variados. Nas páginas que se seguem, estão textos que retratam o amor por juntar itens de um mesmo tema – em alguns casos, mais de um. Vamos tentar descobrir que semelhanças nos une e o que nos distingue em nossas especificidades. Percorrer os caminhos que nos levaram a colecionar e como, de repente, estamos rodeados por uma ideia.

Há uma concepção generalizada sobre as pessoas que colecionam. Para quem nos cerca, parecemos pessoas infantilizadas que ficaram presas na meni-

nez, incapazes de encarar o mundo de maneira madura. Ou pessoas excêntricas, com muito dinheiro sobrando, que não sabem como investir o que ganham e se enchem de bobagens. Ou até mesmo loucos, aficionados por acumular coisas que só servem, a quem vê, para amontoar poeira, um desperdício de energia e de dinheiro, que deveria ser gasto com “mais responsabilidade”.

Mas somos pessoas, temos histórias. Tão ordinárias e especiais quanto qualquer existência pode ser. Nossas coleções são frutos de amor, de saudade, de conquistas. Elas provocam em quem coleciona – e em quem vê – uma variedade enorme de sentimentos. Elas contam nossas histórias enquanto nós contamos as delas. Tornam-se referências de nós mesmos. Ou podem apenas nos fazer companhia.

É isso que estamos prestes a descobrir. Ou o oposto disso... Este trabalho não tem o objetivo de moldar formas de pensar ou mudar visões de mundo. Eu quero mostrar meus pares, ouvir pessoas que colecionam de uma maneira que elas mesmas ainda não tenham sido ouvidas. Quero que, depois dessa leitura, passemos a existir para outros, que são, ou não, como nós. Este livro não é sobre ter. Ele é sobre pertencer!

Obs.: as palavras em destaque **colorido** fazem parte do conjunto de termos que compõem o Glossário, encontrado no penúltimo capítulo.



ANTOLOGIAS

Dançando conforme a música

DANÇANDO CONFORME A MÚSICA

Capítulo 01 – *Don't stop!*

Capítulo 02 – *Queen B*

Capítulo 03 – *Goiabada com Banana*

Capítulo 04 – *Into The Groove*



“

*Don't stop! Doin' what you're
doin' baby*

- Madonna



“

DON'T STOP

Capítulo 1 DON'T STOP



Gambit Cavalcante

Comecei minha primeira coleção aos 14 anos, nos idos 1995. Eu comprei uma fita K7. Logo depois, uma segunda. Eu as possuo até hoje. A primeira foi **Bedtime Stories**, da Madonna, e a segunda foi **The Immaculate Collection**, da mesma cantora. Antes disso, como todo bom pré-adolescente brasileiro da década de 80, eu ouvia os vinis de **Legião Urbana**. Eles eram levados até minha casa por amigos mais velhos. O problema era perceber que, na ocasião, apesar de gostar da sonoridade da banda e, claro, de suas letras politizadas – ou o que entendemos por politizado aos 13, 14 anos – eu não fazia parte daquela tribo. Eu era um índio diferente. Embora eu mesmo ainda não soubesse.

Situando um pouco a história, em 1992 Madonna lançou o que foi seu disco mais polêmico, pois tratava especificamente de sexualidade e de suas nuances: o **Erotica**. Junto ao disco, um livro chamado **Sex**. Com capa de metal, enorme, ele pesava uns 4 Kg. Era recheado com fotos de página inteira, mostrando a cantora sem roupa, em cenas de sexo explícito, sadomasoquismo e toda sorte de fantasias e fetiches que ela pôde imaginar (além dos contos eróticos escritos por Dita, a persona que Madonna inventou para guiar o leitor pelo livro). Logo depois, em 93, a cantora saiu em turnê e esteve aqui no Brasil. Ou seja, em 94 quase não se falava em outra coisa: Madonna era a rainha do pop. Não havia um dia sequer sem que suas músicas tocassem nas rádios nem havia

banca de revistas em que seu rosto não estampasse as capas, pôsteres e cartões postais. Era uma febre!

Então, na metade de 94 foi lançado o morninho **Bedtime Stories**. Bem mais comportado que no anterior, nesse disco Madonna revidava os ataques que sofreu por conta do excesso de sexualização do disco **Erotica**. A música de lançamento foi **Secret**. E foi essa música que me fez ir a uma loja de discos (raras nos dias de hoje) e comprar meu primeiro K7. Eu ouvia essa fita exaustivamente. Na mesma época, havia uma casa a uns 50 metros de distância da minha, no mesmo quarteirão. Todos os dias eu voltava da escola e havia uma música da Madonna tocando naquela casa. Eu caminhava mais devagar para ouvir por mais tempo. Foi por isso que comprei a segunda fita. Era a mesma que tocava na casa do vizinho.

Eu ainda não sabia, mas já tinha me tornado fã da cantora. Mesmo depois que me dei conta disso, eu não sabia o porquê. Eu não sabia o que me atraía a ela. Mas havia uma sensação de pertencimento, de identificação. Eu precisava comprar revistas e pôsteres com as letras traduzidas das canções para poder entender o que elas diziam. E se eu já gostava delas apenas pela sua sonoridade, descobrir o sentido daquilo me aproximava cada vez mais da artista.

Mas onde quero chegar contando toda essa história? Em primeira instância, preciso dizer que minha paixão por mulheres de destaque não começou com a Madonna, embora, certamente, ela tenha seu signifi-



Um dos itens que mais gosto é a edição de luxo de *Confessions*



Algumas edições de álbuns são importadas - essa veio da Coreia.



Meus primeiros itens de coleção, de todas as minhas coleções.

cado. Em segundo lugar, eu não montei antecipadamente uma lista predefinida de itens que eu imaginei que a cantora preencheria e que, por isso, ela estaria “apta a se tornar um dos meus ídolos”. O que aconteceu inicialmente foi que eu me afeiçoei a ela e todas as razões que eu encontrei para justificar isso surgiram depois. Então, todas as vezes em que alguém me pergunta “por que a Madonna?”, a resposta que eu dou é sempre “não sei”. Porque todos os motivos que eu arranjei para justificar o que eu sinto por ela vieram depois que eu já a havia escolhido.

Muitas vezes – ou talvez em todas, sabe-se lá! – são as coisas que nós amamos que nos escolhem, e não o



O acervo de CDs nunca parou de crescer.

contrário. Ou seja, primeiro nós gostamos das coisas, depois é que vêm as justificativas. Não fosse assim, só gostaríamos dos campeões de vendas, dos campeões de taças, de títulos... Mas a gente sabe que não é apenas isso que importa. Não é só isso que nos move. Pode até nos deixar mais orgulhosos, mas não é por isso que tudo começa. Pense um pouco sobre isso. Pense sobre as coisas que você gosta, sobre seus ídolos, seu time de futebol, sobre seu herói favorito. Depois pense nas justificativas. Será que elas já estavam lá antes de você conhecer seu herói favorito?

A coleção de K7's estancou. Havia apenas mais um, que emprestei a uma amiga e o *player* dela acabou es-



Fim de um sonho - meus discos foram atacados por cupins.

tragando. Ela me ressarcia com um CD. Já não se encontravam mais exemplares de fitas K7. E foi aí que eu comecei a comprar CDs. Um após o outro, depois outro e mais outro. Então, eu comprava as revistas onde havia notícias dela. Não demorou muito, amigos estavam roubando páginas das revistas de sala de espera de consultório para me presentear, desde que Madonna aparecesse, no cantinho da coluna que fosse. Eu só nunca almejei ter discos de vinil. Sempre me passou pela cabeça que eram itens que não me interessavam por eu estar mais ligado à mensagem do que ao volume de coisas que eu podia acumular. Isso era verdade. Porém, imagina o tamanho da felicidade quando uma amiga do meu então esposo disse que tinha uma pequena discografia da Madonna que estava para ser doada. Eu ganhei de presente os 7 primeiros discos da diva novinhos em folha. Eles me levaram ao céu – e depois ao inferno. Imagine a tristeza que foi encontrar meus discos destruídos por cupins ao voltar de viagem, justamente quando fui assistir ao show dela no estádio Morumbi, em 2008.

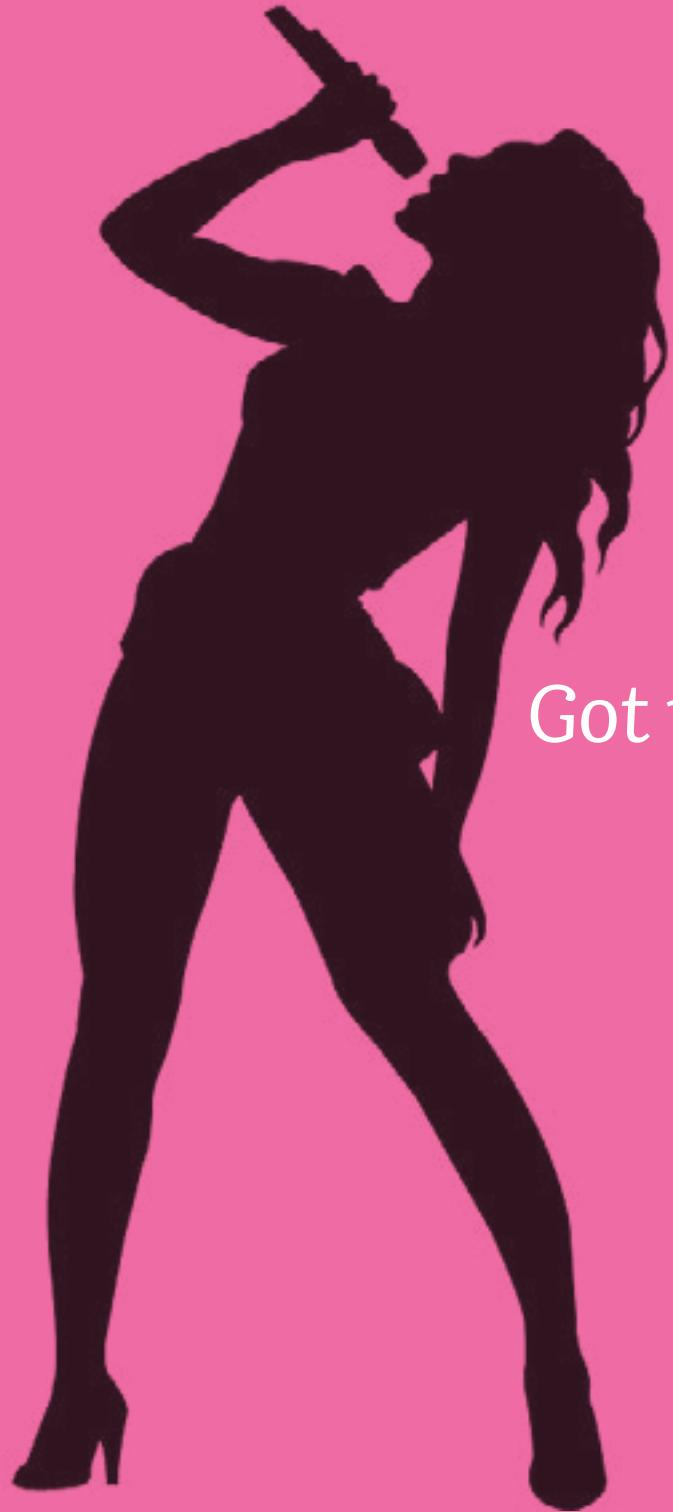
Nessa época eu já acumulava CDs e vários quilos de material impresso. O final dos anos 90 favoreceram: com a baixa do dólar os produtos americanos entraram com força no Brasil e todo fã da Madonna que se preze acumulou pelo menos uma dúzia de **singles**, que antes não chegavam por aqui, e que hoje custam bem mais caros – na época, eu cheguei a comprar exemplares por R\$ 7,00.

Com o tempo, a digitalização das imagens e o acesso à internet acabaram por me fazer desistir de colecionar os impressos. Joguei fora todo o material arquivado em pastas – aquelas com sacos plásticos, que usamos para guardar documentos. Permaneceram os CDs, que não são mais colocados no *player* depois da invenção do *streaming* (mas que eu ainda adiciono à coleção conforme são lançados), os poucos vinis que angariei e os DVDs dos shows. Além da tatuagem (que tem um duplo sentido, mas que não deixa de ser uma homenagem à cantora).

O que nunca acabou de verdade foi o amor por ela. Madonna foi (e ainda é) minha melhor conselheira nesses anos em que eu a sigo. Há sempre algo de bom para se ouvir dela, seja lá qual for o momento. Talvez ela não tenha mais a mesma relevância que tinha lá nos 1990, quando comprei meu primeiro K7. Mas ainda é a rainha. Pelo menos do meu coração. Afinal, todos os motivos que reuni para gostar dela, não importa o que aconteça, não vão mudar nunca.



Um dos poucos vinis que ainda estão comigo



“

*Got me looking so crazy right
now, your love's*

- Beyoncé

02

QUEEN B

Capítulo 2 QUEEN B



Fernando Diego Sioli

Você sonha em passar um fim de semana em uma das praias mais belas do litoral cearense? Aracati, talvez? Bom, se você pensa em ter essas férias incríveis, saiba que Fernando Diego Sioli, o Fernandinho, cresceu tendo essa visão paradisíaca durante toda a vida. Ao menos até se mudar pra Fortaleza, quando veio fazer faculdade. Mas até que esse dia chegasse, ele tratou de aproveitar bem tudo que ser natural de Aracati tinha para oferecer. O publicitário hoje mora sozinho em um apartamento na zona central da capital. Teve uma infância tranquila. Adorava brincar pela cidade. Aos fins de semana ia visitar a avó, que morava em Canoa Quebrada. Sim, eu também senti um pouquinho de inveja.

A família, muito católica, tratou de colocar o garoto na igreja. Ele fazia parte de grupos de jovens e ingressou no Shalom. Era uma criança muito atarefada. A mãe era um pouco rígida, ocupava o dia inteiro do garoto: esportes, escola, o coral da igreja. Mas Fernandinho, para desespero da mãe, preferia brincar com as amigas. Era esperto, tirava boas notas. O bullying não funcionava com ele pois tinha sempre uma resposta preparada. Não se zangava com os apelidos que uma criança mais afeminada costuma receber.

Cedo, já dava sinais de sua sexualidade. Gostava de brincar na rua com as amigas, o que o denunciava. E isso não foi problema durante muito tempo. Mas, na adolescência, quando descobriu de fato sua homos-

sexualidade, os conflitos religiosos começaram a lhe martelar a mente. A maneira que os companheiros de igreja encontraram para “ajudá-lo” foi propor uma “terapia de cura”. Agora com 33 anos, quando fala sobre o assunto, diz com muita tranquilidade que foi reprimido pela mãe e que se apartou da igreja, embora não tenha perdido sua religiosidade. A terapia o ajudou no processo. A que fez depois de adulto, não a da igreja.

Sempre preferiu os brinquedos menores. Gostava de organizá-los por “categorias”. Gastava tempo dividindo-os pelas cerâmicas do piso da casa. Em uma, organizava os carrinhos, em outras, os animais, ou as pessoas... Depois disso, os guardava de volta. Esse processo, para ele, seria a premissa de que a alma de colecionador já repousava em seu corpo desde a infância. E montou várias coleções nessa fase.

Assim, foram meses lanchando salgadinhos **Cheetos** para juntar os **Tazos**, comprar o álbum colecionador e completá-lo. Essa primeira coleção ele tem guardada até hoje. As que vieram depois ele não conseguiu finalizar, mas bem que se esforçou. **Geloucos, Gelocósmicos, Kinder Ovo...** Havia muito o que colecionar nos anos 90. Chegou a pedir fardos do refrigerante Pitchulinha para poder completar a coleção de miniaturas de **Pokémon** – mesmo que os fardos pudessem vir cheios de miniaturas repetidas, o que aconteceu certa vez.



As raridades da coleção



Versão Barbie, da Mattel, para a mutante Tempestade, dos X-Men



A coleção toda reunida em uma cristaleira - compacta, uma vez que é composta por CDs e DVDs.

Já não guarda com ele essas coleções. A maioria fica na casa da mãe que vez por outra encontra uma criança a quem possa doar algumas peças, e vai descompletando o que ainda sobra. Menos a coleção de Tazos. Essa, completinha, ele esconde. Talvez venda qualquer hora. Talvez.

Quando despertou o gosto pela música seguiu um caminho óbvio: **Sandy e seu irmão Júnior** estavam no auge da carreira naquela década. Então Fernandinho insistiu com a mãe até ganhar um CD da dupla. Não diferente do que já fazia com os brinquedos, começou a juntar tudo que podia dos ídolos *teen*. Tinha camisetas, cadernos e gravava o programa que era exibido na TV aos domingos. Redundante dizer, o publicitário guarda todo esse material, mesmo que não seja possível assistir aos VHS.



Os discos da cantora ordenados por cronologia.



Os frascos de perfume - todos vazios, Fernando não se importa de usá-los.



Alguns dos materiais impressos que Fernando guarda na cristaleira (a maioria importados de outros países)



Edições especiais - à frente, disco que relembra a era em que Beyoncé fazia parte do grupo Destiny's Child.



Parte videográfica da coleção (repare no VHS na extremidade esquerda).

Paralelo a isso, outra ideia começou a se formar em sua cabeça. A super-heroína **Tempestade** aparecia todas as manhãs na animação dos X-Men exibida na TV. Afeiçoou-se à personagem numa consciência de representação racial que Fernando só viria perceber anos depois, quando adulto. Foi sua primeira referência negra de empoderamento. Pensando retroativamente, fica perceptível como essas referências eram escassas até não muito tempo atrás. São ainda hoje. Mas foi uma grata surpresa se ver representado em uma personagem poderosa, uma super-heroína de desenho animado, mesmo de forma inconsciente.

Aos poucos ele começou a se enxergar nas pessoas que apareciam nas grandes mídias. E começou, também, a perceber que elas eram raras e que, muitas vezes, estavam lá apenas para cumprir uma cota. E foi tentando se encontrar nas componentes do grupo **Rouge** e de outras poucas cantoras da época que Fernandinho passou a adolescência. Até que, assistindo ao **Grammy** de 2004, as coisas mudaram para ele.

Era 08 de fevereiro quando a apresentação era transmitida ao vivo pelo SBT. **Beyoncé** entrava triunfante, cantando “Crazy In Love”, música de trabalho de seu primeiro disco solo, “Dangerously In Love”. Os olhos de Fernando brilharam. Não era a primeira vez que ouvia falar da cantora, mas foi a primeira vez em que a viu no palco. Era como se um véu tivesse sido tirado de seus olhos. Como ele podia

não a conhecer?

Pouco tempo depois CD e DVD já estavam em mãos. Piratas, admite... Ainda não morava em Fortaleza e viver em cidades menores pode ter suas desvantagens. Porém, assim que teve a oportunidade, o primeiro item do que hoje é sua principal coleção foi comprado – com dinheiro que juntou dos lanches que deveria comer na escola. Estava no ensino médio. Como sorte, Beyoncé estava iniciando sua carreira solo (aquele ainda era seu único disco). Como “não-tanta-sorte-assim”, a cantora havia começado anos antes em um grupo musical, o *Destiny's Child*, com vários discos lançados, mas isso não foi empecilho.

Atualmente o publicitário é praticamente um estudioso da diva do R&B. No seu apartamento é fácil perceber a identidade da cantora. Na parede da sala, ostenta um bastão de baseball. Réplica exata do objeto que *Queen B* usa em um de seus videocliques. Na cristaleira, dezenas de CDs e DVDs expostos em ordem cronológica. Os singles se enfileiram. Um pouco mais ao canto, os frascos de perfume. No guarda-roupa, calças da grife da cantora, camisas e até os tênis que ela lançou em parceria com a Adidas. Além dos VHS.

Réplica do bastão de baseball usado por Beyoncé no clipe Hold Up.





Os filmes de super-heróis (com ênfase nos mutantes da Marvel)

No meio de tudo que representa Beyoncé, uma parte de outra coleção do publicitário divide espaço no móvel: os filmes dos *X-Men* e uma boneca estilo **Barbie** da mutante que controla o clima. Dela, Fernandinho também fez uma tatuagem no braço. A da Beyoncé ainda virá, ele garante.

Atualmente, já se somam quase 20 anos acompanhando o crescimento da artista. Os prêmios, espetáculos e álbuns vão se acumulando. A felicidade maior veio quando soube do show que ela faria em Fortaleza. Os ingressos dele e dos amigos, ele mesmo providenciou. Havia se planejado para isso. Assistiu ao espetáculo no *front stage*, ficou o mais próximo

que conseguiu. Não é seu show favorito dela. O que ele mais gosta, infelizmente, não conseguiu assistir quando esteve no Brasil.

Ver a diva de pertinho nunca foi um sonho almejado. Entende que ela não é uma pessoa tão acessível, nunca a enxergou dessa maneira. Não é o tipo de fã que investe tempo prestando atenção na cor das unhas da diva. Mesmo detalhes de sua vida particular não são importantes para ele. Faz o que acha que lhe cabe no papel de fã: apoia a cantora nos *streamings*, compra seus álbuns, seus singles – inclusive, reforçou que não é preciosista. Ter um *single* de cada já lhe basta, ter um álbum de cada, já suficiente, a não ser que

Uma toalha com estampa da musa Beyoncé.





O par de tênis, já surrados, que Fernando economizou para comprar



Uma calça jeans da grife da cantora

haja diferenças significativas entre os lançamentos. Não investe em itens repetidos.

Da mesma forma, não guarda em “potes de ouro” os itens de coleção que se destinam ao uso. Ou seja, as calças, os tênis, as camisas... Usou todos até eles não poderem mais serem usados. Os frascos de perfume já estão vazios. Ouve os CDs mesmo com os serviços de *streaming* disponíveis. Gosto das marquinhos de uso. Acredita que elas contam a história do objeto e do dono.

Para o publicitário, é de extrema importância que existem estrelas como a Beyoncé. Ela é para ele de uma representatividade enorme. Acompanhando sua carreira ele pôde aprender sobre racismo, sobre empoderamento feminino, sobre feminismo negro. Por isso a vida pessoal dela acaba ficando numa espécie de segundo plano. Acredita que ela lutou muito, suou muito, treinou muito para chegar aonde chegou e mesmo assim ainda enfrenta o preconceito da indústria. Preconceito que fica claro quando, apesar dos trabalhos incríveis que a cantora lança, ela nunca foi eleita com “Artista do Ano”, uma vez que, como mulher negra, estará sempre relegada aos prêmios dados para os artistas que são essencialmente negros.

“Eu não me espelho nela, eu me identifico. Beyoncé é uma artista que tem um posicionamento que eu gosto, tem um significado artístico, mas eu me vejo pouco nela.” Assim, ter o material físico é uma forma de tornar tangível o trabalho que Beyoncé faz, de trazer

para perto alguém que ele gosta muito, embora platonicamente. O mesmo sentido que ele encontra nos quadrinhos de *X-Men*, onde ele se vê representado de duas formas: como homem negro e como homem gay. Sobre isso, ele reforça que pode não ser sua principal coleção, Beyoncé é sua maior paixão, mas, também se enxerga ali.

Aconselha perseverança a quem gosta do *hobby*. Lembra que levava tempo para comprar alguns itens quando ainda era mais jovem porque precisava vir à Fortaleza para fazer isso e essa viagem poderia demorar meses para acontecer. Além de saber que itens importados custam caro, então é preciso mesmo planejamento. Ser ansioso não vai ajudar em nada.

Agora, Fernandinho tenta aprender a tocar o violão. “Músico de pandemia”, nas palavras dele mesmo. Já arranha algumas músicas da Beyoncé. Continua seguindo a artista, o que parece tarefa cada vez mais difícil, já que ela não concede mais entrevistas nem posta nas redes sociais com frequência. O desejo é que, em breve, outros artistas negros possam ter a mesma visibilidade que ela, mas recebendo a cobrança de talento que recebem os brancos. Por mais *Tempestades* e por mais *Beyoncé’s!* Nesta torcida, Fernando, você certamente não está sozinho.

Fernando me apresenta os itens do acervo que mais tem apreço.





“
Life is a mystery
Everyone must stand alone
- Madonna



03
GOIABADA
COM BANANA

Capítulo 3 GOIABADA COM BANANA



Fábio Vieira

Fábio é uma enciclopédia viva. É falante e tem bom astral, mas não é bem o tipo de pessoa que leva desaforos. Viveu a infância toda no mesmo lugar onde mora ainda hoje com a mãe. Sua formação em comunicação é só uma das maneiras que ele encontrou para se ligar à cultura. É ator, sapateador e pesquisador musical - não inclui a formação acadêmica entre as profissões que ele mesmo define como suas.

Anos atrás ficou conhecido por um vídeo que postou no site YouTube. “Glossário” traz um grupo de mulheres trans e travestis ensinando o significado de alguns dos vocábulos do **pajubá**. O vídeo é tão engraçado quanto didático. Fala muito sobre seu criador. E é assim que Fábio se mostra sempre que responde a qualquer pergunta: didático.

Ele gosta de falar (não começou de agora). Atribui essa característica ao fato de ter que estar sempre se explicando quando era garoto. Tinha um certo receio de desagradar à mãe e seus dois irmãos estavam sempre lhe “denunciando”. Isso faz qualquer conversa com Fábio ser longa – e interessante. Ele sempre tem muito a dizer sobre qualquer assunto.

Quando menino, por vezes, se trancava na sala de som do apartamento para ouvir música e apresentar o que ele chamava de “Goiabada com Banana”, seu próprio programa musical – numa clara referência à música de abertura do **Sítio do Picapau Amarelo**, cantada por Gilberto Gil. Era nesse mundo de fanta-

sia que Fábio se consolava do *bullying* que sofria do irmão mais velho. No total eram três filhos homens (não cresceram todos juntos, o mais novo morava com o pai). E foi nesse momento da infância que, talvez, a música tenha se tornado tão importante para sua construção pessoal.

Os discos que Fábio coleciona não datam de agora. Ela ainda possui os exemplares que ganhou na infância, da tia, a cada aniversário que comemorava. **Balão Mágico, Xou da Xuxa...** Ano após ano, um disco após o outro foi se acumulando na estante da sala, perto do aparelho de som. Inclusive, sua memória é impressionante: ele conta com detalhes cada ocasião em que esses discos foram parar nas suas mãos. Ainda que, à época, eles não tivessem esse valor de coleção, cada um deles tinha uma importância única – era uma forma de acompanhar a carreira dos ídolos infantis, de se distanciar da realidade dura de uma criança considerada afeminada. Os discos eram seus amigos e Fábio lia os créditos dos autores e dos produtores mesmo sem saber o que seria um “arranjo musical”. Hoje ele entende que já era um pesquisador antes de se dar conta disso.

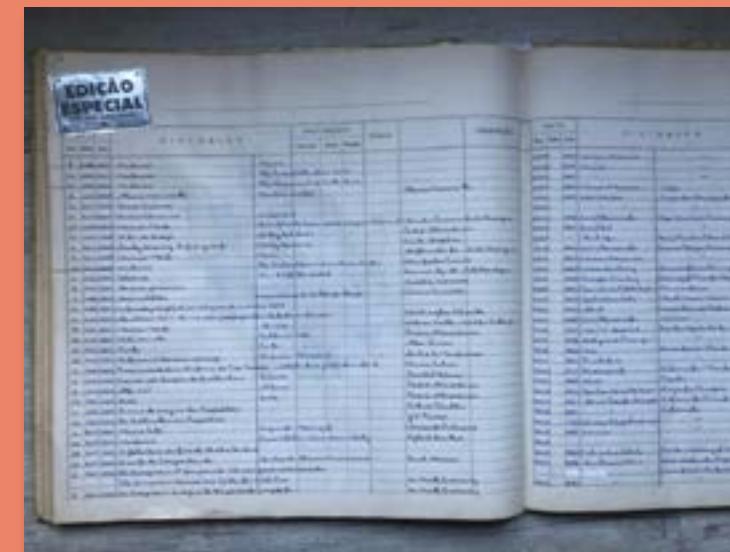
Quando chegou à adolescência a relação com os objetos se aprofundou ainda mais. Acabou perce-

Elis Regina tem um cantinho especial nas prateleiras





Ele também mantém muitos dos filmes que viu na infância, além de coletâneas e shows.



O livro de tombo onde são registrados os itens da coleção



bendo que era ele o único que cuidava dos LPs que, até então, eram da família. Tornou-se o guardião do acervo da casa. O móvel que acomodava os discos era dividido em seções que separavam os vinis por “donos”. Cada irmão tinha sua própria pequena coleção, mas era Fábio quem realmente “usava” os discos. Era ele quem os colocava no aparelho de som e os apreciava. Aos poucos, foi tomando-os para si – e ninguém nunca alegou posse deles, foram ficando.

Com o gosto pela música tomando forma, Fábio começou a adquirir seus próprios exemplares. O primeiro disco que comprou foi ainda resultado de um presente: o dinheiro que a avó dava em um envelope, entregue no Natal, que sempre ficava com a



mãe. A primeira vez em que o dinheiro foi parar na sua mão foi justamente o do último desses envelopes. Com esse dinheiro, Fábio comprou dois discos, um deles deu de presente à mãe. Mas não considera essa como sua primeira aquisição própria – pra ele, ainda foi um presente.

O item que julga assim veio do pouco dinheiro do lanche que juntou durante um mês inteiro. “A trilha internacional da novela ‘De Corpo e Alma’, comprada na Aki Discos” – lembra – “Foi desse disco a primeira música que eu aprendi a cantar em inglês.” A experiência é muito clara na sua cabeça: a sensação de ir até à loja de discos, pôr o LP embaixo do braço junto com o porta-fitas K7 que também trouxera, a ansiedade de chegar em casa e colocar o disco pra tocar e até o troco que recebeu errado do homem da banca onde comprou uma revista Mad. O resultado de um mês de dedicação, ainda que sua mãe tenha ajudado com uma parte do valor, coisa que nunca mais aconteceria, uma vez que houve reprovação por parte dela – nenhuma mãe fica feliz em saber que o filho passou o mês sem lanche para comprar alguma coisa que, certamente, não tem tanto valor quanto suas refeições.

Era começo da adolescência e suas preferências musicais começavam a tomar forma. Seguindo um

A parte do armário que tem porta guarda a coleção em CDs da cantora Madonna - também ficam aqui as edições especiais de colecionador.



Fábio explica os compactos da Madonna lançados nos anos 80.

caminho que parecia natural para um adolescente gay no final dos anos 1980, Fábio aproximou-se da cantora Madonna, embora, suas maiores paixões fossem, declaradamente, as trilhas sonoras das novelas. Quando comprou o primeiro exemplar da cantora, nem possuía um *player* para CDs.

Era 1993 e foi preciso pedir a um amigo que copiasse o CD para uma fita K7 – fazíamos muito isso nos anos 1990. Por engano, apenas um lado da fita de 90 minutos foi gravado e durante um fim de semana inteiro Fábio teve que ouvir apenas uma parte do *The Immaculate Collection*. Mas a melhor surpresa veio junto com as memórias que o garoto nem sabia



O acervo audiovisual da Madonna



Os discos, enfileirados, somam quase mil unidades.

que as tinha guardadas: as aulas de dança que a mãe fazia onde ele a acompanhava, ao som de “Holyday”, e a secretária da casa que ouvia “Papa Don’t Preach” enquanto cuidava dos afazeres, quando ele ainda era uma criança, fizeram ele perceber que sua relação com a cantora era mais antiga do que ele mesmo imaginava.

Esse é o tipo de experimentação que a música proporciona pro Fábio. Ele fala com muita propriedade sobre como os discos são a melhor maneira de se armazenar música e de sua durabilidade. Acredita que sua coleção é também uma maneira de perpetuar os arquivos musicais, embora não enxergue seu acervo

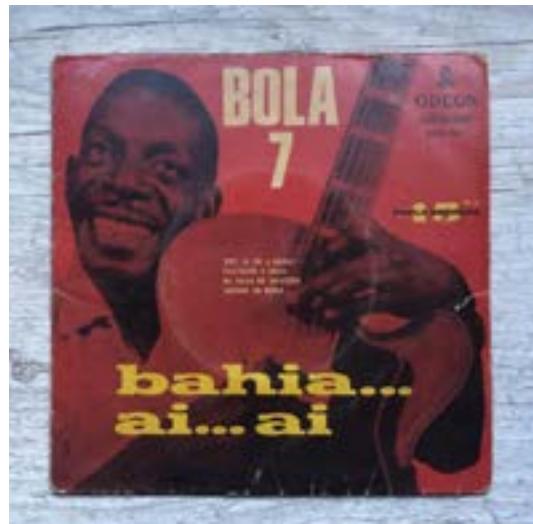
Organizado, Fábio sabe exatamente onde encontrar os exemplares que procura.

como um museu. Mas, todos esses motivos “técnicos” que Fábio cita, soam como complementos para sua verdadeira motivação: os discos o remetem aos momentos bons que ele vivenciou consigo mesmo. Os discos contam a história do próprio Fábio.

“A música me salvou várias vezes, eu tinha uma vida paralela. Brincava que dava entrevistas falando sobre o lançamento dos meus discos. Eu era um artista famoso, que tinha meu próprio programa e tinha até o boneco do Fabinho. Eu corria pra cá depois que apanhava do meu irmão e isso foi o que me ajudou a manter minha sanidade – e me ajuda até hoje.”

É fácil encontrar a coleção do Fábio. Ele possui um





A edição rara do sambista Bola 7, que herdou do pai.

perfil no Instagram onde posta diariamente os itens de seu acervo, que conta com precisos 973 unidades até o momento em que essa edição está sendo escrita. Eles ficam dispostos nos armários do quarto onde ele dorme e que, outrora, fora a sala de som onde se escondia para fazer números musicais na infância. A vitrola que possui hoje, um modelo mais moderno, desses que possui um visual retrô, fica no mesmo lugar onde repousava o antigo aparelho de som.

Grande parte da coleção vem das compras que ele mesmo faz (escondidas da mãe, durante os anos de adolescência, mesmo sob ameaças dos irmãos). Mas há uma parcela de presentes. Anos atrás uma amiga lhe fez uma doação onde vieram vários discos de trilha sonora de novelas, o gatilho para dar a eles sentido histórico. Quando percebeu essa importância, buscou todos os exemplares que a família guardava na casa de veraneio na cidade de Guaramiranga.

Por essa “afrenta”, teve que discutir com a tia, já que os LPs haviam se tornado o divertimento dos fins de semana na casa. Mas não se conteve. Pelo contrário, se sentia mal ao ver que os parentes mais assíduos sequer tinham cuidados com os discos. Era possível encontrá-los longe de suas capas e estas acabavam se deteriorando pela falta de cautela. Foi o que ele considerou ser seu único arrependimento: não ter recolhido os discos pra casa antes. Quando Fábio os trouxe, fez o trabalho de restaurar as capas que podia. Mostra orgulhoso os dois primeiros dis-

cos do Tim Maia: “São edições originais!” Recuperou também o acervo do pai, quando do falecimento dele. Ao receber do irmão os discos que o pai havia levado no momento da separação, observou o nome da mãe em vários itens. Era como se os colocasse onde eles realmente pertenciam.

A coleção é ostensiva. De itens muito caros – como o compacto de João Gilberto com músicas que não se encontram em nenhum acervo, mesmo que digital – até a enorme seção de trilhas sonoras das novelas, que ele comprou nas andanças pelas lojas do centro da cidade, nos sebos de discos, onde as mercadorias ficavam espalhadas pelo chão e eram vendidas a dois, três reais.

Certamente, o carinho pela música está além do valor que ele dá aos objetos. Alguns ele venderia sem pestanejar, se fosse o caso. Mas nenhum dos dois substitui seus ideais. Até se desfez de alguns cujos artistas se revelaram com pensamentos obscuros. Por estes, ele apenas lamenta. O item entra no livro de tombo onde cataloga a coleção, mas, apenas isto.

Apesar de bem cuidados, os discos não demandam muita atenção. Uma vez armazenados, não precisam de muita manutenção. Mesmo assim, vez por outra, está sempre limpando, organizando. A tarefa é rotina, já que ele precisa alimentar o Instagram. As postagens possuem formatos bem definidos: um dia da semana é dedicado às cantoras, outro às bandas e

Mais uma edição rara, as músicas desse compacto de João Gilberto não se encontram nem nos serviços de *streaming* - outra herança do pai.



assim por diante. Mas é um trabalho que ele não faz com periodicidade fiel. É, na verdade, uma maneira que ele encontrou de compartilhar o que ele considera um patrimônio cultural.

Fábio se orgulha bastante de sua coleção. Está incansavelmente procurando itens e todo dinheiro que ganha dedica religiosamente uma parte para o aumento do acervo. Hoje, na escassez das outrora abundantes lojas de discos da cidade, para onde ligava na pesquisa de preços – tinha os números de todas – as compras se limitam aos sites de venda (mas ainda frequenta sebos). Há uma felicidade no seu jeito de falar quando cita as coleções completas de vinis de seus artistas favoritos. Os que faltam estão anotados em uma lista.

Porém, nunca cedeu a devaneios de tentações. Tenta ser um consumidor consciente e nunca comprar tudo que vê pela frente. Quando o espaço do quarto começou a faltar, passou a se perguntar o que era mais importante e começou a se desfazer daquilo que não fazia sentido estar ali. Livrou-se da maioria dos CDs e DVDs.

Hoje Fábio está com 41 anos. Dorme rodeado de música, como se manteve a vida inteira. No mesmo quarto onde apresentou por anos seu próprio programa, lançou suas próprias músicas, entrevistou e concedeu entrevistas. Agora ele dedica boa parte de seu tempo tentando manter viva a memória da música. Essa mesma música que salvou, tantas vezes na infância, sua própria vida.



Algumas das edições consideradas raras, que Fábio ostenta no acervo.



“

Give it up, do as I say!

Give it up and let me have my way!

- Madonna



04

INTO THE GROOVE

Capítulo 4 INTO THE GROOVE



Jorge Luís

O “Santuário” já é um lugar famoso entre os fãs de Madonna da minha cidade. Dono do lugar, o professor de inglês Jorge Luís já esteve em programas de TV, eventos culturais e canais do YouTube. É um acervo conhecido. O maior que o próprio colecionador conhece – pessoalmente, pelo menos. A soma dos itens chega aos quatro dígitos. É um quarto inteiro dedicado à artista conhecida como “A Rainha do Pop”. Mas não foi tão fácil. E levou bastante tempo.

Quando Madonna lançou “*Like a Virgin*”, o mundo ainda passaria por uma porção de transformações. A mais importante, nesse caso: a maneira como assistimos aos videoclipes e ouvimos as músicas que os artistas lançam para promover seus álbuns. Era 1984 quando o então adolescente Jorge viu a chamada do **programa Clip Clip** anunciando o clipe de “*Material Girl*”. Fã das grandes divas do cinema, logo reconheceu nas imagens a referência à Marilyn Monroe, musa sexual da década de 50, e até pensou que se tratava da atriz. Ao ver o clipe no programa, não teve jeito: apaixonou-se de cara pela cantora. No dia seguinte Jorge já tinha nas mãos o segundo LP de Madonna. Óbvio dizer, não imaginava que isso um dia se tornaria uma coleção. Até porque, a essa altura da carreira dela, nem havia muito o que colecionar.

Ao chegar em casa com o disco, uma amiga informou que vira uma foto da cantora em uma revista, arrancou a foto e levou para ele. Ainda se pode ver

essa foto emoldurada, rodeada de outra dezena de imagens recortadas e de pôsteres dos álbuns e dos filmes preenchendo as paredes do quarto dedicado à coleção. Jorge encontrou seu ídolo musical aos 14 anos de idade. Começou a seguir a cantora com o que era possível se fazer nos anos 80: idas às bancas, às lojas de LPs e sempre com o olhar atento ao número musical que o dominical da Rede Globo, o Fantástico, apresentaria ao final do programa.

O adolescente tímido foi aprendendo com Madonna a não ter medo de se expressar. Participava de grupos religiosos quando começou a descobrir sua sexualidade e isso foi muito problemático para ele. Embora essa sexualidade tenha aflorado tardiamente, acabou se sentindo deslocado por isso. E a artista foi importantíssima no processo de autoaceitação do professor, homossexual, mesmo tendo que ouvir música escondido da mãe durante muito tempo – ela não aprovava o jeito polêmico da cantora.

Jorge viveu rodeado por amigas mulheres. Demorou um pouco para entender que gostava de rapazes e, mesmo depois que teve consciência disso, precisou se resolver com sua culpa religiosa. Foi então que, já tendo absorvido o que a cantora tentava ensinar no seu quarto álbum, de 1989, com a canção “*Express Yourself*”, Jorge Luis percebeu que havia

Jorge ostenta o livro *Sex* de sua coleção, em frente ao painel com todas as eras da cantora.

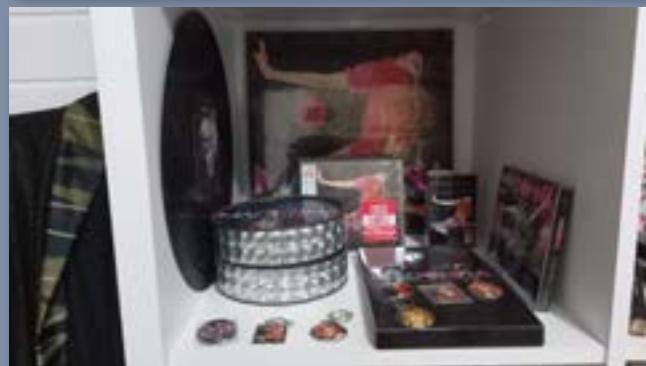




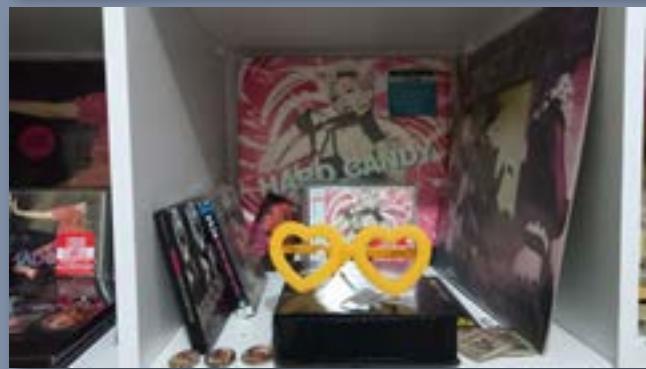
A era Ray Of Light é a mais premiada da cantora.



Acervo da turnê The Girlie Show, primeira vez em que Madonna se apresentou no Brasil



Confessions On A Dancefloor é uma das eras mais aclamadas pelos fãs.



Aqui, a era Hard Candy, que trouxe a turnê Stick And Sweet para o Brasil.



Era Erotica - a preferida de Jorge



Aqui, a era Immaculate Collection



O lançamento mais recente de Madonna, Madame X



Os ingressos dos shows que o professor assistiu pessoalmente.

um jeito de lidar com a autoaceitação. A coragem de enfrentar o mundo ganhou força depois do lançamento do disco seguinte, “Erotica”, em 1993. “Pra mim, Madonna vai além da questão de ser uma mera cantora ou popstar, pois isso qualquer uma pode ser. Ela é atitude política, é aquela pessoa que personifica ser corajoso, não ter medo de nada, nem que pague o preço por isso.”

“Erotica” é seu álbum favorito até hoje (o CD chegou a descascar de tanto ouvir). E não apenas o disco, mas toda sua fase. Foi o primeiro show da artista ao qual ele assistiu e essa foi uma aventura que ele alega que nunca esquecerá. “Os três melhores dias da mi-



Vinil da novela Final Feliz, que tinha uma música de Madonna em sua trilha sonora internacional.



na vida”, afirma. Mas, principalmente, por ser um disco que tratava abertamente sobre sexo, assunto do qual ele tinha muita dificuldade em falar. Tudo que rodeia a “era Erotica” o fascina, pois foi com esse disco que Madonna o ajudou a sair do armário e a enfrentar seus próprios demônios. Além do álbum, a fase rendeu também o polêmico livro “Sex”, onde Madonna aparece sem roupa. Considerado item raro hoje em dia, dois de seus poucos exemplares lançados estão na coleção do Jorge.

A casa onde mora hoje, sozinho, fica dentro do terreno da família, ao lado da casa da mãe. Foi ela quem cedeu espaço no terreno para que os filhos construíssem suas casas. Quando Jorge aceitou a proposta para não sair de perto da família, impôs suas condições: “Não quero que se metam na minha vida, vou trazer quem eu quiser pra minha casa.” Foi o primeiro passo para construção do seu “Santuário”.

Onde hoje repousa o acervo, antes era uma sala de TV. Lá, Jorge passava horas assistindo aos shows e aos filmes da diva. Com o tempo (e o aumento de volume de materiais), o espaço foi se transformando. Já se vão mais de 30 anos juntando álbuns, que se acumulam em CDs, LPs, singles, DVDs de filmes e apresentações, quadros, pôsteres, dezenas de livros

A estante de materiais impressos guarda também a edição lacrada do livro Sex.

e mais de uma centena dos mais variados impressos onde Madonna aparece, que ficavam guardados em caixas, baús e guarda-roupa. Só em 2009, já na casa que chamaria de sua, resolveu transformar o próprio quarto nesse Santuário – vale explicar que o nome é uma referência a uma música do álbum “Bedtime Stories”, chamada “Sanctuary”.

O acervo já era grande quando o aposento foi adaptado. Como nunca parou de crescer, o cômodo foi sofrendo modificações com o passar do tempo. Ganhou armário de nichos para separar os discos por “eras” – esse ocupa uma parede inteira, outro para armazenar os impressos e várias prateleiras que estão preenchidas pelas mídias de vídeo. Algumas onde Madonna sequer aparece em pessoa, mas é o assunto principal, ou apenas citada.

Certamente essa é a principal coleção de Jorge, o que implica dizer que não é a única. Fora do quarto, a casa do professor é rodeada de prateleiras com DVDs de filmes. Onde quer que se olhe, há DVDs. Não sendo bastante, bonecos de super-heróis e de personagens do cinema entopem cristaleiras e armários, se espelham por cima de cômodas. Jorge Luis tem o espírito de colecionador, muito embora se dedique muito mais à diva do pop.

As revistas em que Madonna estampa as capas - muitas importadas.





Além de quadros, canecas são outros objetos que Jorge coleciona aos montes.

rização dos serviços de *streaming*, não é mais necessário pôr os discos para tocar. Tornaram-se objetos de colecionador mesmo. Cumprindo o que ele considera seu papel de fã, escuta sempre Madonna pelos canais oficiais. Faz mutirão com outros fãs para que a artista bata metas de visualizações em suas páginas. Encara isso como um jeito de apoiar o trabalho dela. Em sua visão, ela já nem precisava mais trabalhar ou lançar discos. Madonna já não vive mais de vendas de CDs. Assim, cada álbum que ela lança se torna um carinho para o público que a segue.

Jorge fala dela com muita alegria. A conversa comigo foi como um encontro de comadres, afinal, eu também sou um admirador da artista, muito embora ele possua um catálogo mental muito mais apurado. Das longas fileiras de impressos expostos em um armário feito apenas para esse propósito, ele não se acanha em dizer que leu tudo. “Aprendi a ler em inglês por causa dela.” E sobre o envelhecimento da cantora, ele é incisivo: “gosto de ver a Madonna envelhecendo, e gosto de como ela está agora, nessa idade. Eu a acompanho há tanto tempo, não desejo que ela seja jovem para sempre. Ela tem a própria vida, a própria família. E eu envelheci junto com ela,

Na camisa do professor, a versão animada de Madonna, do filme “Quem é Essa Garota?” de 1986.

aprendi as lições que ela me passou.”

A experiência acumulada transformou o professor em referência para outros colecionadores. É comum que eles venham pedir dicas sobre materiais que pretendem comprar, sobre valores, onde encontrar e até como manter suas próprias coleções. Jorge é sempre solícito. Sempre pede paciência aos novos colecionadores e aconselha que não julguem as próprias coleções pelo volume de coisas. Lembra, nem sempre a coleção dele foi daquele tamanho (e ainda hoje há itens faltando).

Agora, nos seus 52 anos de idade, o professor é tranquilo e lida bem, não só com sua sexualidade, mas também com a de seus alunos, a quem tenta orientar sempre que é solicitado. É calmo quando o provocam sobre assuntos da cantora. Está sempre embaçado sobre os questionamentos que fazem sobre ela porque pesquisa sobre seu trabalho. Essa serenidade ele também alega dever a ela. Depois de tanto tempo ouvindo sobre autoestima e autoaceitação, encara o trabalho de Madonna como um presente para o mundo. Pudessem ele encontrá-la um dia, todas as forças que ele reuniria para falar seria apenas para dizer uma única frase: “Muito obrigado por tudo!”



ANTOLOGIAS

QUERO SER UM SUPER-HERÒI

#2



QUERO SER UM
SUPER-HERÒI

Capítulo 01 - Xismein

Capítulo 02 - Foi meu pai quem me ensinou

Capítulo 03 - Quadrinhos do Batera

Capítulo 04 - Me dê sua força, Pégaso



#1

XISMEN

Capítulo 1 XISMEIN



Gambit Cavalcante

Eu não consigo precisar a primeira revista em quadrinhos que li na vida. Tenho uma vaga lembrança de ter lido alguma edição da Turma da Mônica quando criança, na casa de uma amiga da minha mãe. Mas não seria esse o início dessa história.

Diferente de muitas crianças brasileiras, não foi com a turma mais famosa do Maurício de Sousa que eu encontrei o caminho das pedras para o universo de super gente. Talvez essa proximidade tenha surgido ainda antes disso, vendo os desenhos dos **Super Amigos** nas manhãs dos anos 80. Eu não sabia disso na época, mas esse primeiro contato refletiria na minha vida de maneira significativa, anos mais tarde.

A primeira vez que ouvi falar em **X-Men** (disso eu me lembro) foi quando o namorado de uma amiga me emprestou um punhado de edições dos formadinhos da Abril. Não faço ideia de quando foi isso exatamente. Mas tenho a nítida lembrança de que as pessoas liam o título nas capas das revistas pronunciando “Xismein”. Ter em mãos esses gibis só serviu para me deixar confuso e não entender nada do que se passava nas páginas. Eram personagens com os quais eu não estava familiarizado. Nomes esquisitos e histórias que não começavam, nem terminavam naquelas edições. Não eram os “Super Amigos” que eu já conhecia. Não foi dessa vez.

Meu mais provável gatilho foi a TV Colosso. Era nesse programa que a Rede Globo exibia a série animada dos mutantes. E foi nesse desenho o primeiro

verdadeiro contato que eu tive com esses personagens. Foi essa animação que me fez gostar dos alunos do Professor Xavier. Ainda de forma inconsciente, creio, já havia ali algo que me fazia sentir identificação com a equipe. Mas qual adolescente não se sentia, de alguma maneira, um pária? A chama, então, foi acesa.

Perto de fazer 18 anos, um dos meus melhores amigos herdou de um irmão que faleceu uma quantia considerável de HQ. Era uma pilha enorme. Umas 200 edições, se me lembro direito. E foi então que eu li minha primeira saga completa, podendo entender começo, meio e fim da história. Foi o Reino do Amanhã, escrita por Mark Waid e ilustrada por Alex Ross. Eu abri aquele quadrinho e, à época, eu não consegui definir se eram pinturas ou se eram pessoas de verdade. Eu fiquei maravilhado! Eu li muitas coisas das revistas que meu amigo ganhou. Depois disso eu nunca mais perdi contato com quadrinhos. Sempre tinha um ou outro amigo que me emprestaria o que estava sendo publicado por aqui. Eu li “A Saga dos Clones”, “Massacre Marvel” (não me julguem, era o que tinha para o momento), “Hellblazer” e, claro, os mangás dos **Cavaleiros do Zodíaco**, porque não se falava em outra coisa na segunda metade dos anos 1990.

Eu já era um potencial colecionador. Só não tinha me dado conta, ainda. Até que, ao visitar uma amiga, encontrei em sua casa alguns números dos qua-



As primeiras edições da coleção, de primeira metade da década de 2000.



Pilhas e pilhas acumuladas em armpários de aço e embrulhados em sacos plásticos.



Mas depois você não quer perder nenhuma edição especial, mesmo que você já tenha lido as histórias.

drinhos dos X-Men, nessa época publicados pela editora Panini. Isso foi por volta de 2004 ou 2005. Não imagino o quanto de tempo isso pode representar para outras pessoas, mas eu já era um homem adulto, tinha cerca de 23, 24 anos. Então, esse espaço de tempo é apenas uma fração da minha vida. Parece que foi antes de ontem. Seja como for, foi dela que eu emprestei as revistas que seriam o começo da minha coleção. Se bem me lembro, eram os números 32, 34, ou algo que o valha. Eu comecei a ler, mais uma vez, sem entender nada. Era uma fase chamada “X-Tream X-Men”. Mas, com o passar das edições eu fui me situando nos cenários, reconhecendo as personagens. Eu me encontrei e me diverti. Não conse-

Frase icônica de uma história icônica.

guia mais parar. Era uma fuga da minha realidade, que retratava a minha realidade. acredite: ler X-Men sendo quem quer que você seja, já é uma experiência maravilhosa. Mas ler X-Men sendo uma pessoa LGBTQIA+ eleva a experiência a outro nível! Eu sentia o tempo todo que era de mim que estavam falando. Eu me via e me sentia ali dentro.

Tamanha foi minha tristeza quando minha amiga disse que estava encerrando a coleção de revistas, porque não poderia mantê-la. Eu já não podia mais “não saber” a continuação do que estava lendo. Então eu me comprometi a continuar comprando. Me esforcei um pouco e consegui as edições anteriores. Não parei nunca mais.



Alguns encadernados, eu guardo na minha estante.

Minha grande ilusão, no começo de tudo, foi pensar que me bastariam as edições mensais que traziam estampado na capa o título “X-Men”. Desde então, foram sagas, megassagas, minisséries, maxi-séries, encadernados... De repente eu queria ler tudo que se publicasse sobre os mutantes. Quando eu lia, viajava! Ficava emocionado algumas vezes (e algumas outras, pensava em como perdi meu dinheiro comprando aquilo, de tão ruim que era). Mas o amor só cresceu.

Eu passei – e passo – por todas as alegrias e angústias que é ser um leitor de quadrinhos. Edições atrasadas, distribuição ruim, papel pior, edições que compilam histórias horríveis e, claro, o aumento de preço. Mas há algo estranho: o amor continua crescendo. Quando a gente lê, a gente vivencia as experiências dos nossos heróis. Sentimos as dores dele, nos alegamos com ele. Em seguida, com algum cuidado, a gente coloca o herói num saquinho de polipropileno e junta ele na pilha de outras histórias que provavelmente nunca mais serão lidas. Depois, quando abrimos nosso armário, pensamos em quanto das nossas vidas a gente investiu “naquela pilha de papel” (como diz minha mãe). Mas também sabemos o quanto nos divertimos, o quanto aprendemos ou nos decepcionamos. A gente sabe que o caminho, às ve-

zes, é bem complicado mesmo. Mas, me ver inserido no universo dos mutantes, me sentir como eles, também me faz saber que minha vida é tão especial e tão trivial, quanto a de qualquer super-herói.

Hoje, a coleção ocupa dois armários de aço, que eu nunca tirei da casa da minha mãe. As edições mensais ainda guardo por lá. Pertinho de mim, apenas as edições de capa dura, porque onde moro não tenho espaço para colocar tudo – ou, essa é apenas uma das desculpas para visitar a casa dela. Não que eu precise de desculpas, mas a memória afetiva do adolescente que assistia ao desenho dos mutantes no final de todas as manhãs ainda está fortemente ligada à casa onde cresceu. Por isso, onde seria um lar melhor para meus heróis repousarem, senão na casa onde tudo começou?



No início, você tem a ilusão que se contentará com as edições mensais.



#2

**FOI MEU PAI
QUEM ME ENSINOU**

Capítulo 2 FOI MEU PAI QUEM ME ENSINOU



Victor Matheus

Enquanto alguns podem ter problemas com os companheiros de residência por colecionar – afinal, isso gera gastos, pode gerar bagunça, ocupar um espaço considerável da casa, ou o que quer que seja que pode incomodar quem mora com você – há aquelas pessoas que já são educadas dentro da “cultura” do colecionismo. As novas gerações são filhos de pessoas que já traziam na bagagem o histórico de gostar de quadrinhos, super-heróis e jogos eletrônicos.

Victor Matheus tem apenas 24 anos. O pai, policial, era fã dos quadrinhos da Marvel e acompanhou uma fase muito lembrada entre os colecionadores mais antigos: a era dos formatinhos. Assim, o publicitário acredita que já nasceu com uma “veia nerd”. Desde cedo já lia quadrinhos. A mãe, *gamer* “das antigas”, possui um Atari, que usa para matar a saudade dos anos em que tinha tempo para jogar videogame. O irmão mais novo, que nasceu na era do *streaming*, administra a conta na loja PlayStation, onde eles compram os jogos que instalam no console de casa.

Com esse ambiente favorável, foi praticamente natural que Victor se tornasse apaixonado por HQ, figuras de ação, jogos e filmes com temática *nerd* e *geek*. O quarto possui um móvel dedicado somente a isso. Uma dessas estantes de nichos, que se estende do chão ao teto, abarrotada de quadrinhos de capa dura, mangás, figuras de ação, estatuetas e uma variedade

enorme de brindes de cinemas e lanchonetes (que vão desde baldes de pipoca até latinhas de refrigerante).

À época de nossa conversa, havia um clima de ansiedade (e um pouco de correria também) na casa do Victor. O rapaz estava às vésperas de se casar. No quarto, a cama que dividia espaço com um rack para TV estava lotada de lembrancinhas e itens de decoração que seriam usados no evento. A noiva não estava em casa, fazia uma prova importante onde o Victor iria buscá-la assim que terminasse. O telefone tocou várias vezes durante nossa conversa. Mesmo assim, o jovem foi atencioso e sempre solícito. Parecia calmo, mesmo com a iminência de uma mudança tão importante na sua vida.

A noiva, ele conheceu na faculdade. Estudaram juntos em algumas disciplinas, embora não tenham feito o mesmo curso. Ela é pedagoga. Sorte do noivo, sua parceira, assim como sua família, entende com boa vontade o colecionismo. Embarca na brincadeira algumas vezes. Já gostava dos filmes da Marvel antes de conhecê-lo. Os dois são evangélicos.

Fã de *Hellboy* e *Motoqueiro Fantasma*, a religião até poderia causar alguma espécie de conflito. Pelo contrário, Victor é super tranquilo com relação a isso. É interessado em leitura e acredita que há muito o que se conhecer em certos livros que alguns consideram como leituras proibidas. Há muito mais curiosidade do que ojeriza no jovem. Ele se coloca à disposição do aprendizado.



Marvel, DC, animes - é difícil acompanhar.



Meu Homem-Aranha já deve estar juntando teias de verdade.



Lembranças e enfeites para a festa de casamento dividem espaço no quarto, junto à coleção

Não tem medo de experimentar. E foi assim que acabou juntando alguns arrependimentos também. Já trouxe para casa quadrinhos dos quais se arrependeu. Mas, desses, não teve dúvidas na hora de se desfazer. Não é lá muito apegado e se separa fácil das leituras que não gostou. Não é preciosista, inclusive, nas diferenças das edições que completam as histórias que acompanha. Possui vários encadernados de épocas diferentes, que vão completando o mesmo arco. As lombadas descasadas não fazem muita diferença. Acha um pouco mais difícil de olhar para a estante apenas quando se misturam mensais com encadernados. Mas, mais importante que o visual é a questão financeira.

Essa, aliás, foi a única questão levantada pelos pais, quando viram a coleção começar a tomar muito espaço. Queriam que o filho tivesse cuidado, não se tornasse compulsivo. Mas havia esperança de que o controle chegasse quando as responsabilidades fossem chegando também. Numa sinalização de que isso realmente se concretizou, o publicitário comenta que, devido às despesas do casamento, a coleção desacelerou. A verba que separava todos os meses para o acervo (e que, vez por outra, extrapolava porque perdia o *feeling*) minguou. Precisava cuidar da festa e da futura casa. Ainda está decidindo se vai levar a coleção para lá. Mas já pensando em como vai cuidar de tudo quando, um dia, os filhos vierem.

Caso tenha o mesmo cuidado que seus pais tiveram,



O móvel que guarda os quadrinhos mostra que Victor não é muito ligado à organizar o acervo.



As lombadas de A Espada Selvagem de Conan, ainda em lançamento.

possivelmente, vai jogar *videogame* com as crianças. Victor e o irmão dividem tempo com o pai, em frente à TV. Disputam partidas de futebol no PlayStation 4 que compraram dando o 3 como entrada. A única maneira possível, alega. “Os consoles estão cada vez mais caros. O Play 5 custa mais do que paguei em meu primeiro carro!”

Mas não investe muito tempo em jogos. Deixa isso a cargo do irmão. Prefere assistir a filmes. Esses ele tem aos montes. E com estes ele realmente é apegado. Gosta de comprar caixas colecionáveis. Quando as edições vão se renovando, preserva as antigas. Não quer perder as dublagens que considera clássicas, nem os



extras. E tem uma facilidade enorme para gostar de filmes. Sabe que não é muito exigente nesse quesito. Acaba acumulando vários por isso. Empilhados no rack sem TV que fica no quarto, são incontáveis as caixas de Blu-ray e edições especiais de longas-metragens. Juntos a eles, também em pilhas, os livros que acumulou ao longo dos anos.

Foi por causa dos filmes que comprou sua primeira figura de ação. O exemplar de Robocop, da Neca, ainda está na prateleira. Comprou no começo da adolescência quando estava viajando junto com a família. “Minha primeira viagem de avião” – relembra. Gostava do personagem por causa dos filmes da década de

Uma parte pequena da quantidade enorme de DVDs que encontramos pelo quarto.



Num canto singelo, os livros que o publicitário guarda desde a adolescência.

1990. Pediu o cartão da avó para fazer a compra. Passou dez meses pagando com a mesada que ganhava por realizar tarefas domésticas. Era disciplinado.

Com esse mesmo dinheiro, comprou os primeiros exemplares de sua coleção de quadrinhos. Começou com Conan e com Mulher-Maravilha. Não pareciam bem o que se pode chamar de leituras leves. O conteúdo violento o fez mutilar um tanto as revistinhas. Parece que a mãe não gostou muito do viu. Não foi empecilho para continuar. Mas, atualmente, já desistiu das mensais. Prefere comprar as capas duras. Acha melhor para acompanhar os arcos das histórias já que essas edições encadernadas, normalmente, possuem arcos fechados, com início, meio e fim. Mesmo assim ainda há uma certa cronologia que o confunde quando passa muito tempo sem acompanhar as sequências.

Regularmente, só mesmo a assinatura que fez dos encadernados de Conan. Ficam no escritório do pai, em nicho separado, formando o nome gigante, em letras amarelas, do protagonista. Comparado a ele, só mesmo os mangás que acompanha. Mas não é muito organizado, seja qual for a coleção. Não é muito inclinado à limpeza do acervo. Os bonecos acumulam poeira. Não pede que outras pessoas limpem também. “Melhor, não... Melhor que eu mesmo mexa.”

Afinal, quase tudo é fruto do seu trabalho. A coleção só aumentou mesmo depois que passou a receber salário. Com o primeiro emprego, aos 19, pôde investir nos passatempos. Adicionou alguns “*must-*

-read” ao conjunto. Quando trouxe “V de Vingança” e “Superman VS Muhammad Ali” nem sabia que eram itens considerados importantes entre os leitores da mídia. Agora estão entre os “mais queridos”. Foram os gatilhos para considerar que evoluiu de leitor para colecionador.

Com esse “*insight*”, passou a pesquisar para conseguir edições mais importantes. Para algumas aproveitava o vale refeição que recebia da empresa, já que levava o almoço de casa. Para outras, entrava em grupos de WhatsApp no intuito de saber o que deveria comprar, pegar dicas de edições que poderiam se esgotar (e acabar se tornando mais raros e, como consequência, mais caros) pesquisar preços ou até pegar edições de outros leitores que estivessem vendendo. Não se importa de ter itens usados.

Embora ainda seja muito jovem, a relação com o colecionismo já se faz antiga para o publicitário. É um acervo rico, variado – e um pouco confuso também. Uma primeira olhada pode fazer o visitante pensar que ela não possui um foco. E nem precisa ter, se querem saber o que penso. O garoto que cresceu na Barra do Ceará e gostava de brincar na praça do bairro, hoje está prestes a sair de casa para começar sua própria jornada. É um adulto, mesmo que ainda seja fã do Ben 10. A essa altura, quando já perdeu a conta dos itens que possui, as energias se concentram na nova empreitada. A única coisa que sabe, de fato, é que quer colecionar para sempre.



Victor, que preferiu posar segurando uma edição de quadrinho nacional



#3

**QUADRINHOS
DO BATERA**

Capítulo 3 QUADRINHOS DO BATERA



Gustavo Fernandes

Colecionar quadrinhos nos revela muitas surpresas. Quando se costuma ler comics, você tem a vantagem de acompanhar por muitos e muitos anos heróis que, certamente, nunca morrerão (ou voltarão dos mortos, caso isso aconteça), porém, suas vidas estarão estagnadas e eles nunca envelhecerão. Isso faz com que suas histórias se alternem em fases. É muito complicado que um personagem que seja escrito há 60, 70 anos, não tenha períodos de histórias ruins. Mas, se você preferir ler mangás, poderá viver a evolução do seu personagem “de zero a herói”. Ele passará por mudanças, vai crescer, talvez se casar e até ter filhos. Mas essa história, cedo ou tarde, vai terminar e você ficará “órfão” de seu herói. Não preciso dizer que há exceções em ambos os casos.

Porém, há algo faltando nessa equação. Não existem apenas quadrinhos de super gente. Histórias em quadrinhos podem retratar desde acontecimentos históricos importantíssimos como passagens de vida tão singelas que poderiam ser vividas por nós mesmos, leitores. E seja qual for a ocasião, aqui em terras brasileiras há autores que fazem isso de maneira maestra. E não é que autores nacionais não escrevam sobre super-heróis. Mas esse nicho é dominado pelo mercado americano há tanto tempo que assim que se fala em superpoderes logo nos vem à mente alguém vestindo um colante vermelho e azul (ou algo que o valha).

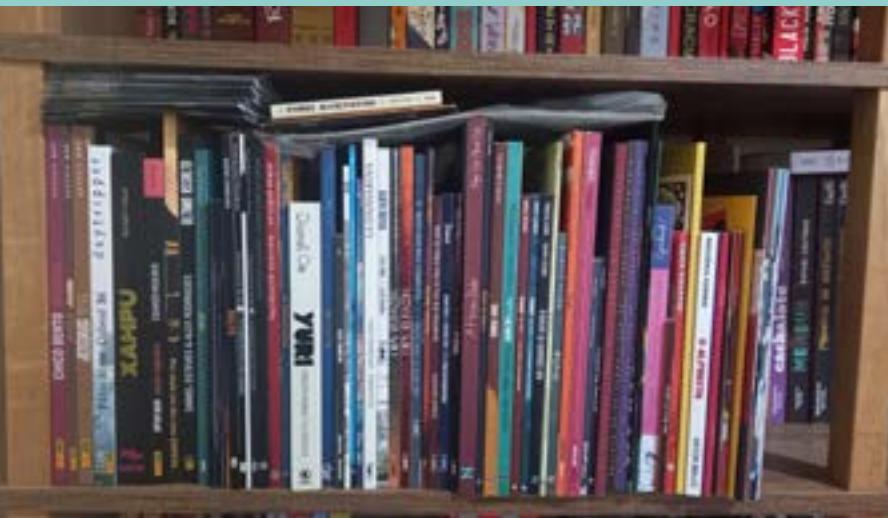
Conversar com Gustavo Fernandes foi, basicamente, tratar sobre essas diferenças. O consultor ambiental coleciona principalmente quadrinhos nacionais. A estante, no quarto, nos apresenta um mundo que pode não ser muito conhecido mesmo para os colecionadores mais antigos, como é meu caso. Os heróis até estão presentes, mas são as histórias de cotidiano que o fascinam de verdade. Há exemplares argentinos, alemães, americanos (os grandes autores, como Alan Moore e Neil Gaiman também estão lá). Mas Gustavo faz questão de reforçar: “Os quadrinhos brasileiros não deixam nada a desejar para nenhum país. A produção nacional é intensa e há materiais de altíssima qualidade!”

A paixão não começou recentemente. Leitor de HQ desde criança, fez um caminho parecido com o de muitos: adorava os gibis escritos por Mauricio de Souza. Acompanhou por um tempo a Turma da Mônica, mas, vendo um primo mais velho segurando a edição tripla de Senhor dos Anéis, aos 14, começou a acompanhar a saga de Frodo. Tomou gosto pela literatura. E seguiu assim por um bom tempo. Procurou ler os autores da literatura brasileira – o que soa como uma tendência. Continuou distante dos quadrinhos até terminar a faculdade.

Formou-se na Universidade Estadual do Ceará. Hoje é mestre pela Universidade Federal. Trabalha junto às Associações De Catadores De Materiais Recicláveis. Teve que aprender a lidar com pessoas.



Entre os encadernados, a placa com o logo do projeto.



Quadrinhos nacionais e de outros países se misturam nessa parte do acervo.



Quadrinhos brasileiros - o principal foco de Gustavo.

No início, se considerava tímido. E me parece um pouco até agora. Não é o tipo de aluno que sempre levanta a mão em sala de aula, embora saiba as respostas que os professores esperam. Prefere guardar sua opinião para si na maior parte do tempo, deixa as outras pessoas brilharem.

Mesmo hoje, quando precisa avaliar os materiais em quadrinhos que recebe, age com discrição. O que tiver de ruim para dizer a respeito de um trabalho, opta por fazer no privado. Mas fala publicamente quando a avaliação é positiva e achou uma maneira para fazer isso acontecer. Mantém uma conta no Instagram onde fala exclusivamente de quadrinhos. Teve que trabalhar a timidez para poder lidar com a câmera.

É um trabalho prazeroso, admite. Mas nem sempre é fácil. Precisa recomendar as gravações várias vezes. Faz uma autoavaliação muito severa. Gosta de ter cuidado com as palavras, mas não por ter receio de ser “cancelado”. É que acha desagradável ser grosseiro na internet. Não sente essa necessidade. Acredita que o autor que manda um trabalho, sabe que será avaliado. Mas, se ele tem mesmo que melhorar alguma coisa, melhor dizer a ele, né? Segue essa filosofia.

Quando tem tempo, senta-se em frente à sua bateria. Faz um certo barulho em casa. Nunca tocou profissionalmente embora esteja em uma banda (cujo convite surgiu, justamente, de alguém que o acompanhava pela internet). Toca desde os 10 anos.

“Eu batia lata, tudo que via pela frente. Comecei a ter vontade por causa dos videoclipes que via na TV. Meu pai acabou me colocando na escola de bateria.” – desabafa. Da banda, ainda não escolheram o nome. Vão aos bares para beber na tentativa de encontrar um. Parece que ainda vão tentar mais algumas vezes até dar certo...

Quando se encontrou nas coisas que amava, HQ e bateria, montou o perfil com um nome que sentiu que fosse apropriado: “Quadrinhos do Batera.” Um passatempo que leva bastante a sério. Distribuiu adesivos pelos coletivos da cidade. Isso quando ainda achava necessário usar os coletivos. Hoje, prefere andar de bicicleta. Vai à toda parte pedalando. Até tatuou na perna um desenho todo baseado nas “magrelas”.

Amor maior, só o que sente pela namorada mesmo. Apresentou a ela os quadrinhos que lê. A moça até tomou gosto, tem suas preferidas. Mas Gustavo também. Surpreendentemente (ou não, né?), o coração não escolheu o item favorito da coleção pelo conteúdo, mas, pela história de como veio parar em suas mãos. A edição de *Watchmen* que possui, tem um significado diferente do restante do acervo. Conseguiu de um antigo colecionador. Pagou baratinho,

A estante que fica do lado de fora do quarto seria o lugar dos livros, mas guarda quadrinhos também.





A autorreferência em meio aos pôsteres de quadrinhos.

menos do que o mercado costuma cobrar. Ficou amigo do vendedor, que é de outro Estado. Conversaram durante muito tempo pela internet, trocaram correspondências. O antigo dono, colecionador veterano, não gostaria de entregar sua edição definitiva para alguém que não sentisse que teria o mesmo cuidado que ele. Isso deixou Gustavo emocionado. Para ter o quadrinho em mãos, teve que buscar em Recife, na casa de uma amiga a quem o vendedor original entregou. Uma verdadeira odisséia. Hoje se comunicam pouco. Mas ainda existe a vontade de ir ao encontro desse amigo improvável.

Difícil mesmo é escolher entre os quadrinhos e a bateria. Impossível dizer qual o preferido. O jovem é amante do rock. Gosta de sair para beber com a namorada e os amigos. Não é muito cinéfilo, prefere os besteiróis. Mesmo com título de mestre, não faz lá a linha intelectual. Tem a fala tranquila. Parece estar sempre preocupado com o bem-estar de quem está por perto. Deixa as coisas em ordem, sob controle. Talvez por isso tenha tanto ciúme dos

quadrinhos que guarda.

A estante divide espaço com a bateria, a cama e o guarda-roupas no seu quarto. Aos pés da cama, uma escrivaninha. Já quase não há espaço para novas edições. A pretensão é aumentar as prateleiras quando a necessidade surgir. Até lá, segue devagar. Admite a compulsão pela compra. Mas colecionar ensinou a ser paciente, a aprender a esperar os melhores preços. Nem tudo se pode (ou se deve) ter no momento do lançamento. Demorou um pouco para entender isso e fez algumas escolhas não muito boas no processo.

Na coleção de quadrinhos não está apenas sua identidade, mas o suor do seu trabalho. “Portanto, trate-os bem.” – os quadrinhos, obviamente. Não se livraria deles por quase nada nesse mundo. Sabe o quanto economizou para ter eles ali, na estante. E o quanto eles o ensinaram sobre muitas coisas. HQ não precisam contar apenas grandes atos heroicos. Essas histórias contam também passagens de vida, decepções, superações. Alguns são relatos tão pesados que precisam de pausas durante a leitura. E é assim que o con-



A bateria que dá nome ao perfil de Gustavo, onde ele fala sobre suas leituras.



A bateria antiga, elétrica, hoje serve de apoio para os quadrinhos.



sultor vai se perdendo.

A memória, às vezes, lhe prega peças. Ao ler várias histórias ao mesmo tempo, acaba se desentendendo. Algumas vezes já teve que recomeçar a leitura do início porque não lembrava de nada do que havia lido naquela altura. Essa distração foi um dos fatores que o fez, aos poucos, desistir dos quadrinhos americanos. Era complicado acompanhar a cronologia que já era muito longa antes mesmo do Gustavo nascer. Assim, foi pesquisando, ouvindo os conselhos de quem davam os Youtubers. Descobriu os quadrinhos brasileiros. Resolveu estacionar aqui.

Está sempre apoiando financiamentos coletivos. Aposta nos autores menores. Acredita que esse é o caminho para os quadrinhos nacionais. A produção é boa e anda em alta, mas o mercado não está bom. Nunca é, quando se fala em viver de cultura. Menos ainda quando seu nome não é tão conhecido. Por isso, acha justo divulgar os trabalhos, mesmo que não receba para tal. Estranho ouvir isso de quem se considera, afinal, materialista, por gostar tanto das histórias

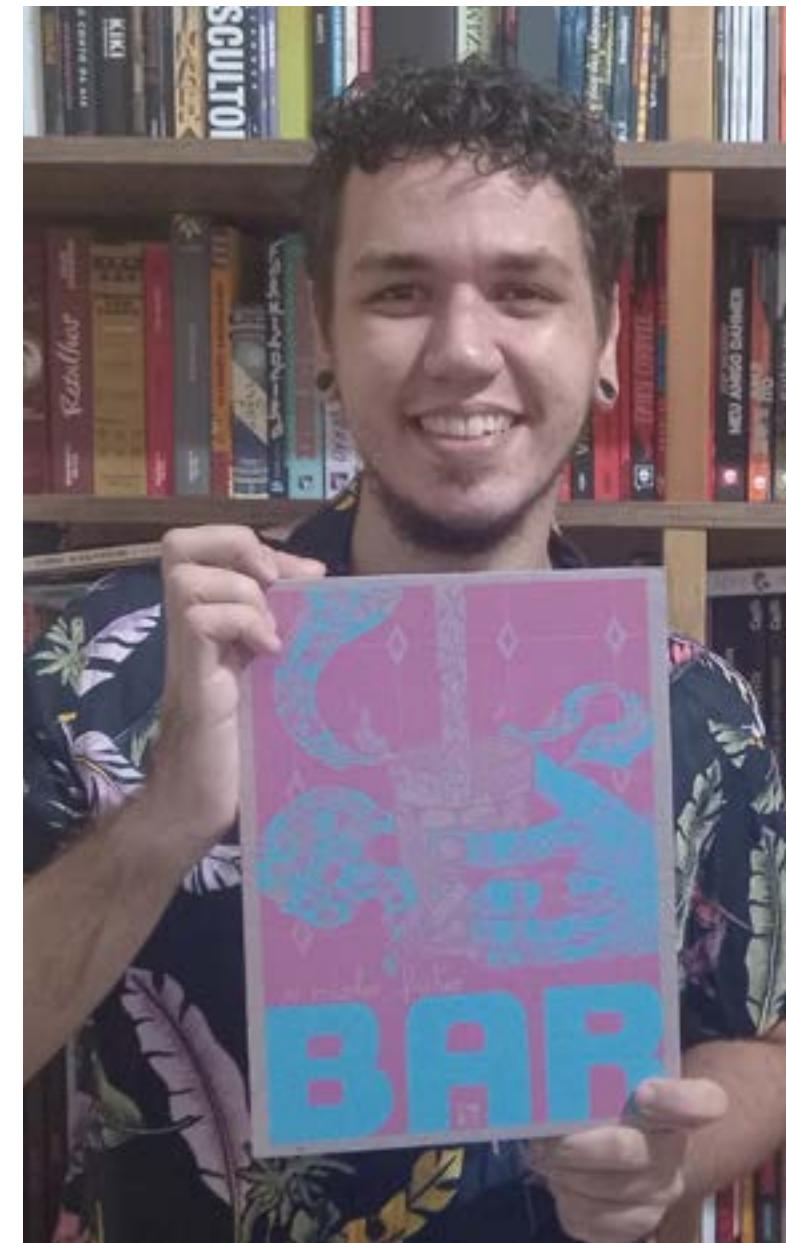
A estante, bem organizada, setoriza os quadrinhos.

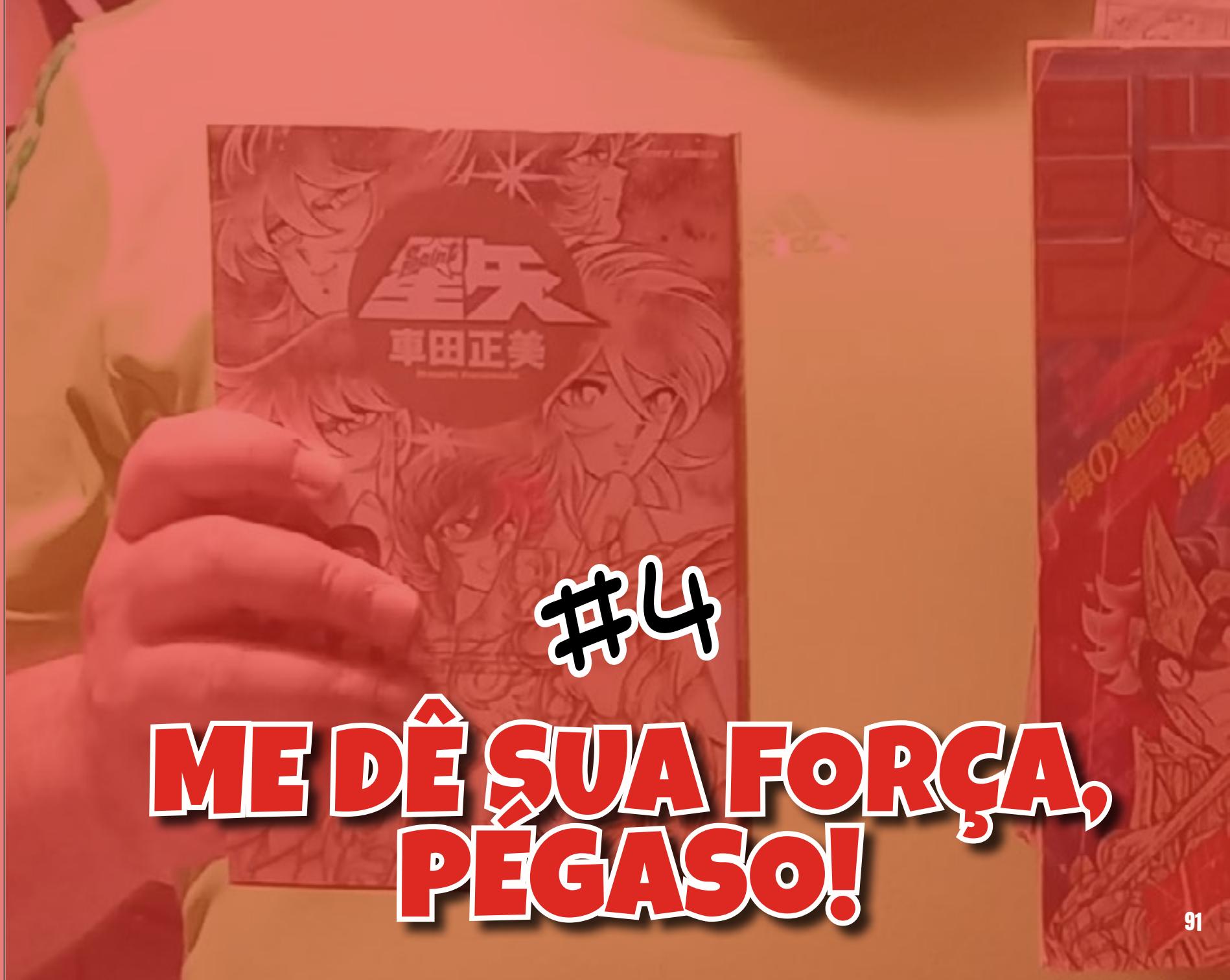
que lotam suas prateleiras. Alguns, que já extrapolam o espaço do quarto, ficam em caixas ali pela sala.

Mas a família não reclama. A relação com eles é boa. Vieram de Caucaia para Fortaleza anos atrás. Moram em casas diferentes do mesmo terreno. Gustavo divide espaço com os pais. Chegou na capital já adolescente e sente uma certa saudade de visitar o bairro onde cresceu. Acredita que teve uma infância feliz, numa época em que era bom brincar na rua. Hoje, já não tem muitos amigos, apesar de conhecer tanta gente. A internet lhe proporciona isso.

Muitos mesmo, só os volumes que se somam do lado da bateria. Numa maneira de, talvez, encontrar um caminho para expressar o que passou tanto tempo segurando. Ainda que, para colocar para fora o que sente, tenha que fazer isso exaltando os trabalhos de outras pessoas. O rapaz que não guarda mais sua opinião apenas para si, agora, a usa para divulgar o que os autores brasileiros têm a dizer quando contam suas histórias nos quadros de suas obras. Gustavo prefere, como sempre, deixar as outras pessoas brilharem.

Bar é o quadrinho que mais remete aos amigos do baterista, lembra as aventuras nos bares da cidade.





#4

**ME DÊ SUA FORÇA,
PÉGASO!**

Capítulo 4 ME DÊ SUA FORÇA, PÉGASO!

Max é tranquilo na fala. Estava voltando da praia com os pais quando me recebeu em casa. O advogado de 36 anos não é muito fã da própria profissão, mas exercê-la preenche seus dias e financia a vasta coleção de quadrinhos que tomam conta do quarto onde ele dorme e de mais um cômodo do apartamento, onde os exemplares de gibis antigos e mangás se enfileiram, pesando nos armários de parede acima das nossas cabeças. Me recebeu na cozinha, preparando feijão com queijo para nosso almoço. O pudim para sobremesa já estava pronto quando cheguei.

A vida do Max não é o bem o que podemos chamar de simples, mas, vamos do começo. Nos anos 1980 ele dividia a infância com a irmã em um bairro nobre da capital. Adulta, a irmã se mudou pra outra cidade. Max ainda mora com os pais em um condomínio construído exatamente onde ficava a casa em que passou a infância. Pessoalmente, não consigo definir se isso é alguma espécie de coincidência.

Crianças, Max e a irmã investiam horas de diversão montando Lego, seu brinquedo preferido. Eram irmãos unidos. Alguns dos brinquedos estão na casa até hoje. Eles tinham muitos. O apego pelas coisas, digamos, palpáveis, é, para ele, um retrato de sua geração. “As gerações mais recentes já nasceram em um mundo digital, elas não possuem a necessidade de guardar coisas porque o acesso é muito mais fácil que na nossa época, quando a gente tinha que gravar

episódios em **VHS**, porque não sabíamos quando poderíamos assisti-las de novo.”

Assim, os anos 1990 fizeram Max se encher com essas fitas de vídeo, onde ele gravava os episódios de Cavaleiros do Zodíaco e das séries **tokusatsu** e **super sentai** exibidas na TV Manchete. Foram essas séries, que via quando era criança, que fizeram ele se apaixonar pela cultura japonesa. Quando pôde, Max, inclusive, começou a estudar a língua. Não concluiu o curso, mas gostaria de continuar qualquer hora. Os VHS? Todos armazenados no guarda-roupa, mesmo que não seja possível tocá-los sem um aparelho de videocassete.

Lá atrás, quando aprendeu a ler, tomou gosto. Não consegue lembrar como a primeira revistinha em quadrinhos chegou às suas mãos, mas lembra que pediu de presente de aniversário uma assinatura da Turma da Mônica. Descobriu a numeração nos expedientes das revistinhas e achava legal ter elas numeradas em ordem. Conferia até as datas de publicação. Foi o início da coleção. No meio dos quadrinhos antigos, esses gibis ainda estão lá, alguns com o nome da irmã escrito – eles dividiam as leituras. Muitos deles lidos várias vezes. Tornou-se seu passatempo preferido.

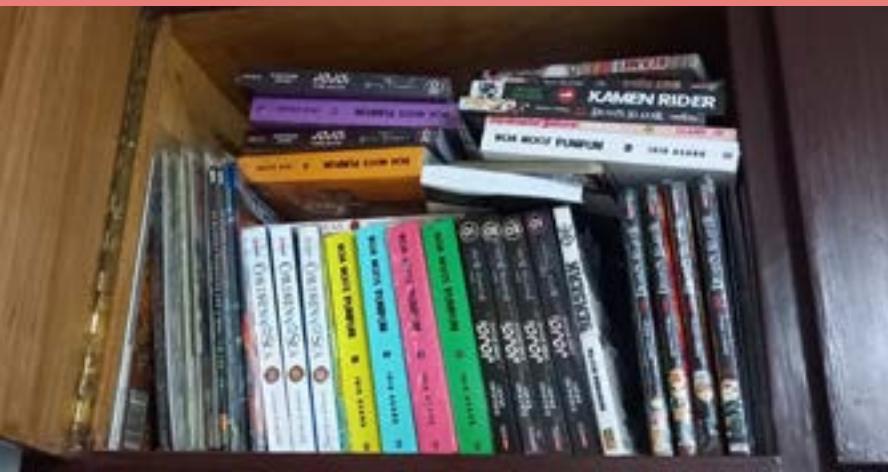
Como naquelas circunstâncias – “a era analógica”, como ele gosta de chamar – não havia entretenimento disponível a todo momento, guardar as revistas para ter o que ler era a única opção para ter sempre



Raridades de Cavaleiros do Zodíaco - a última edição da Shonen Jump onde os personagens foram publicado e a edição especial com capa dourada.



No maleiro,
as edições
importadas do
Japão.



divertimento à mão. Seria um desperdício jogar fora. O ideal era guardar para poder reler sempre que quisesse. Assim, os números foram se aglomerando dentro de uma gaveta, até que, na adolescência, o boom dos Cavaleiros do Zodíaco no Brasil despertou uma outra paixão: os animes.

Não era difícil gostar de animes na primeira metade dos anos 1990. Afinal, não se falava de outra coisa. Foi quando começaram a se acumular os VHS. Mas comprar mangá mesmo, isso só começou depois. Antes, ele já havia migrado dos gibis infantis para a leitura juvenil. Mesmo sem perceber o teor político, apegou-se aos X-Men. Para Max, tudo que tinha ali ainda era o mais puro entretenimento. Apenas com a maturidade ele foi conseguindo entender que os quadrinhos que ele lia falavam, também, de sua sexualidade. E como todo bom leitor de quadrinhos mensais, as edições dos mutantes também foram se empilhando e tomando conta do quarto.

Certa vez, já adulto, fuçando os livros da livraria do aeroporto de Fortaleza, Max deu de cara com o man-

gá número 01 de Cavaleiros do Zodíaco. Foi uma surpresa pra ele, pois não sabia até então que os quadrinhos japoneses estavam sendo publicados no Brasil. A empolgação de poder ler a revistinha em formato original, com a leitura da direita pra esquerda, foi tanta que não pensou duas vezes: levou a edição pra casa. Começava mais uma coleção. O amor pelos personagens de Masami Kurumada nunca diminuiu. A coleção de Max ostenta várias edições originais do Japão, das quais ele só consegue ler alguns balões. Entre elas estão exemplares reeditados, com capas especiais, que importava pelo eBay. No maleiro do guarda-roupas ficam as edições gigantes da Shonen Jump com as publicações de Cavaleiros – e de muitos outros – datadas dos anos 80, as páginas amareladas, desgastadas, denunciando que as revistas foram manuseadas muitas vezes.

Mas há uma certa discrição dele ao mostrar algumas coisas. A conversa, sussurrada em alguns momentos, me deixa desconfiado. Não é muito bom que os pais vejam algumas das coisas que ele tem guar-





A cima:
Max montou prateleiras no quarto para armazenar os quadrinhos - certamente, não foi o bastante.

dadas. Não são muito compreensivos. Entendem mal os hábitos de colecionador do filho. Os vários conflitos, por diversos motivos, já levaram a família a episódios severos de estresse. No ápice da situação, o pai de Max chegou a rasgar vários de seus quadrinhos, aos berros de que estava rodeado por lixo, destruiu até o que não fazia parte da coleção - Max me mostrou a carta de um amigo de outro Estado, com quem se comunicava via Correios, dividida ao meio. A pressão culminou com uma tentativa de suicídio, evitada, felizmente, por amigos que entenderam a mensagem de despedida que Max deixou em suas redes sociais. Antes da tentativa, ele deixaria os quadrinhos como herança para duas pessoas que



ele acreditava que cuidariam bem do acervo. Eu fui uma delas...

Hoje a convivência está mais branda. A família faz acompanhamento com psicólogo. Ainda assim, Max prefere ter cautela. A mãe convive melhor com ele. Cedeu outro cômodo da casa para que o filho pudesse organizar melhor o espaço ocupado pela coleção. O quarto de Max é tomado por livros e quadrinhos de capa dura. As paredes ostentam duas prateleiras enormes, tomadas por lombadas coloridas. Abaixo, a escrivaninha com um balcão de pedra mostra duas fileiras de mais quadrinhos, além dos que estão empilhados. Há mais no móvel abaixo da escrivaninha



Do outro lado do quarto, os livros.

e na mesa de cabeceira. No guarda-roupas, os ternos dividem espaço com caixas de plástico; a bicama, em forma de gaveta, onde Max dorme, quando puxada, revela, ao invés de um colchão no que deveria ser a cama de baixo, mais quadrinhos. E nas prateleiras da parede do lado do dormitório, fileiras e fileiras de mais livros, além da estante aos pés da cama.

Depois de me mostrar tudo que há pra se ver no quarto – e eu não estou falando de pouca coisa – vamos até o outro cômodo, onde os armários de parede guardam as coleções de mangás e de quadrinhos em formatinho, de quando eram publicados pela editora Abril. É praticamente impossível chutar a quantidade imensa de exemplares. Muitos deles ainda nem abertos, uma vez que não Max não consegue tempo hábil

Há quadrinhos por toda parte.

para colocar a leitura em dia. Quando perguntado sobre o que estaria lendo naquele momento, o rapaz me surpreende mais ainda: na cabeceira da cama, 15 volumes, misturando livros e histórias em quadrinhos.

O advogado ainda luta contra a depressão. Mas não consegue definir um propósito para sua coleção. Tem os pés fincados no chão e nunca cedeu à fantasia proposta por esse tipo de leitura. Nunca quis ser como um desses “hominhos de cueca pra fora da calça”. Mas também não é lá muito extrovertido. Prefere ler seus quadrinhos do que ir às baladas. Ou dormir. O tempo de colecionador fez dele uma autoridade no assunto. Cita com facilidade os nomes dos dubladores dos animes, os números das edições onde houve cada acontecimento e até as modificações feitas em





Do outro lado do quarto, os livros.

cada relançamento e sobre a cultura de trabalho dos mangakás em seu país de origem.

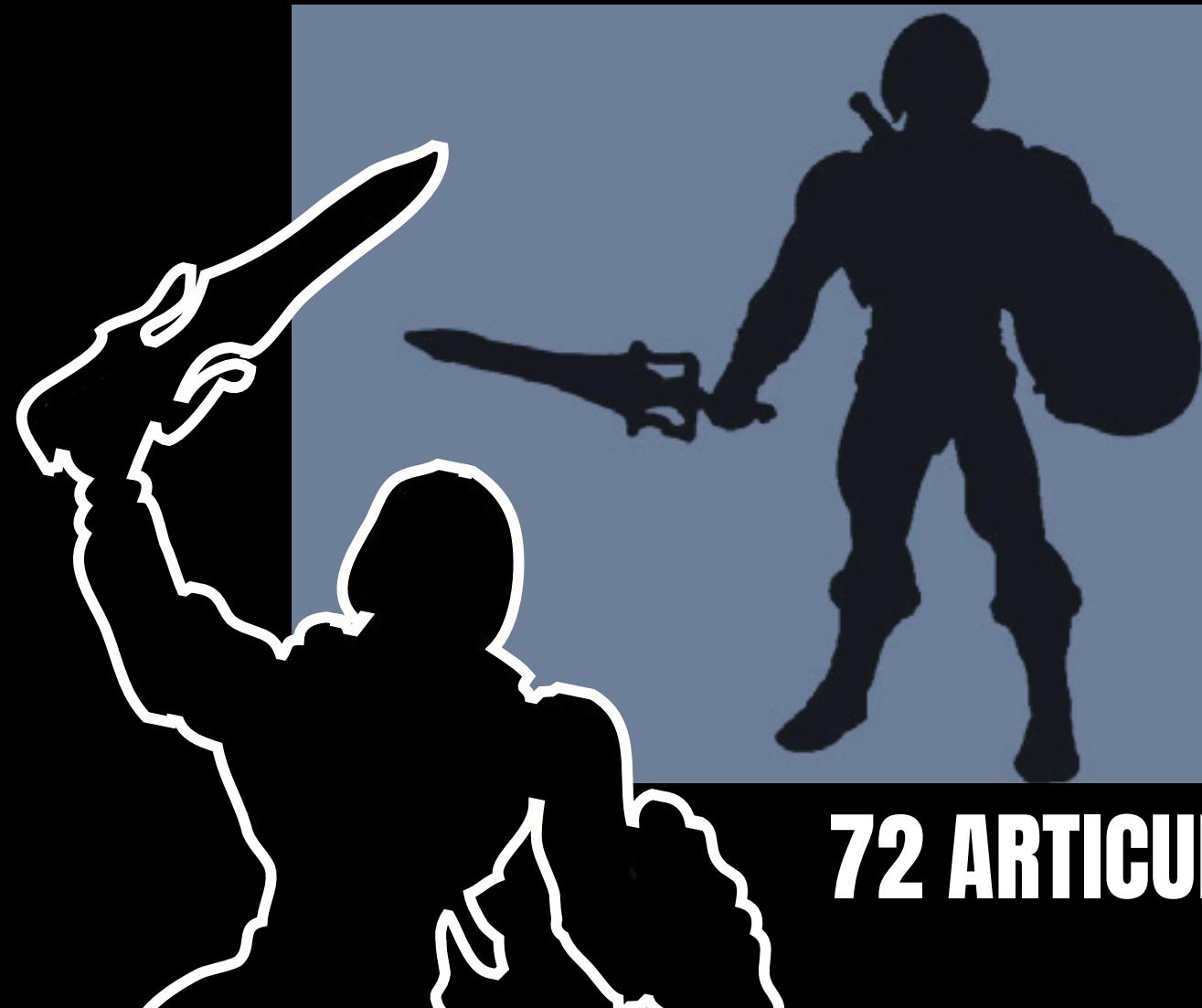
A maturidade o fez desapegar-se das edições mensais. Agora prefere as encadernadas. Não pensa em parar de colecionar, mesmo não sabendo bem onde vai colocar tudo que for juntando. Deixa essa dúvida pro futuro. Quando fotografado, fez questão de segurar uma edição dos Cavaleiros. Todos os assuntos, ele trata com leveza. Mesmo os mais complicados. Durante nossa conversa, Max me contou que não costumava arrumar a coleção e ele mesmo não saberia dizer tudo que tinha. Dias depois, mandou-me as fotos das listas que estava fazendo – e das revistas reorganizadas. Resolveu catalogar tudo. Gostaria de saber se ele concluiu...



A mesa do advogado ostenta muitos livros da área do direito.

ANTOLOGIA

003



72 ARTICULAÇÕES

72 ARTICULAÇÕES

CAPÍTULO 01 – GRANDE HERA

CAPÍTULO 02 – É HORA DE MORFAR

CAPÍTULO 03 – MAY THE FORCE





#1
GRANDE HERA

Capítulo 1 GRANDE HERA



Gambit Cavalcante

Se me lembro bem, era Natal de 2007. Estávamos na casa de minha mãe, porque sempre comemoramos o Natal lá. Depois de meia noite, começamos a abrir os presentes e havia uma caixa embalada com tema de loja de brinquedos. Mas não havia crianças na casa. Eu olhei para o meu esposo pelo canto dos olhos e abri um sorriso pelo canto da boca. Na ocasião, ele me disse que eu tinha o dom de estragar qualquer surpresa. Naquela noite, eu ganhei minha primeira boneca da **Mulher-Maravilha**. Mas o que eu sentia pela personagem vinha de muito, mas muito antes daquele Natal.

Há relatos maternos que dão conta de que eu gostava muito do seriado da *Wonder Woman*, estrelado pela atriz Lynda Carter, exibido nas tardes da Globo no começo dos anos 1980. Eu não me lembro muito bem disso, mas não chego a duvidar. Meu amor pelos super-heróis começou nessa época, com os Super Amigos. E a Mulher-Maravilha já era minha personagem favorita. Esse apego pelas personagens femininas se repetiu ao longo da vida. Eu passei pela Diana de **Caverna do Dragão**, She-Ra, Chun-Li, Sonya Blade, Kitana, Mai Shiranui, Athena Asamiya. Eu gostava do Shun de Cavaleiros do Zodíaco e odiava o desenho Shurato por não ter nenhuma garota entre os protagonistas. Em *X-Men*, eu sempre preferi a Tempestade – mas quem é que não prefere, não é mesmo?

Quando comecei a comprar quadrinhos, não de-

morou muito para incluir os da amazona na minha conta da revistaria. Descobri por acaso, porque eu ainda era iniciante, que ela estava sendo publicada na revista com o nome “Superman & Batman” que, apesar do título, trazia mensalmente em suas páginas histórias de vários outros personagens. Não foi muito difícil conseguir as edições anteriores. Desde então eu vivi toda sorte de aborrecimentos quando se fala sobre publicações de personagens menores no Brasil. Material escasso, coisas que nem chegavam aqui em Fortaleza por conta da distribuição setORIZADA da editora, ter que ver a Mulher-Maravilha saltando de título em título, onde, em quase nenhum deles, ela sequer aparecia na capa. Eu lembro que isso só começou a acontecer quando ela passou a ser publicada nas páginas de “Melhores Do Mundo”, um outro título que, assim como “Superman & Batman”, também publicava edições de heróis variados, mas tinha a amazona como carro-chefe. E ainda assim o título durou muito pouco tempo – era de se esperar: junto de Mulher-Maravilha, o mix da revista tinha títulos fraquíssimos que, na época, estavam todos em uma péssima fase.

A cristeleira que guarda toda a coleção - a não ser os quadrinhos da heroína.





Durante anos, várias camisas passaram pela coleção, mas se estragaram com o uso.

Depois dos quadrinhos, comecei a comprar camisas. Já era perceptível que eu gostava da Diana. E foi por isso que meu então esposo teve a ideia de me dar uma boneca. Percebam, das três coleções que mantenho, parece que a da Mulher-Maravilha deveria ter sido a primeira (e talvez a única) que eu deveria ter começado. Hoje, é a que mais tenho apreço e, com certeza, é nela que mais invisto. Mas foi a última que comecei (ou que começaram para mim, na verdade). No entanto, ela é meu amor mais antigo. Um gostar latente que acabou se manifestando fisicamente bem mais tarde na minha vida e, como das outras vezes, por acaso.



Bonecas baseadas no filme para o cinema.

Aos poucos, as outras bonecas foram aparecendo – pode chamar de “figuras de ação” se quiser, para mim, são bonecas. No final dos anos 2000 o dólar ainda tinha valores acessíveis e eu conseguia importar pelo Ebay sem maiores problemas. Quase nunca era taxado e as encomendas chegavam em torno de 20, 30 dias no máximo. O stuff foi chegando muito mais como presentes do que como compras. E quanto mais a coleção crescia, mas eu lia sobre a personagem, e mais eu me apegava a ela. A coleção ganhou um pequeno expositor. Tinha um lugar especial na sala. Ninguém entrava lá em casa sem ficar uns minutos parado em frente a ele, tentando entender o porquê de tantas.



Em formação.

“Qual a diferença entre elas? Elas se repetem? Mas se só existe um Mulher-Maravilha, por que há tantas bonecas?” Eu me divertia.

Alguns anos depois, num golpe severo da vida, meu esposo foi acometido por um câncer que o levou à morte. Não só a primeira, mas várias das peças que eu tenho foram presentes dele. Ainda que ele mesmo não tenha realizado o gesto da compra, muitas vezes ele pagava pelos itens que eu comprava. Parecia apenas um jeito de me dar um presente, mas certamente era um presente que ele também sentia que recebia. Ele também gostava de ver a coleção crescer, de ver o cuidado que eu tinha ao lim-

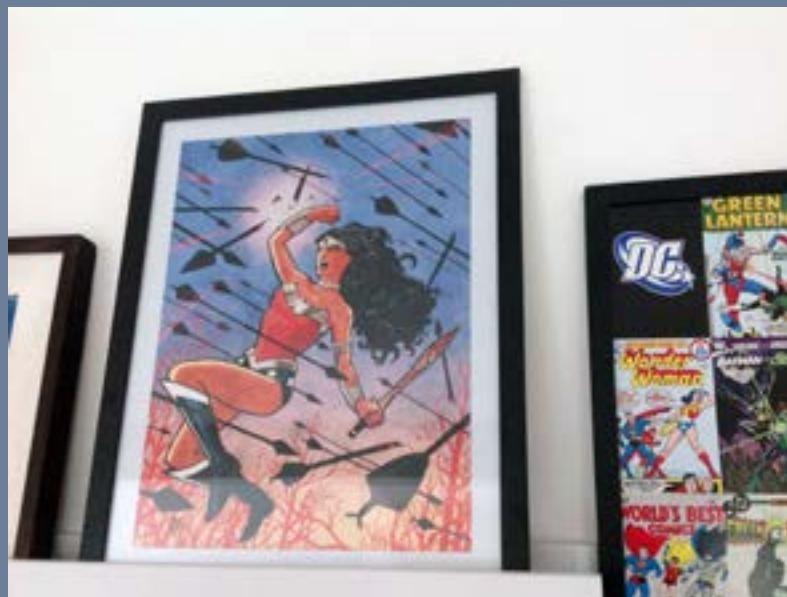
Tentando expor até mesmo o que não cabe dentro da cristaleira.

pá-la, ao arrumá-la tantas e tantas vezes. Era cria dele, no final das contas. Era fruto, certamente, de uma semente que eu já possuía, mas que foi germinada pelo gesto desprezioso dele naquele Natal de 2007.

Mesmo minha mãe, que insistia tanto para que eu vendesse as miniaturas para pagar dívidas, hoje me presenteia com elas. Se cuidar dessa coleção, para mim, já seria algo natural, hoje representa uma homenagem à várias coisas: à minha personagem favorita, ao sentimento que eu tenho por me rodear das coisas que amo, ao respeito que eu tenho pelo investimento que fiz e, para além de tudo isso, à ho-



Tatuagem baseada na arte da capa da revista número um, de 2012.



Quadro com arte que usei para minha tatuagem - o desenho é de Cliff Chiang.

menagem que presto à memória de alguém que foi tão importante na minha vida.

Hoje estou casado de novo e, bem, meu atual esposo também me presenteia com coisas da Diana. Há uma tatuagem dela no meu braço que, praticamente, chega aos lugares antes de mim. Foi por gostar da amazona que, em um certo evento, conheci um grupo de pessoas que cuidavam de um site que falava sobre cultura pop. Essas pessoas me convidaram para colaborar com o site e, como consequência, eu decidi cursar jornalismo. Não seria um exagero então dizer que foi a Mulher-Maravilha quem me trouxe até aqui.

Agora, é por causa dela que a maioria das pessoas



Houve um tempo em que a coleção ficava exposta em prateleiras.

Há vários quadros da personagem decorando a casa.

me conhecem, embora eu tenha dado a mim mesmo a alcunha de um personagem de outra editora. A Mulher-Maravilha me deu um tipo diferente de identidade. E a personagem, através de suas histórias, também me ensinou muitas coisas. Tem me divertido e me emocionado por todos esses anos – e me fez sentir raiva algumas vezes também.

Eu tive que passar – e sobreviver – à vários filmes de super gente antes que minha vez pudesse chegar. Eu participei como espectador de dezenas de eventos, palestras e mesas redondas dos mais diversos personagens, e tive a honra de estar em cima do palco quando, pela primeira vez, eu pude presenciar um





Minha primeira boneca da Mulher-Maravilha, presente do meu primeiro esposo, já falecido.

evento dedicado a ela. Agora já se somam mais de 90 miniaturas entre bonecas e estatuetas. Brindes de lanchonete, sandálias, esmaltes para unhas, canecas, carteiras, fones, copos, pratos, meias, a decoração da casa, matérias em sites, entrevistas para TV. Algumas pessoas acham que todas as minhas camisas têm o rosto dela. No meu caso específico, a Mulher-Maravilha é o mais claro exemplo da importância que colecionar algo pode ter na vida da gente. E cada item, por menor que seja, é uma felicidade sem fim.

Sem que eu percebesse, o apego que tinha por um personagem fictício que eu conheci na infância foi o que pavimentou a estrada que eu percorri até aqui. Ser fã da super-heroína já é bem mais que um simples passatempo. Ela foi um ídolo na juventude, uma espécie de amuleto em meu primeiro casamento, uma imagem identitária para minha persona, uma motivação para colecionar. Minha coleção da personagem ajuda a manter viva, não apenas em mim, a memória de uma pessoa que foi muito querida. No final das contas, a coleção revela muito mais sobre o colecionador do que sobre o objeto colecionado.



Mulher-Maravilha salta para fora do livro neste *pop-up*.



#2

É HORA DE MORFAR

Capítulo 2 É HORA DE MORFAR



Patrick Sales

Ter nascido entre os anos 1980 e 1990 pode não ter sido uma escolha, mas foi um golpe de sorte para muita gente. Quem foi criança nessas décadas pôde conviver com os programas infantis matinais da TV aberta. Xou da Xuxa, TV Colosso, TV Globinho, Show Maravilha, Bom dia e Cia... Eram muitas as opções e, embora algumas apresentadoras tenham feito carreira por estarem nas manhãs da televisão nesse período, havia algo que fazia muito mais sucesso entre os infantes: os desenhos animados.

Referência certa de quem viveu essa época, os desenhos deste período nos apresentaram uma gama quase infinita de personagens e o sucesso das animações de super-heróis formaram muitos dos adultos que, hoje, são colecionadores de revistas em quadrinhos. Foi assim comigo, por exemplo.

Com Patrick Sales, também. O advogado, aficionado por figuras de ação e videogames, possui em seu apartamento um quarto exclusivo para jogos e filmes, onde recebe os amigos e passa a maior parte do seu dia, mesmo que esteja trabalhando. O ambiente é bastante aconchegante. Um sofá grande onde nos acomodamos em frente a uma TV de 70", posta em um rack onde também ficam os vários consoles de videogame que talvez ele venda. Um dia, quem sabe.

Na parede oposta à TV, por cima do sofá e nas laterais, ficam as cristaleiras e os nichos com porta de vidro, abarrotados de figuras de ação que ele chama de "bonequinhos" sem nenhuma cerimônia.

Os temas parecem variados, mas revelam uma inegável nostalgia da infância. Tudo que repousa nas prateleiras faz referência à época em que Patrick era criança: a estante inteira dedicada somente aos **Power Rangers**, as prateleiras com as miniaturas de *Transformers* que ele mesmo gosta de customizar (ou seja, fazer modificações, alterações, adaptações, para que o objeto em si ganhe novas características, normalmente ligadas ao gosto de quem as transforma - Patrick modifica as peças de *Transformers* para que elas tenham uma aparência mais profissional, por exemplo), as réplicas de personagens dos filmes de terror dos anos 1980 e da série de filmes do *Karate Kid*, personagens de Cavaleiros do Zodíaco, Tartarugas Ninja e, claro, o espaço dedicado ao seu personagem favorito: o Homem-Aranha.

A paixão pelo herói vem de antes de aprender a ler. Começou com o desenho animado que era transmitido pela TV Globo, no finalzinho das manhãs dos anos 90, ao qual ele só conseguia assistir nas férias, já que estudava de manhã. Foi por causa dessa animação que ele pediu aos pais a primeira revista em quadrinhos. Gostava de folhear o gibi, acreditava que ela era uma continuação do que ele via na televisão. Tentava acompanhar as histórias mesmo sem saber ler e, por

Horar de morfar! - as fases de *Power Rangers* representadas em figuras de ação





esse esforço, entrou na escola já sabendo decifrar as palavras.

Sobre a escola, ele não tem muito o que falar. Não era um ambiente hostil, apesar do *bullying* que sofria por ser uma criança acima do peso. Não tinha muitos amigos, nem ia muito bem nos esportes, o que fazia dele uma criança não muito popular. Morou sempre pela Aldeota, bairro nobre de Fortaleza, então a Praça Luíza Távora é uma velha conhecida sua. Em 2013 chegou ao apartamento que divide com a mãe. Lá pediu a ela que cedesse o quarto de hóspedes para fazer uma sala de vídeo. Isolou o cômodo acusticamente e começou a deixá-lo com a “sua cara”.

Quando tinha 10 anos, já comprava revistas em quadrinhos com seu próprio dinheiro. A coleção ganhava volume. Logicamente, na adolescência já entendia melhor as mensagens que o “amigão da vizinhança” tentava ensinar e, assim, começou a pensar mais sobre as motivações dos vilões e isso o encaminhou para outras leituras. Apaixonou-se por X-Men – mas Homem-Aranha continua sendo seu super-herói preferido e Patrick acompanha seus quadrinhos até hoje. Há uma pilha de revistas que datam do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 guardadas no armário improvisado (onde seria o banheiro do

Outros personagens da franquia Power Rangers em figuras de ação.

quarto de hóspedes). As mais antigas, da infância, foram perdidas na mudança.

O personagem se tornou uma espécie de norte, uma referência de caráter a ser seguido. Há uma identificação com o eterno adolescente Peter Parker, que está sempre tentando conciliar a dura vida de ter que pagar as contas e ajudar a sustentar a tia idosa, enquanto combate o crime usando uma roupa colada. É claro que Patrick não usa uma roupa colada... Mas resolveu estudar direito. Hoje atua na área empresarial.

E é com o dinheiro que ganha advogando que ele sustenta sua coleção, um dos muitos hobbies do rapaz. Além de juntar bonecos ao redor das paredes do quarto de jogos, ele também dedica horas jogando (me perdoe pela obviedade), lendo quadrinhos e customizando os brinquedos da coleção. “Dá pra saber a diferença entre brinquedos para criança e brinquedos para adultos. Não que eu não ache que tudo isso é brinquedo. Eu sei que são e acho de muito mal gosto quem vê esses bonequinhos como objetos adultos. Mas os brinquedos de criança são bem mais grosseiros. São feitos para aguentar impacto, enterrar, são menos detalhados. Quando eu pego uma peça assim eu a transformo. Pinto as partes metálicas, remonto. Ficam como itens de colecionador.”

É um trabalho delicado que pode levar de semanas a meses. Ele transforma peças originais trocando cores, texturas, as cabeças dos bonecos e até construindo roupas para eles. Basta querer alguém que não



Parede com os nichos setorizados - à direita, personagens de games famosos.



Patrick tem um carinho especial pela saga Power Rangers.



O personagem favorito do advogado - Homem-Aranha.

existe para venda, mas que completaria a galeria de personagens, e ele logo procura outro que poderia servir de base para modificar em uma figura completamente nova. No banheiro que agora é depósito, Patrick guarda todo o material que usa para esse passatempo: tintas, compressor, aerógrafo e muitas peças miúdas (pequenas mãos em variadas posições, cabeças e arminhas de plástico).

Mesmo sendo para ele um trabalho terapêutico, não faria para outras pessoas, embora pagassem. Acredita que, se transformar aquilo em um modo de ganhar dinheiro, o hobby perde o sentido. Prefere ensinar o “ofício” para quem pedir.

Dentre as coisas que chamam atenção, há uma cristaleira que fica localizada no sentido oposto ao da porta. Ou seja, é a primeira coleção que vemos ao entrarmos no quarto. Provavelmente a coleção que mais possui itens, *Power Rangers* é um tema que fascina Patrick. Outros heróis que acompanhou na infância, é possível que o grande volume seja, também, porque a longa série possui um número maior de personagens. De cima a baixo, podemos ver as várias versões da equipe fazendo poses heróicas. Como a série ainda é lançada, mesmo adulto, o advogado acompanha seus episódios. Seja na versão original japonesa, seja nas reformulações americanas.

Era tão fanático que, na adolescência, assistia aos episódios antes mesmo que eles tivessem sido legendados, o que fez com ele exercitasse o inglês e, graças



Visão que se tem da porta da sala de vídeo - parecem centenas de bonequinhos.



Material usado para customização das peças.

a isso, já não liga a legenda para os filmes que assiste nessa língua. Aliás, o brinquedo mais antigo que ainda possui é justamente um boneco da série que ficou perdido no consultório da mãe durante anos e que voltou pra casa depois de uma limpeza que ela fez por lá.

Perto da entrada do quarto, alguns nichos revelam um agrupamento de **model kits**. Surpreendentemente, é dessa parte da coleção que ele fala com mais carinho. A surpresa é por conta de que os personagens aparentes ali são os mais distantes de todo o resto do acervo. Não que não estejam dentro do tema, mas são os que possuem menos unidades. A importância dada



pelo colecionador àquele espaço se deve ao fato de que montar os cenários criam momentos, memórias que tornam o ato mais valioso que a própria peça. Em um dos nichos do móvel, por exemplo, há um diorama das Tartarugas Ninja comendo pizza, cena clássica da animação, que foi montado junto com sua namorada.

É uma visão diferente das outras que, provavelmente, você terá lido nestas páginas. Para Patrick, apesar da nostalgia revelada nos temas do acervo ou do tempo investido nas customizações – sem falar no dinheiro – vender a coleção não parece problema. Venderia tudo que tem ali, se precisasse. Já se desfez algumas vezes de itens que pareceram destoar depois de um tempo

ou que simplesmente achou que deveria trocar. Sente um certo incômodo quando sabe que algum amigo se privou de sair ou de fazer algo com outras pessoas por estar economizando para comprar colecionáveis.

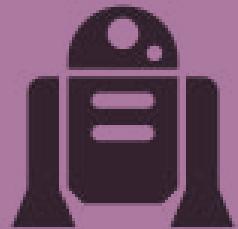
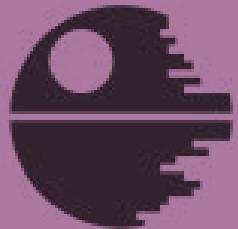
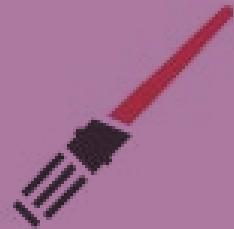
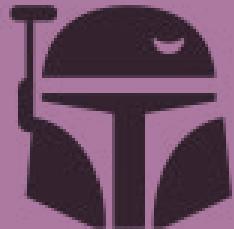
Patrick prefere a companhia de pessoas. O que não o impede de aproveitar a companhia de seus bonequinhos. Gasta horas fazendo limpeza. Está sempre os observando, mudando de posição. Sente um certo orgulho em possuí-los pois foi tudo comprado com o que ganhou do próprio trabalho. A mãe não reclama que ele seja um colecionador, mas também não o ajuda com verba nesse sentido.

O importante é que esteja tudo sempre no seu lugar. Mesmo que seja ali, no depósito improvisado, onde ele guarda sua primeira coleção, que começou com um presente desprezioso de uma então namorada. O pequeno Homem-de-Ferro hoje faz conjunto com uma série de bonecos da Marvel, ocupando uma prateleira inteira do armário onde também repousam suas revistas em quadrinhos, algumas com mais de dez anos de idade.

A gente se perde na coleção de figuras de ação do Patrick. Mas ele se encontra lá. Naquele emaranhado de temas que parecem tão diversos, mas que apontam todos em uma única direção: a infância. E é lá onde ele monta suas memórias. Filosofando enquanto limpa, arruma, conserta e modifica seus brinquedos, no que talvez seja uma metáfora para tudo que se deseje modificar nos tempos de criança.



Patrick ao lado dos protetores da Alamêda dos Anjos.



#3

MAY THE FORCE...

Capítulo 3 MAY THE FORCE...



Hugo Frota

Poucas vezes eu conheci alguém com uma alma de artista tão pungente como Hugo Frota. O promotor de eventos de 28 anos divide a casa com a mãe e ocupa todo o segundo andar da residência. Ali, fica evidente sua marca. É como se o ambiente fizesse parte dele e ele fizesse parte do ambiente.

No quarto, uma parede grafitada, pintada com tinta neon, vinis em uma estante e também em uma caixa própria (como uma dessas maletas de DJs), uma mesa de desenho ao lado do computador, guitarras, uma cristaleira com figuras colecionáveis de desenhos animados, a mesa de computador onde ele também monta os *model kits* de *Gundam* – e estes dispostos em uma prateleira acima da mesa do PC. Do lado direito do cômodo o guarda-roupas, imenso, com as portas abertas, revelando um mundo de roupas não muito organizadas, além da mala repousando no chão, repleta de roupas deixadas ali desde a última viagem. Em frente ao móvel, a cama e, do lado oposto à cabeceira, outra estante com *Funkos Pop* do Bob Esponja e de animes variados. Além dos muitos posters espalhados pelas paredes. Ao fundo do quarto, a porta que abre passagem para a biblioteca onde guarda os livros que herdou do avô e as quase duas mil edições de revistas em quadrinhos entre *comics* e mangás.

Exato: são muitas informações. Esse grande emaranhado de referências tem equivalência refletida no seu próprio corpo, que ostenta mais de 45 tатуa-

gens, unhas coloridas, olhos pintados, a cabeça careca e uma barba. Não é alguém que passa despercebido. Por trás do visual chamativo, uma personalidade extremamente receptiva, um rapaz preocupado com a política, apaixonado por música (ele toca pelo menos 8 instrumentos) e que cuida da ansiedade construindo as miniaturas de *Gundam* que compra quase que compulsivamente.

Há muitas coleções nos cômodos ocupados por Hugo. Algumas peças muito impressionantes. O Batman com quase um metro de altura, onipotente, com os pés fincados no holofote que, aceso, mostra o “batsinal”, é certamente a que mais chama atenção. Nenhuma peça tem o mesmo tamanho que ela. Mas não é a única: estatuetas da **Liga da Justiça** assinadas pelo artista de quadrinhos brasileiro, Ivan Reis (e dos seus vilões), as peças que formam a cena final do filme *Caça Fantasmas*, a réplica de ponte que monta uma cena de *Homem-Aranha*... A lista é extensa. Não é uma coleção pequena, nem tampouco barata.

Dividindo espaço com as peças de super-heróis, os personagens de **Star Wars** parecem meio singelos. Nem daria pra dizer que foi com essa franquia que tudo começou. Hugo ganhou seus primeiros bonecos quando ainda tinha 12 anos. Do conjunto de brinquedos sobraram ainda 2 peças que guarda até hoje: um C3PO e um R2D2 - dois robôs que têm apelo cômico nos filmes de *Star Wars*. Estão em alguma gaveta do quarto (é difícil encontrar alguma coisa que



Os *model kits* de *Gundam*, horas de relaxamento



Diorama formando a cena final do filme *Os Caça-Fantasmas*



Cena de Homem-Aranha e Spider Gwen enfrentando os vilões Venom e Carnificina.



já não esteja à vista no ambiente). Acabou se apaixonando pela série de filmes. Existem histórias de longos debates explicando e defendendo o que existe por trás da filosofia de Guerra Nas Estrelas.

Mais antiga que os brinquedos, só mesmo a coleção de moedas que ganhou do avô. Involuntariamente, sua primeira coleção. Ainda as guarda, têm um valor afetivo muito grande, como tudo que remete ao parente. Aprendeu muita coisa com ele, que aparece várias vezes na fala do rapaz. Seja mostrando o violão com o qual o avô lhe presenteou ou mostrando os livros que herdou na biblioteca. A relação com o pai não era muito próxima, afinal.

Elenco de personagens de Star War



Coleção da Iron Studios assinada pelo artista brasileiro Ivan Reis - heróis.

Nunca foram amigos. Na verdade, o maior ensinamento que recebeu do progenitor foi justamente como não ser um bom pai.

Era uma criança privilegiada. Filho único, viveu rodeado dos primos, a quem considera como irmãos. Trata como sobrinhos os filhos desses primos. Adora brincar com eles. Não tem ciúmes da coleção. Preserva algumas peças, logicamente. Mas gosta de pensar que ensina algo às crianças da família sobre legado mostrando a elas o valor emocional que existe nos itens do acervo. Brinca com elas simulando lutas de jedi com seus sabres de luz. Pretende deixar para elas o que vem acumulando. Investe tempo mostrando as moedas que datam da

Coleção da Iron Studios assinada pelo artista brasileiro Ivan Reis - vilões.





O Batman da Iron Studios - compra por impulso.

época do império e gosta de se ver como uma espécie de educador.

Para Hugo, educar é uma das maiores virtudes humanas. Por isso, gostava de se aproximar dos professores que teve. Com um deles estabeleceu uma relação tão fraternal que, após sua morte por covid, o aluno preservou guardadas as cinzas, em um pequeno altar, próximo às guitarras. A promessa é de levá-las para a cidade de Atenas, na Grécia, berço da filosofia, disciplina que o professor ministrava.

Chegou a cursar teologia. É um grande fã dos filósofos. Durante a pandemia, desistiu. Trocou por medicina, que ainda não começou. Acredita que é um caminho melhor para ajudar as pessoas, recompor o mundo – e de ganhar algum dinheiro, é complicado viver da cultura no Brasil. Como ficou mais complicado ainda depois do início da pandemia, onde os eventos ficaram impossibilitados de acontecer, acabou voltando para casa da mãe. Estava morando sozinho há um tempo.

E não era apenas se manter que estava ficando com-

O altar homenageando a avó que, segundo Hugo, foi uma bruxa.

plicado. As coleções pesavam no orçamento. Ainda mais quando, ao olhar para algumas peças, segurar a ansiedade pode ser um problema. Foi mais ou menos assim que ele trouxe aquele Batman enorme para casa. Entrou na loja da fabricante Iron Studios apenas para “dar uma olhada”. Ao ver o Homem-Morcego exposto, titubeou por um instante apenas. Arrematou a estátua gigante. A amiga que o hospedava em São Paulo, cidade onde fica a loja, ao chegar do trabalho, num primeiro momento até se espantou com o tamanho da caixa. Mas lembrou que era com o Hugo que estava falando e a única pergunta que conseguiu fazer foi perguntar “Como você vai levar isso pra casa?”

O jovem de 28 anos é o tipo de pessoa que resiste a tudo, menos a uma boa tentação. Nos eventos que frequenta sempre namora com um item que se freia antes de comprar, mas lança o desafio: “se até o final do evento essa peça não for comprada, eu a levo pra casa.” Algumas peças que destoam um pouquinho do restante da coleção chegaram ao seu quarto nes-





Parede musical - guitarras e discos ocupam esse lado do quarto.

sas condições. “Mas é a emoção, sabe? Olhar a peça todos os dias, saber se ela vai estar lá até o final.”

Talvez Hugo seja aquilo que ele mais acredita que as pessoas sejam, um fruto do meio. Há muito de família nele. Não faz planos para ter filhos, mas convive bem com os sobrinhos. Divide. Só não se dá bem mesmo com a parte da família que apoia o atual governo. Destes, quer distância. Foi politizado, em grande parte, pelas ideias revolucionárias colocadas em *Star Wars*. Mas não foi só isso. Amante dos animes japoneses, absorveu muito dos ideais de guerra sobre os quais assistiu e, posteriormente, pesquisou. Logicamente, bebeu da fonte rebelde do *punk*, do *rock* de maneira geral. Possui um acervo musical interessante.

Os discos do Hugo variam entre o *rock* clássico, o *punk*, o *pop*... É eclético. Tem um lugar especial no quarto só pra relaxar e ouvir música. Ouvimos Lady Gaga enquanto conversávamos. Fez questão de segurar um LP do Ozzy Osbourne enquanto posava para a foto. Era um disco importante, ajudou na supera-

ção da morte do avô. Na verdade, a música o ajudava em muitos momentos. Inclusive para o autoconhecimento. Hugo gosta de ouvir discos antigos, os que escutava na adolescência. Esses discos mostram o quanto ele amadureceu, pois, agora, enxerga com olhos diferentes o significado das canções.

Para se aliviar do estresse e controlar a ansiedade, duas atividades: as horas investidas na montagem dos *model kits* e na limpeza da coleção. É um tempo de meditação. Depois, para revigorar as energias, “joga bola” com o cachorro de estimação. É o companheiro dele na parte de cima da casa – e no terraço, que costumava usar para receber os amigos quando aglomerar não nos trazia riscos à saúde. Óbvio, a terapia também ajuda.

Eu me perguntei muitas vezes onde Hugo arranja tempo para tantas atividades. Os mangás, desenhar, tocar, montar, jogar, brincar com o cachorro... Sua mente está sempre produzindo. Tem paixão por todas essas coisas e por todas as “suas coisas”. As coleções do rapaz transpiram sua personalidade. No



Hugo mostra, orgulhoso, o disco que o ajudou a lidar com a perda do avô.



início, tudo parece meio confuso, poluído. Há coisas demais. Depois de um tempo, o reflexo do Hugo começa a aparecer no seu ambiente. Aos poucos, entendemos o motivo de tudo aquilo estar ali. Faz sentido. Ele é “muito”.

Porém, como tudo que é paixão, quase tudo que está lá poderia ser abandonado por ele. Do que possui, o objeto que jamais deixaria para trás é justamente um presente do avô, o violão. Ao que parece, é a família a quem ele realmente ama. A companhia da mãe, a presença das crianças a quem entrega sem medo seus sabres de luz. A coleção não tem valor se não puder ensinar nada, se não puder ser considerada com um legado, se não pode ser passada adiante.

E tudo que ele coleciona parece ter raiz em sua relação com a família, com o mundo como todo. Como uma vontade de manter viva a chama que seu avô inflamou nele e de inflamar essa chama nas próximas gerações. É uma maneira de contar sua própria história e de se encontrar consigo mesmo, naquele emaranhado de objetos, na “bagunça incoerente” que somos todos nós, mesmo que não consigamos expressar isso fisicamente.

O item que Hugo mais tem carinho da coleção - a Going Marry, da animação One Piece.

Hugo brinca com os sabres de luz, armas clássicas da série Star Wars.



ANTOLOGIAS #4

PEQUENO GLOSSÁRIO NERD

Antologia: An-to-lo-gi-a / Antologias (plural)

substantivo feminino

Coleção de textos escritos, em prosa ou verso, normalmente por autores variados, sendo organizada tendo em conta determinada época, autoria, tema etc.; coletânea.



PEQUENO GLOSSÁRIO NERD

PEQUENO GLOSSÁRIO NERD



Fita K7: As fitas K7, que na verdade se chamam “cassete”, mas que nós, brasileiros, adaptamos a escrita para facilitar a nossa vida, eram um meio de gravação e reprodução de áudio muito popular nos anos 80 e 90, tendo sua decadência no mercado ocorrido com o lançamento dos CDs. O formato como conhecemos hoje foi lançado em 1963. Já havia caído nas graças das grandes gravadoras como uma espécie de alternativa aos já consagrados LPs. Mas foi o lançamento do *Walkman*, pela Sony, na década de 1980 que fez os K7 entrarem com força na vida dos usuários. As fitas eram mais versáteis, compactas, fáceis de carregar, eram resistentes, pois estavam sempre protegidas em suas próprias caixas de plástico, podiam ser tocadas de qualquer ponto, indiferente do lado e, mais do que tudo: podia levar a trilha sonora que você mesmo havia criado. Quem tem mais de 30 anos sabe a paixão que era presentear alguém com uma trilha sonora especialmente escolhida, gravada em uma fita K7. Além disso, as fitas eram duráveis e de baixo custo. Ajudaram bastante na difusão da música *underground*. Depois de 2017, mídias pop como “Guardiões da Galáxia” e “*Stranger Things*” trouxeram um *revival* dos cassetes. Aliado a isso, as políticas de isolamento que fizeram as pessoas passarem mais tempo em casa e as atuais tendências de nostalgia, provocaram um aumento de pelo menos 94% nas vendas das fitas K7, apenas no Reino Unido. Embora fabricadas ainda hoje, mesmo que em

baixíssima escala, infelizmente, os cassetes podem estar com os dias contados devido à falta de matéria prima para sua produção.



Madonna: Madonna Louise Veronica Ciccone nasceu em 16 de agosto de 1958 e partiu para Nova Iorque aos 19 anos para tentar a carreira de dançarina. Descoberta como cantora no início da década de 80 sua rápida ascensão no mundo da música pop se deu apoiada no estilo camaleônico e no tino para abordar temas polêmicos e considerados tabus em seus álbuns. Considerada “Rainha do Pop”, Madonna figura entre as mulheres mais influentes do mundo. Além de cantora, é compositora, atriz, dançarina, empresária e produtora. Seu primeiro disco foi lançado em 1983 e tinha como título seu próprio nome. Desde então somam-se 14 álbuns de estúdio, que renderam à cantora 7 prêmios *Grammy*. Entre suas

maiores polêmicas, Madonna já levantou debates sobre gravidez precoce, racismo, simulação de masturbação durante uma de suas turnês e até mesmo uma reprodução de crucificação no palco. As polêmicas já lhe proporcionaram perdas de patrocínio, censura de seus shows em alguns países e a cantora chegou a ser excomungada pelo Vaticano nos anos 90. Por outro lado, sempre levantou bandeiras feministas e em prol da comunidade LGBTQIA+, notoriamente sua maior e mais fiel fatia de público. Segundo o livro de recordes mundiais *Guinness*, Madonna é a artista feminina mais bem sucedida de todos os tempos, sendo a artista solo com maior arrecadação em turnês no mundo, acumulando mais de um bilhão de dólares em vendas de ingressos. Atualmente, a cantora reside em Portugal e é mãe de 6 filhos, sendo 2 naturais e 4 adotivos. Em seu álbum mais recente, *Madame X*, de 2019, Madonna homenageou o país onde mora, cantando letras em português e contou com a participação de cantores como Maluma e da brasileira Anitta.

The Immaculate Collection: “A Imaculada Coleção”, em tradução livre, é um álbum da cantora Madonna contendo 15 de seus grandes sucessos da década de 1980. A coletânea também trouxe 2 faixas inéditas que foram lançadas como *singles*. Estreando em 1990 como LP, K7 e VHS, posteriormente a coletânea também foi lançada como DVD. O título faz um

trocadilho com “Imaculada Conceção”, voltando a visão polêmica da artista para a religião, frequentemente abordada em sua obra. Mas, certamente, a maior controvérsia do álbum não está no seu nome, mas em um de seus singles, a canção “Justify My Love”, que fala abertamente sobre sexo. O videoclipe, considerado pesado demais para ser exibido na televisão, foi banido da MTV, embora aclamado pela crítica. No vídeo, Madonna aparece em momentos, digamos, quentes, com um completo desconhecido, além de cenas que mostram romance entre pessoas do mesmo gênero com direito a um beijo entre duas mulheres. Dos limões do banimento, Madonna fez uma limonada: lançou o clipe em formato “video single”, que viria a se tornar o mais vendido da história, além de render à cantora o seu nono #1 na *Billboard* Hot 100. “*The Immaculate Collection*” ainda detém o título de compilação mais vendida de um artista solo e é um dos álbuns mais vendidos da história.

Erotica: O quinto álbum de estúdio da cantora Madonna provocou um alvoroço no seu lançamento, em 1992. Foi um disco que, em sua superfície, falava abertamente sobre sexo do ponto de vista de uma mulher, numa época em que os EUA eram absurdamente conservadores – foi o primeiro da cantora que estampou na capa o selo “Parental Advisory”. Visto em retrospecto, hoje se percebe como o disco foi subestimado, mesmo que, à época, as críticas musicais

e jornalísticas tenham sido bastante positivas. Porém, o público considerou que Madonna havia ido longe demais e que aquele poderia ser o início do declínio de sua carreira. Estreando juntamente com o livro “*Sex*”, o disco “*Erotica*” apresenta ao público a personagem Dita, inspirada na atriz Dita Parlo. Uma “*mistress*” que conduz o ouvinte/ leitor por canções, imagens e sons que remetem às mais livres fantasias sexuais. O disco não estreou bem nas paradas da *Billboard*, ficando apenas em segundo lugar e se tornou o primeiro álbum de estúdio da artista a não alcançar o primeiro lugar, desde 1983. Com um tom muito mais pessoal e confessional que os discos anteriores, Madonna retrata não apenas fantasias sexuais, mas seu desejo de igualdade de direitos para pessoas LGBTQIA+ e lamenta a perda de amigos para o HIV-AIDS. Provavelmente um disco muito à frente de seu tempo, “*Erotica*” foi produzido por Shep Pettibone e André Betts, bem como a própria Madonna. As fotos para arte de capa são de Steven Meisel, que também participou do design e do conteúdo do livro “*Sex*”. Para promover o álbum, Madonna saiu em turnê com um espetáculo chamado “*The Girlie Show*”, que passou pelo Brasil em 1993. Estima-se que o álbum tenha vendido, até hoje, cerca de 1,91 milhão de cópias apenas nos EUA.

Livro Sex: Quando a epidemia de HIV-AIDS assolava a América do Norte com mortes de desinforma-

ção, uma onda de conservadorismo avançava pelos EUA, colocando o ato sexual como o grande vilão do século e, claro, demonizando a homossexualidade. É nesse contexto que Madonna lança seu livro “*Sex*”, junto ao disco “*Erotica*”. Nas 2 obras, Madonna fala abertamente (muito mais) sobre sexualidade e (muito menos) sobre o sexo em si. O livro chegou às lojas um dia antes do disco, em 1992. Composto por 128 páginas, com capa de metal e vendido em um invólucro metalizado, que deveria ser rasgado para se ter acesso ao conteúdo (lembrando a embalagem de um preservativo), o livro é recheado de fotografias com conteúdo sexual, envolvendo sadomasoquismo, homossexualidade, masturbação e nudez pública. As fotos foram feitas pelo fotógrafo Steven Meisel e contaram com várias participações especiais, entre elas, Vanilla Ice, que namorava a cantora na época, Isabella Rossellini e a modelo Naomi Campbell. O livro foi muito mal-recebido pela crítica e pelo público em geral. O Vaticano convocou seus fiéis a boicotarem o material e alguns países proibiram sua entrada. Ainda assim, o livro vendeu mais de 150.000 cópias no seu lançamento e, por ser uma edição limitada, hoje tornou-se um item raro que até pode ser encontrado, mas custará ao comprador algumas centenas de dólares – seu preço de lançamento era de US\$ 50,00. Uma espécie de “santo graal” da cultura LGBT, “*Sex*” figura hoje entre um dos mais desejados artigos de arte de qualquer colecionador. Quase 30 anos depois

de seu lançamento, o livro de fotos eróticas de Madonna é considerado uma das maiores empreitadas da cultura pop e definiu o que a indústria seria depois de seu lançamento, principalmente por trazer empoderamento sexual feminino e desmistificar a sexualidade LGBTQIA+ (além de defender o sexo como algo bom, desde que as pessoas se cuidassem). Em entrevista, Madonna chegou a dizer que estava “fazendo isso para libertar a América, libertar a todos nós de nossos declives.”

Bedtime Stories: Enfrentando toda sorte de críticas a um trabalho que Madonna considera mal interpretado, a cantora resolveu se reinventar e mostrar que continuaria reinando no mundo pop durante muito tempo. Foi nesse clima que em outubro de 1994 o álbum “*Bedtime Stories*” foi lançado. Com uma atmosfera R&B, Madonna traz músicas com temas de amor, tristeza e romance, mas com uma abordagem muito menos sexualizada que em seu disco anterior. No entanto, ela não deixou barato as críticas duras que sofrera. As frases que abrem o disco, na canção “*Survival*”, já deixam claro onde ela pretende chegar: “Eu nunca serei um anjo, eu nunca serei uma santa, é verdade. Estou muito ocupada sobrevivendo.” Bem recebido pela crítica e pelo público, “*Bedtime Stories*” já vendeu cerca de 8 milhões de cópias ao redor do mundo e rendeu à cantora uma indicação ao *Grammy* para Melhor Álbum Vocal de Pop. Além

disso, o clipe da música que dá nome ao disco – composta em conjunto com a cantora Björk –, que foi dirigido por Mark Romanek, figura hoje como obra de arte permanente em galerias de arte como as do Museu de Arte Moderna e a Escola de Artes Visuais da cidade de Nova Iorque. O álbum “*Bedtime Stories*” foi produzido por Babyface, Dallsa Austin e Dave Jam Hall.



Singles: Talvez ninguém tenha contado isso para você, mas os singles são a forma mais antiga que um artista tem de lançar uma música. Antes dos LPs (*Long Play*), os primeiros discos tinham apenas 7 polegadas – só cabia uma música – e só tocavam de um único lado. Daí você já pode imaginar de onde vem o nome “single” (único, em tradução livre). Com o passar do tempo e o surgimento de discos maiores (com 12 polegadas), os singles se tornaram a maneira

mais prática para um artista musical lançar unitariamente uma música que ele acredita ser mais comercial que outras do álbum inteiro. Então, o surgimento dos LPs não despopularizou o uso dos singles, pelo contrário. A juventude dos anos 1970 faziam uso dos discos menores principalmente por serem mais fáceis de carregar, enquanto os artistas os usavam para entregar suas músicas de trabalhos nas rádios. Enquanto isso, os DJs começaram a usar os LPs contendo uma única faixa, remixada de uma faixa original do álbum, com uma duração muito maior que 3 minutos – tempo médio de uma música. Ainda hoje os singles são lançados e muito populares em países como EUA, Japão, Inglaterra, Austrália e Canadá, onde é vendido ao consumidor final por, praticamente, um décimo do valor do álbum. Diferentemente do Brasil, que produz pouco esse material por ser um mercado pouco conhecido e, por consequência, bastante restrito. Normalmente, um disco single possui até 4 faixas, com a versão original da música em um *radio edit* e mais 2 ou 3 remixes.

Legião Urbana: Criada em 1982, quando Renato Russo se juntou a Marcelo Bonfá, a banda de rock paulista Legião Urbana foi uma grande febre nos anos 1980 e começo dos anos 1990. Estima-se que a banda vendeu mais de 14 milhões de cópias de discos e é o segundo grupo musical brasileiro que mais vendeu discos de catálogos no mundo. Os sucessos da

banda tratavam de muitos assuntos e era recorrente que suas letras abordassem temas sociais. Entre seus grandes sucessos figuravam canções como “Geração Coca-Cola”, “Que País é Este?”, “Eduardo e Mônica” e “Faroeste Caboclo”, esta última sendo uma música de 9 minutos, pouco acreditada como vendável para o rádio, mas que provou o contrário quando foi lançada. A banda teve seu encerramento anunciado em outubro de 1996, 11 dias após o falecimento do vocalista, Renato Russo, que morreu em decorrência de complicações com HIV-AIDS. Legião Urbana tem grande importância para o cenário musical do país da década de 1980 e se encontra no “quarteto sagrado” do rock brasileiro (as outras bandas são Barão Vermelho, Titãs e Os Paralamas do Sucesso). Uma curiosidade: foi Herbert Viana, juntamente com um ex-aluno de inglês de Renato Russo que indicaram a fita demo da banda de Brasília para a EMI, dando o pontapé inicial para gravação de seu primeiro disco oficial pela gravadora. Você pode conferir a história de Renato Russo no filme de 2013, estrelado por Thiago Mendonça, chamado “Somos Tão Jovens”. O filme tem direção de Antônio Carlos Fontoura. Além deste, existem dois filmes baseados em canções da banda. São eles: “Faroeste Caboclo”, que conta a história de João de Santo Cristo, personagem central da música homônima e “Eduardo e Mônica”, que deveria ter sido lançado em 2020, mas teve esse lançamento adiado devido à pandemia de covid-19.

Cheetos e Tazos: mesmo que você não tenha vivido os anos 1990 é impossível que você nunca tenha ouvido falar nos salgadinhos Cheetos. A marca de salgadinhos distribuídos no Brasil pela Elma Chips engloba uma gama de *snacks* de farinha de milho que preenchem as prateleiras de qualquer supermercado (e não só deles, sendo possível comprar os salgadinhos em praticamente qualquer banca, ambulante, farmácia ou mercearia). Qualquer pessoa que tenha um comércio, certamente, vende alguma variação de Cheetos. O salgado e seu mascote, *Cheetos Cheetah*, um guepardo que usa tênis, tornaram-se tão populares que chegaram a ganhar até jogos de videogame. Porém, se os salgadinhos não são mais “o coração da festa” de hoje em dia, no final dos anos 1990 havia muitas crianças acreditando que seus estômagos ficariam amarelos por exagerar no consumo de Cheetos. E se não era pelo sabor que os infantes consumiam o *snack* era por causa de seu mais famoso brinde: os Tazos. Lançada no Brasil em 1997, a primeira coleção de Tazos possuía 100 discos de plástico estampados com personagens do desenho *Looney Tunes*. Além do brinquedo, que podia ser encontrado nas embalagens do salgado como um brinde, a coleção se estendia para porta-tazos, tapetazos e um livro ilustrado para guardar o acervo. A última coleção foi lançada em 2013, até que, tentando atender ao que hoje é um público adulto, a marca resolveu voltar a lançar os Tazos. Em 2020, chegaram ao mer-

cado duas coleções. A primeira, inspirada na UEFA *Champions League* e a segunda comemorando os 40 anos do lançamento do jogo Pac-Man.

Geloucos e Gelocósmicos: Para quem acha que os brindes colecionáveis deixava apenas os estômagos das crianças amarelos, sinto dizer, eles não estavam presentes apenas na sua comida, mas na sua bebida também. A marca de refrigerantes Coca-Cola bem sabe os louros que colheu com os mais variados tipos de coleção, de miniaturas de suas garrafas a ioi-ôs. Em 1997 bastava você juntar 10 tampinhas de metal ou 5 de plástico e você poderia trocá-las por um saquinho “surpresa” onde você poderia encontrar 2 Geloucos, um adesivo e um *card*. No total eram 60 personagens diferentes, representações de objetos comuns com “rostos”. Na história do brinquedo, os Geloucos eram objetos inanimados que foram banhados com o refrigerante e ganharam vida, ficando viciados na bebida. Como a campanha fez sucesso, logo a Coca-Cola lançou os Geloucos Roqueiros e os Gelocósmicos – variações dos Geloucos, mas em forma de extraterrestres e que brilhavam no escuro (eram produzidos em material fosforescente).

Kinder Ovo: Famoso no Brasil pelos comentários que associam a compra do chocolate Kinder a pessoas de classes sociais mais altas, o Kinder Ovo viaja entre colecionismo e memes da internet. O chocolate

é produzido pela empresa Ferrero e é conhecido por trazer no seu interior um brinquedo como brinde. O doce é comercializado em vários países no mundo e foi lançado em 1974, pensado pelo empresário William Salice. No Brasil, seu lançamento aconteceu oficialmente em 1994 (sempre os anos 1990!) e já passaram pelas prateleiras pelo menos 2.000 brindes diferentes – no mundo já se somam 16.000. Em alguns países a venda do Kinder Ovo é proibida por leis que ditam que nenhum produto alimentício deva possuir dentro de si alguma coisa que não seja comestível ou, também, pelo fato dos brindes do chocolate serem miniaturas, que podem facilmente ser engolidas por crianças menores. A versão brasileira se difere das comercializadas em países mais frios. Enquanto nesses países o Kinder Ovo é composto por uma casquinha de chocolate preto por fora e branco por dentro, contendo o brinde ao abrir (como um mini ovo de Páscoa), em terras tupiniquins o “ovo” é uma embalagem plástica contendo em seu interior uma metade feita de creme e a outra metade comportando o brinquedo. Estima-se que na Europa exista cerca de 300.000 colecionadores de surpresas Kinder.

Pitchulinha: Ok, antes que você me corrija eu sei bem que o nome no rótulo das garrafinhas de 237 ml de Guaraná Antarctica era “Caçulinha”, e não Pitchulinha. Mas aqui no Ceará a gente tem um jeito ca-

rinholo de chamar as coisas (que nem o salgadinho Cheetos que, por aqui, a gente chama de “Chilito” – ele e todo e qualquer salgadinho de milho). O fato é que, no início dos anos 2000, o anime Pokémon estava na boca de 10 entre 10 crianças que tinham televisão em casa. Pensando nisso, a Antarctica colocou no mercado uma versão de seu refrigerante de guaraná direcionada ao público infantil. Na tampa das garrafinhas, uma espécie de pokébola trazia dentro dela uma miniatura de Pokémon. Foram 2 coleções lançadas, a primeira era composta por 40 peças diferentes entre os Pokémon e seus treinadores e a segunda com apenas 20. Era comum ver as crianças trocando as miniaturas ao chegar da escola (onde, obviamente, elas abriam suas bebidas na hora do lanche). Troca de peças à parte, a coleção não foi criada pela companhia brasileira, mas sim, adaptada de uma coleção lançada pela empresa de brinquedos Hasbro que não foi comercializada no Brasil. Na versão original, os 151 Pokémon da primeira geração do anime podiam ser guardados em um suporte em forma de quadro, que era vendido separadamente.

Pokémon: A origem dos “monstros de bolso” – “pocket monster”, em inglês – data de 1996 quando o criador Satoshi Tajiri teve a ideia de fazer um jogo de videogame baseado na sua brincadeira preferida de infância: colocar insetos para brigar. Com o sucesso do jogo, no ano seguinte a série animada Pokémon foi

lançada no Japão. Como no Brasil os desenhos japoneses surfavam a crista da onda nessa mesma época, não tardou para que o anime chegasse por aqui. No dia 10 de maio de 1999 o programa “Eliana e Alegria”, da Record, transmitia o primeiro episódio do desenho animado que fez um enorme sucesso no começo dos anos 2000. Sendo proveniente de jogos de videogame da empresa Nintendo, a marca Pokémon tornou-se uma franquia e hoje produz cartas colecionáveis, séries de televisão, filmes, mangás e brinquedos. Perdendo apenas para Mario, Pokémon é a segunda franquia de games mais lucrativa do mundo. A venda de jogos já acumula mais de 200 milhões de cópias e já arrecadou cerca de 40 bilhões de dólares. A série animada possui 24 temporadas e conta com 807 tipos diferentes de monstrinhos (e você aí tentando decorar 150)!



Sandy & Junior: A dupla de irmãos, provavelmente, deve dispensar qualquer tipo de apresentação. Basta ser brasileiro e ter estado vivo a partir dos anos 1990 que você sabe quem eles são. E, se você foi criança ou adolescente nessa época, é muito provável que eles tenham sido seus ídolos – os pelo menos de alguém que você conheça. Não é para menos: desde que apareceram na televisão em 1989 e cantaram “Maria Chiquinha”, os irmãos lançaram um disco por ano até 2003. Sandy e Jr Lima nasceram, respectivamente, em 1983 e 1984. Separados musicalmente desde 2007, Sandy hoje é casada com o músico Lucas Lima, com quem teve um único filho. E Jr, casado com Mônica Benini, também teve apenas uma criança. O sucesso da dupla foi tamanho que as vendas de seus discos somam 20 milhões de cópias, entre CDs e DVDs. Você provavelmente também já deve saber que os irmãos estrearam uma série de TV dominical na Rede Globo entre os anos 1999 e 2002. O que talvez você não saiba é que esse não foi seu único programa televisivo: “Sandy e Jr Show” foi ao ar entre 1997 e 1998 pela hoje extinta Rede Manchete. Além dos programas, a dupla também estrelou, não um, mas 2 filmes para cinema: “O Noviço Rebelde”, de 1997 (esse foi novidade para você, confesse) e o conhecido “Acquária”, de 2003. Vale a lembrança da telenovela “Estrela-Guia”, de 2001, que teve Sandy como protagonista. Mais recentemente, em 2019, a dupla saiu em turnê para comemorar os 30 anos de sua primei-

ra aparição na TV, em 1989. O show passou por Fortaleza e rendeu mais um álbum de canções ao vivo. Já em 2020, o canal de *streaming* Globo Play lançou o documentário “Sandy e Jr: A História”, em 7 episódios, contando a biografia dos irmãos.

Tempestade dos X-Men: Ororo Munroe é o nome de batismo da personagem dos quadrinhos conhecida como Tempestade. Membro dos X-Men desde 1975, quando foi criada pelo escritor Len Wein e pelo desenhista Dave Cockrum, Tempestade foi inicialmente pensada para ser um personagem masculino, porém a mudança de ideia dos autores trouxe para o público o que viria a ser uma das mais importantes personagens femininas de todos os tempos. Com sua relevância comparada apenas à personagem da editora rival, Mulher-Maravilha, a mutante é um ícone de representatividade, sendo a primeira mulher negra de origem africana a assumir um papel de lide-



rança em uma mídia de cultura de massa. Dentro do universo dos quadrinhos, Ororo sempre foi escrita como um dos mais poderosos membros dos X-Men, considerada uma mutante de classe alfa. Em algumas fases, a líder conseguiu vencer seus companheiros em batalha, mesmo estando sem seus poderes. Também foi casada com um dos principais personagens negros das histórias em quadrinhos da Marvel, o Pantera Negra, o que rendeu à Tempestade o título de rainha. Entre seus poderes, estão a habilidade de controlar o clima, seja temperatura, umidade, raios eletromagnéticos, pressão atmosférica, furacões, tempestades, nevadas, tempestades cósmicas e até ventos solares e correntes oceânicas. Além de ser extremamente hábil em combate corpo-a-corpo, armada e desarmada. No cinema a personagem já foi interpretada por Halle Berry e Alexandra Shipp.

Rouge: A girl group – grupo musical formado apenas por garotas – Rouge surgiu de um programa de televisão chamado “Popstars”. As cinco garotas (Aline, Fantine, Thó, Karin e Lu) venceram o reality e garantiram um contrato com a gravadora Sony Music. Durante sua existência, na primeira fase, o grupo lançou 4 álbuns e emplacou hits como a versão brasileira da música “Ragatanga” (se você não foi possuído por esse ritmo, desculpe, mas você já morreu!). Infelizmente, o grupo se desfez em 2006 depois que o contrato com a gravadora encerrou e não foi reno-

vado. Mas, 11 anos depois, em 2017, as garotas se reuniram novamente e embarcaram em uma turnê pelo país que teve seus ingressos esgotados em várias cidades e rendeu a gravação de um disco ao vivo intitulado “Chá da Alice”. Ao todo, as meninas venderam mais de 6 milhões de gravações e se tornou o grupo feminino brasileiro mais bem sucedido da história. Desde 2019, Rouge encontra-se em hiato por tempo indeterminado.

Grammy: A cerimônia americana anual que premia os artistas da música acontece desde 1959. Com a compra dos direitos televisivos em 1971 por Pierre Cossette, o evento passou a ser transmitido ao vivo desde então. Considerado um dos quatro principais prêmios do entretenimento americano (divide espaço com o Oscar, o Emmy e o Tony), já premiou artistas como Michael Jackson, Madonna, Beyoncé e os brasileiros Roberto Carlos, Milton Nascimento, Gilberto Gil e Caetano Veloso (entre outros). Devido ao



crescimento do mercado latino na terra do Tio Sam, o *Grammy* expandiu suas premiações com a criação de sua versão latina. Apesar da importância dada ao prêmio pela indústria musical, o evento já sofreu várias críticas e acusações de racismo e sexismo, provocando decepção e fúria de vários artistas e também do público. A edição de 2021 teve que se reinventar por conta da pandemia de covid-19 e foi apresentada de forma remota e sem público.



Beyoncé: Beyoncé Giselle Knowles-Carter, ou simplesmente “Beyoncé”, é a artista afro-americana de maior destaque dos últimos 20 anos. Tendo começado sua carreira do grupo feminino *Destiny’s Child*, em 1997, e embarcado em carreira solo no ano de 2003, a artista é uma recordista de vendas – já vendeu mais de 178 milhões de discos mundialmente – e de prêmios – só *Grammy*, ela cumula 28, tendo sido

indicada incríveis 79 vezes! A artista de “*Single Ladies*” nasceu em 1981 e é mãe de três filhos. É a artista feminina mais premiada em uma única edição do *Grammy*, tendo angariado 6 de suas 10 indicações em 2010. Além de cantar, ela também é atriz, compositora, modelo, dançarina, empresária, produtora, diretora e roteirista. Acha pouco? Em 2011, a revista *Forbes* elegeu Beyoncé como a mulher afro-americana mais poderosa dos EUA. Desculpa, mas não é pouca coisa!

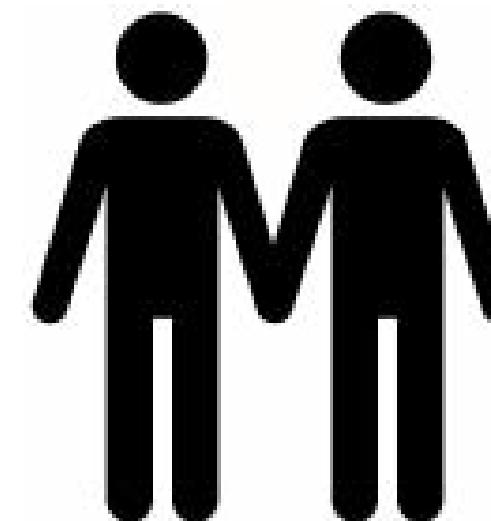


Barbie: a boneca mais famosa do mundo foi lançada em 1959 e custava US\$ 3,00. Pensada para ser uma mulher adulta, ganhou o nome da filha de seus criadores (Ruth Handler e seu marido, Elliot Handler, um dos fundadores da Mattel), Bárbara, que foi abreviado, dando origem ao nome Barbie. Seu namorado, Ken, criado em 1961 também recebeu o

nome de outro filho do casal, Kenneth (que faleceu em decorrência de um tumor no cérebro). Cultuada ao redor do mundo, a boneca já teve mais de 100 profissões a até já se candidatou à presidência. Feita para servir de inspiração para garotas serem o que quisessem quando crescessem, Barbie foi alvo de duras críticas ao longo dos anos por representar um ideal de padrão de beleza inatingível e pela sua falta de bom-senso fashion, já que ela usa roupas muito apertadas e muito curtas, cabelos extremamente longos e está sempre de salto alto. Apesar disso, a boneca continua sendo recordista de vendas e sua marca chega a faturar em torno de US\$ 3 bilhões por ano ao redor do mundo. Estima-se que 2 bonecas Barbie sejam vendidas a cada segundo em algum lugar do globo. O maior colecionador de Barbies do mundo foi um holandês que acumulou 4 mil unidades do brinquedo durante 40 anos. No Brasil, a maior coleção catalogada é de Carlos Keffer, que conta com mais de 450 bonecas. A Barbie mais cara do mundo foi vendida pela bagatela de US\$ 302.000,00!

Pajubá: tecnicamente, o pajubá é uma apropriação linguística de dialetos provenientes de várias línguas africanas, por pessoas da comunidade LGBTQIA+. Inicialmente usado pelos “povos de santo”, as palavras foram absorvidas pelas travestis nos anos 80 e acabaram sendo usadas pelo restante da comunidade. Porém, mais do que um modo de falar, o pa-

jubá se revela como uma atitude política, que traz senso de unidade e pertencimento a uma parte minoritária da população. Originalmente, a linguagem era usada como meio de enfrentar a pressão policial, uma vez que sua compreensão era difícil, caso você não conhecesse as palavras anteriormente. Além do vocabulário, o pajubá engloba toda uma série de gestos e trejeitos, promove uma quebra nas relações de padrões de gênero conhecidos quando, por exemplo, troca-se a terminação em “o” de palavras que denotam masculino, por “a” (“prédia”, “cadeada”). Ou seja, o pajubá está para além de uma deturpação linguística ou a incorporação de palavras estrangeiras no português. Ele faz parte de uma questão identitária e de pertencimento.





Sítio do Picapau Amarelo: O “Sítio do Picapau Amarelo” (como era escrito originalmente), obra literária de Monteiro Lobato, teve algumas adaptações para a TV. As gerações um pouco mais jovens devem conhecer a versão de 2001, com Isabelle Drummond no papel da boneca Emília (ou, não tão jovens, uma vez que a própria Isabelle, hoje, já tem 27 anos). Mas, no final dos anos 1970 estreou na TV Globo o que já seria a 3ª versão televisiva dos livros. Esta foi exibida entre 1977 e 1986, trocando várias vezes de horário durante sua estadia na emissora. O projeto, ambicioso para época, contava com um sítio de verdade, construído exclusivamente para o seriado. Nos seus quase dez anos de exibição, o Sítio recebeu personalidades famosas e era escrito por grandes nomes da teledramaturgia brasileira, como Benedito Ruy Barbosa. O programa contou com 1.549 capítulos e nos deu pérolas musicais como o tema de Emília, cantado pela então Baby Consuelo (hoje, Baby do Brasil).

Balão Mágico: É possível que o título “A Turma do Balão Mágico” cause alguma confusão na sua cabeça. Isso porque o grupo musical e o programa de televisão se confundem na memória afetiva de algumas pessoas. O fato é que, antes do programa ser lançado pela TV Globo, em 1983, o grupo musical formado por Simony, Mike e Tobe já existia há pelo menos 2 anos. Simony teria aparecido pela primeira vez na TV no programa do Raul Gil, enquanto Mike (e isso me deixou surpreso) teria recebido notoriedade após um apelo feito na televisão para que seu pai, sequestrado para o Caribe, fosse trazido de volta ao Brasil (!). Com a popularidade do trio e vendo o sucesso das emissoras concorrentes em fazer programas com tema de circo (Bambalão na TV Cultura e Bozo, no SBT), a Rede Globo resolveu investir no seu próprio programa infantil e pôs Simony, junto com Fofão e Cascatinha (Orival Pessini e Castrinho, respectivamente) à frente dos primeiros episódios de “Balão Mágico” nas manhãs da emissora. Pouco tempo depois, Mike, Tobe e o já inserido no grupo musical, Jairzinho, se juntaram ao matinal, que ganhou mais tempo de TV e uma porção de desenhos animados. Em 1986, com a saída dos garotos do grupo e o afastamento de Simony e Fofão, que receberam propostas de outras emissoras, o programa saiu do ar, abrindo espaço para o Xou da Xuxa. O fim de uma era, o início de outra.

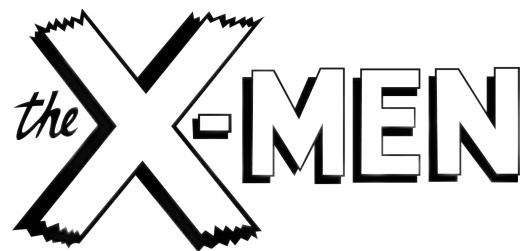
Xou da Xuxa: Provavelmente o programa infantil de

maior sucesso na história da TV brasileira, o “Xou da Xuxa” levou ao estrelato a apresentadora Xuxa Meneghel e fez parte da infância de 10 entre 10 crianças nascidas nos anos 70, 80 e 90 (mesmo ele tendo saído do ar em 1992), isso porque, ainda que o “Xou da Xuxa” tenha sido encerrado em seu programa de número 2.000, a apresentadora continuou na TV pela década seguinte e acompanhou o crescimento do seu público original, bem como voltou a produzir produtos para o público infantil. O primeiro episódio do programa “Xou da Xuxa” foi ao ar em 30 de junho de 1986, substituindo o “Balão Mágico”. Ele trazia a apresentadora Xuxa da TV Manchete, onde ela apresentava o “Clube da Criança”. Rápido, o programa caiu nas graças do público e rendeu à emissora uma franquia, tendo sido vendido para vários países. A apresentadora se tornou referência e produtos com a sua marca eram lançados a rodo e se tornavam o desejo das crianças da época. Para se ter uma noção, os discos da Xuxa venderam mais de 40 milhões de cópias. Ela acumula nada menos do que 214 discos de ouro. Os filmes estrelados pela loira já foram vistos por mais de 30 milhões de pessoas, sendo o campeão de bilheteria o filme “Lua de Cristal”, de 1990. Nas manhãs dos anos 1980, as crianças acompanhavam brincadeiras competitivas entre meninos e meninas, atrações musicais e uma enxurrada de desenhos animados. Xuxa descia em uma nave espacial e nunca repetia um figurino, muito embora ela seguisse um

padrão de vestimentas, quase sempre de minissaias, obreiras com os cabelos presos em “chuquinhas”, marca registrada da apresentadora. Hoje, 35 anos depois da estreia de Xou da Xuxa, a apresentadora ainda é aclamada como a “Rainha dos Baixinhos”. Programa Clip Clip: Não há muito para dizer sobre o programa “Clip Clip”, muito embora ele tenha representado um marco na televisão nacional. O formato inovador e a linguagem jovem do programa foram precursores do que emissoras como a MTV fariam poucos anos depois. “Clip Clip” era um programa musical apresentado por dois fantoches, o Muquirana Jones e o Edgar Ganta. O cenário, todo feito em “chroma key”, permitia uma liberdade imensa aos personagens, que poderiam entrevistar – ficcionalmente, claro – convidados que estavam em outros países e até interagir com os vídeos que apresentavam. Em uma era sem *streaming*, internet e pré MTV, era o Clip Clip o responsável por apresentar os lançamentos musicais em vídeo dos principais artistas mundiais. Em seu pouco tempo de duração, o programa recebeu em seu estúdio artistas que faziam sucesso entre a juventude como a banda Legião Urbana. Sua estreia foi em setembro de 1984 e ele esteve no ar até 1987. Marcou o debute de Boninho como diretor na Rede Globo.

Superamigos: A série de desenhos animados “Superfriends” foi a primeira versão televisiva da Liga da Justiça. Com as restrições da época, a equipe passou por muitas reformulações, tendo diminuído seu nível de violência e inserido personagens sem poderes, os jovens Wendy, Marvin e o Supercão, posteriormente substituídos pelos gêmeos Zan, Jayna e o macaco Gleek – quem não lembra da irmã que sempre virava um pterodáctilo e o irmão que teimava em ser um balde de água? A animação teve os designs dos personagens adaptados por Alex Toth, mesmo homem que criou o “Space Ghost”. A série estreou nos EUA em 1973 e durou até 1985. Aqui no Brasil ele foi transmitido pela primeira vez em 1975. Eu ainda não tinha nascido, mas pude acompanhar a Liga da Justiça animada nos programas “Balão Mágico” e, posteriormente, no “Xou da Xuxa”. A dublagem por aqui era dos saudosos estúdios Herbert Richers. Esse desenho apresentou para uma geração inteira de crianças que não tinham acesso às histórias em quadrinhos os heróis da editora DC, que já eram famosos a um tempo para quem já tinha assistido aos filmes do Superman e ao seriado do Batman. Outro fato interessante, quatro personagens que não existiam nos quadrinhos foram inseridos nos episódios para aumentar a representatividade da animação: o herói afro-americano Vulcão Negro, o índio americano Chefe Apache, o oriental Samurai e o mexicano descendente de astecas El-Dorado. Anos depois,

esses heróis foram homenageados na animação da Liga da Justiça do desenhista Bruce Timm, na década de 2000.



X-Men: Os X-Men são uma equipe de super-heróis dos quadrinhos da editora Marvel Comics. Eles foram criados em 1963 e já na sua origem traziam paralelos com a realidade – seus antagonistas, Magneto e Professor Xavier, eram comparados à Malcolm X e Martin Luther King, pois suas filosofias de coexistência e *modus operandi* são muito parecidos. Com o passar do tempo, essa comparação foi se transformando, mas a equipe de mutantes sempre teve seus temas voltados às populações que formam minorias políticas, sejam imigrantes, mulheres, negros e, principalmente hoje, com a comunidade LGBTQIA+, uma vez que os poderes dos mutantes começam a se manifestar na adolescência, época em que se desperta a sexualidade. Devido suas metáforas um tanto quanto óbvias, é muito pouco provável que qualquer jovem não construa alguma identificação com a equipe. Os mutantes são odiados pelos “não-mutantes” – e aqui não cabe a diferenciação “humanos ou mutantes” porque ambos,

mutantes ou não, são humanos – pois estes primeiros têm seus poderes devido a um salto evolucionário repentino, o que coloca as pessoas sem poderes em posição desfavorável na cadeia evolucionária. No universo dos quadrinhos, acredita-se que os humanos sem poderes serão extintos. Por isso os mutantes são odiados. Embora os quadrinhos dos X-Men já existissem no Brasil há um tempo, foi a série animada lançada no início dos anos 1990 que abriu os olhos do grande público para os personagens. O desenho foi exibido inicialmente pelo programa “TV Colosso”, matinal diário que sucedeu o “Xou da Xuxa”, bem como a animação do Homem-Aranha, com mesmo traço e produção. Com o fim da TV Colosso, o desenho animado dos mutantes foi exibido pela TV Globinho e também era transmitido na TV paga pelo canal Fox Kids. Nos EUA, a série foi lançada em 1992 e durou até 1997.



Os Cavaleiros do Zodíaco (e mais uma porção de coisas): Neste espaço vamos aprender alguns conceitos (entre os parênteses) que são correlacionadas ao tema CdZ. Segue o bonde! Originalmente batizado como “*Saint Seiya*”, o anime (nome que se dá, no ocidente, às animações japonesas) “Os Cavaleiros do Zodíaco” é uma adaptação do mangá (histórias em quadrinhos japonesas) escrito por Masami Kurumada (um mangaká, profissional que escreve os mangás – normalmente, roteirista, escritor e desenhista de mangá é uma única pessoa). O mangá de CdZ teve sua primeira aparição em 1985, na revista “*Weekly Shonen Jump*” (um semanal que compila vários títulos de mangás – normalmente elas são bem grossas por conta do número de páginas e são impressas em papel de baixa qualidade, porque são feitas para serem descartáveis, é comum esses semanais serem encontrados abandonados em bancos de metrô no Japão) e permaneceu sendo publicado neste formato até 1990. Mas há um processo comum com mangás que fazem sucesso no país do sol nascente: eles costumam ganhar seus títulos solos – fora dos compilados semanais – e se transformam em anime. Com CdZ, esse foi um processo bem rápido, dado o estrondoso sucesso que o mangá fez entre os fãs. Então, logo o título de Kurumada ganhou sua própria revista e teve lançados, inclusive, edições de luxo com direito a capa dourada (conhecidos como *Kanzenban*, com algumas páginas coloridas, inclusive – tô aqui tentan-

do lembrar se eu avisei que, via de regra, os mangás são publicados em preto e branco). Quando o anime de Saint Seiya começou a ser exportado, o primeiro país onde o anime foi transmitido fora do Japão foi a França, que o batizou de “Les Chevaliers du Zodiaque”, nome com o qual o desenho ficou conhecido no restante do mundo. Aqui no Brasil, CdZ aportou em setembro de 1994. A emissora que o exibiu, a já fechada TV Manchete, só topou a transmissão por conta de uma permuta feita com uma fabricante de brinquedos, que queria o anime na televisão para vender seus bonecos. A equipe da Rede Manchete ficou chocada com o que viu: o anime era muito violento, pessoas eram mutiladas e havia sangue a toda hora. Ou seja, o que começou com relutância se tornou o que provavelmente foi a maior zebra de audiência de uma emissora. CdZ triplicou a audiência do horário da Manchete (que saltou de 2 para quase 6 pontos de IBOPE). Quando foram anunciados episódios novos, a emissora teve picos de 15 pontos. No horário nobre! Infelizmente, quando Cavaleiros começou a ser transmitido no Brasil, ele já havia sido encerrado no seu país de origem, onde seus episódios foram até 1989 e o desenho foi descontinuado por conta da já baixa popularidade. Assim, os fãs ficaram sem o final da série por vários anos. Final este que só foi produzido em 2008, quase 20 anos depois de seu encerramento. O sucesso de “Saint Seiya” ainda corre o mundo e, até hoje, são lançados mangás, pelo pró-

prio autor e também de outros, com histórias feitas baseadas nos heróis originais, mesmo que sem a presença deles. Produtos franqueados são anunciados todos os anos e há até uma série sendo produzida pela gigante Netflix, além do lançamento de um esperado filme em live action (com atores de verdade no papel dos heróis). Ufa!



VHS: Se você está lendo este capítulo em ordem deve se lembrar que houve uma época em que as fitas magnéticas dominavam o mercado. E não foram apenas no ramo musical. O “Video Home System”, ou, abreviando, VHS, ganhou popularidade nos anos 1970 e foi visto com maus olhos pela indústria televisiva – que acreditava que o VHS estava roubando sua audiência. Mas quando o telespectador passou a ter controle do que assistir, ele não quis mais renunciar a isso. Assim, o mercado acabou absorvendo a nova tecnologia e a venda de filmes para serem assistidos em casa logo se tornou um hábito. O primeiro apa-

relho de videocassete lançado no Brasil foi fabricado pela marca Sharp em 1982 (hoje, a empresa já não existe mais). A popularização do home video trouxe com ele outra forma de se trabalhar o mercado: as vídeo locadoras. Um lugar repleto de fitas de vídeo com os mais variados temas e os lançamentos do cinema, aonde as pessoas iam para alugar fitas que eram pagas por diárias. Menos nos fins de semana, em que, de sábado até segunda-feira, contava-se apenas um dia, e as pessoas faziam filas enormes e levavam uma dúzia de filmes para casa, garantindo diversão para o fim de semana inteiro. Era muito cômodo. Menos a parte em que você tinha que rebobinar a fita, já que, diferente das fitas musicais, os VHS só eram gravados de um único lado. Assim, ao terminar de assistir você tem que voltar a fita ao início para poder assisti-la novamente (ou pagaria uma multa na locadora, caso esquecesse). O mercado de VHS só teve seu declínio no final dos anos 1990 quando o DVD começou a tomar seu lugar. Mais uma era que terminou.

Tokusatsu e Super Sentai: Tokusatsu é uma espécie de termo guarda-chuva usado em japonês para designar filmes em live action que usam efeitos especiais. Ou seja, filmes de ficção científica, fantasia, terror ou super-heróis, geralmente, são tokusatsu. Os mais conhecidos costumam ser os filmes de monstro kaiju, sendo o “Godzilla” o mais popular entre eles. As séries de TV não ficam de fora. Os Me-

tal Hero (“Jaspion”, “Metalder”, “Jiraiya”, etc.), são um estilo de tokusatsu. Os *Super Sentai*, por sua vez, são um subgênero específico do tokusatsu. Caracterizados por uma equipe de 5 pessoas, geralmente usando roupas coloridas, onde cada um dos seus membros veste uma cor diferente, possuem poderes especiais e um arsenal de armas, entre elas os mechas (os robôs gigantes que se unem em um único robô maior ainda para enfrentar inimigos mais fortes). Essas séries costumam se renovar anualmente, e estão no ar desde 1975 no Japão. É tipo a “Malhação” deles (ou será que a “Malhação” é que é tipo o *Super Sentai* da gente?)





Mulher-Maravilha: “*Wonder Woman*” é uma personagem de histórias em quadrinhos publicada pela editora DC Comics. Criada em 1941, no que se conhece como a era de ouro dos super-heróis, ela foi pensada pelo psicólogo William Moulton Marston para representar o ideal de heroísmo a ser seguido pela juventude da época – ao contrário dos super-heróis já publicados, que resolviam as coisas com violência e usando força-bruta, o herói que Marston escreveria, seria a personificação do amor, que não triunfaria através os punhos. Por ideia de uma de suas esposas, o psicólogo deveria escrever esse herói como uma mulher. Sim, você leu certo: Marston não tinha apenas uma esposa, ele tinha duas. O “trisal” vivia uma relação consensual na década de 1930 (bem modernos para os padrões da época). Assim, o psicólogo, que era defensor do feminismo e acreditava que as mulheres tinham o direito de ser tão livres e independentes quanto quisessem, inclusive de estudar e se formar nas Universidades, criou a primeira

super-heroína da história. Revolucionária desde sua criação, a Mulher-Maravilha se diferenciava por ser um personagem solo, independente de algum herói masculino que já existisse previamente. Ela não era a versão feminina do Superman ou o par romântico de Batman. Não servia de suporte para o arco do personagem masculino. Além disso, suas armas não eram agressivas, de ataque, mas eram voltadas para a defesa e para mostrar a verdade – como seu laço mágico, que força qualquer um envolto por ele a dizer a verdade, tal qual o polígrafo, a máquina detectora de mentiras inventada pelo criador da amazona. Durante seus 80 anos de existência, Mulher-Maravilha passou pelas mãos de muitos autores. Teve fases muito boas, revelando seu potencial como personagem feminino assim como fases muito ruins, mostrando o machismo latente na sociedade. Já foi deturpada várias vezes, teve seu uniforme sexualizado e já serviu como suporte para a Liga da Justiça (durante anos atuou como secretária da equipe, fazendo nada mais que atender ao telefone). Hoje ela é conhecida como o maior ícone feminino fictício de todos os tempos, talvez a personagem mulher mais importante já criada. Suas origens já foram resgatadas várias vezes e ela já estampou capas das mais importantes revistas sobre o feminismo, bem como já foi intitulada como Embaixadora Honorária para Mulheres e Meninas pelas Nações Unidas. Mais recentemente, em suas histórias, a personagem se de-

clarou como bissexual, fortalecendo uma já latente relação com a comunidade LGBTQIA+. No mundo de verdade Diana Prince teve poucas interpretações, sendo as mais conhecidas do público a da atriz Lynda Carter para o seriado de sucesso dos anos 1970, que tinha o nome da personagem como título, e a mais recente, da atriz Gal Gadot, para os dois filmes do cinema que estrearam em 2017 e 2020.

Caverna do Dragão: Criado em 1983 por Gary Gygax, “*Dungeons & Dragons*”, no original, foi uma série animada americana que fez imenso sucesso no Brasil. Sua exibição começou por aqui no programa “Xou da Xuxa”, e continuou seguidamente por 20 anos. Talvez hoje não seja tão difícil acreditar, mas a série, originalmente, possuía apenas 27 episódios divididos em 3 temporadas, dos quais, só 18 foram comprados inicialmente pela TV brasileira - e repetidos à exaustão. Somente em 1994 os 9 episódios restantes foram adquiridos pela emissora e foram transmitidos já com nova dublagem. Os personagens protagonistas da série são 6 adolescentes comuns (e mais um filhote de unicórnio), que ficam aprisionados em um lugar chamado “O Reino” depois de embarcar em uma montanha russa de um parque de diversões, e que tentam a todo custo retornar para casa. Geralmente eles têm seus planos frustrados por um feiticeiro maligno chamado Vingador. Quem guia os garotos em suas aventuras é um outro mago, esse do bem, chamado Mestre dos

Magos (“*Dungeons Master*”, no original). O desenho foi baseado em um jogo de mesmo nome (“*Dungeons & Dragons*”, não “*Caverna do Dragão*”) do tipo RPG (“*Role-Playing Game*”). Apesar do sucesso moderado que teve nos EUA, a animação era considerada sombria para sua época, com episódios que envolviam risco de morte para os personagens, conflitos sobre assassinar seus inimigos e debates sobre traição e autoestima – tudo que uma criança dos anos 80 “precisava” assistir. Por isso, a série acabou sendo cancelada durante a 3ª temporada e seu último episódio nunca foi produzido, apesar de ter um roteiro já escrito. Isso frustrou os fãs brasileiros por décadas! Mais recentemente, em 2020, uma animação foi produzida por fãs americanos misturando imagens da série clássica com novas e usando, para a dublagem, o “áudio drama” que foi apresentado como material extra do box de DVDs da animação.



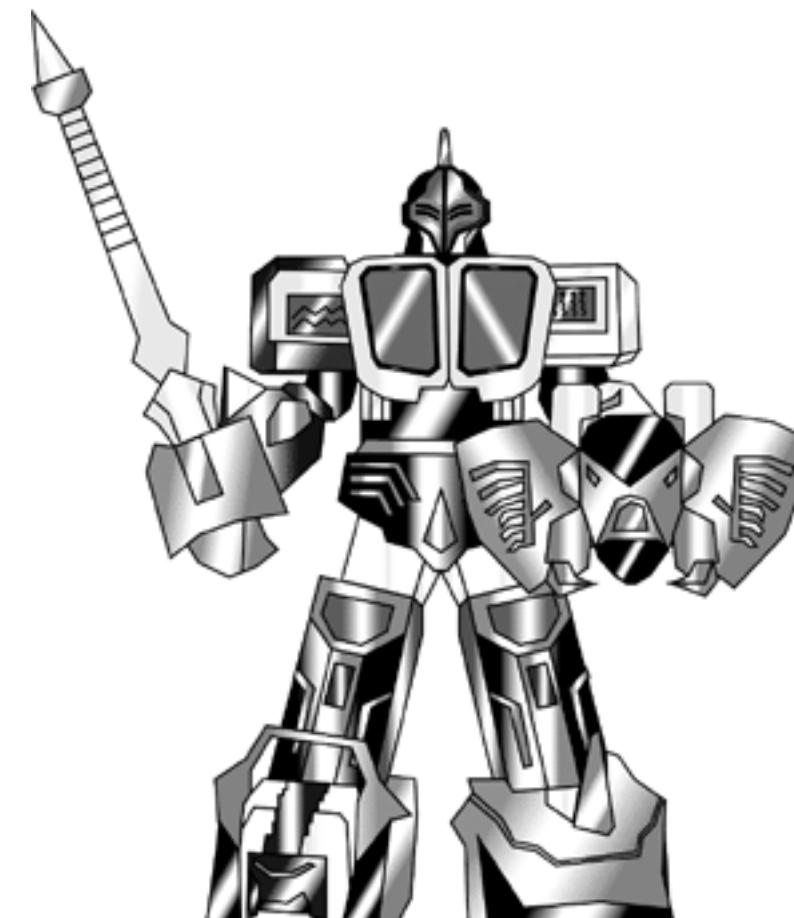


Power Rangers: “Mighty Morphin Power Rangers” é uma série de TV americana produzida desde 1993 até os dias atuais. O programa é adaptado de séries japonesas de Tokusatsu *Super Sentai*. Como você já sabe – uma vez que eu já disse isso antes – os *Super Sentai* são como uma “Malhação” japonesa. Uma série de super-heróis que se renova todos os anos, seguindo um formato pré-estabelecido: cinco jovens uniformizados, em cores diferentes, que se unem para combater o mal e usam seus robôs gigantes para derrotar os inimigos. Essas temporadas são adaptadas, posteriormente, para o público americano, utilizando os mesmos figurinos, temas, vilões, trocando apenas os atores japoneses por estadunidenses. Um enorme sucesso desde sua criação, os *Power Rangers* são transmitidos ainda hoje pelo canal Fox e possuem uma franquia que lança os mais variados produtos, desde brinquedos, estatuetas colecionáveis e histórias em quadrinhos, sendo uma das mais rentáveis

e perdurando por quase 30 anos, sem previsão de ser descontinuada. Aqui no Brasil, a série foi exibida inicialmente pela “TV Colosso”, de 1993 até o início dos anos 2000. Hoje, os fãs podem assistir algumas das temporadas pelo serviço de *streaming* Netflix.

Model Kits: é um passatempo que consiste em montar objetos em escalas reduzidas com peças feitas de plástico, vendidas em um kit, com todas as partes necessárias para a montagem, excetuando as elétricas. As cartelas de *model kits* vêm com os pedaços unidos por pequenas hastes, que o montador deve cortar e, geralmente, lixar, encaixando-as depois (normalmente as peças são feitas de poliestireno). Após a montagem o objeto é pintado, recebendo ares de realismo. Normalmente os kits acompanham alguns adesivos com as logomarcas dos automotivos, para serem colados. Existem também tintas específicas para pintura desse material. Algumas, inclusive, para dar tons de envelhecimento, aumentando mais ainda a verossimilhança da miniatura. A prática surgiu nos anos 1950 e serviu como propaganda de guerra (como os fabricantes eram americanos, miniaturas de tanques de guerra eram vendidos para montagem, revelando tanques mais modernos e cheios de detalhes nos modelos ianques, sendo que os tipos alemães, ao serem terminados, revelavam modelos de tanques mais simples obsoletos). Posteriormente, a indústria de aviões viu o *hobby* como

uma maneira de propaganda de suas companhias – ela acreditava que as pessoas iriam gostar de voar nos aviões em tamanho real que elas construíam em forma de miniatura. Com o passar do tempo, os modelos deixaram de ser exclusivamente automotivos e passaram a abranger toda espécie de mote. Hoje podem-se montar personagens de desenhos animados, quadrinhos e veículos que, inclusive, não existem (como é o caso das aeronaves que aparecem no anime “*Gundam*”, onde os personagens pilotam robôs gigantes, que servem como modelos para construção em miniatura). O termo em português para o passatempo é “*plastimodelismo*”.





Liga da Justiça: Apesar de ser a equipe de super-heróis mais conhecida do universo dos quadrinhos, a “Liga da Justiça da América” não foi a primeira. Esse título fica a cargo da “Sociedade da Justiça”, que foi criada em 1941. Anos depois, com o fim da guerra, os quadrinhos de super gente estavam com as vendas em baixa. Pensando em uma forma de reverter essa situação, a DC Comics pediu para Gardner Fox reunir os heróis em uma nova equipe. Fã de esportes que era, Fox juntou os principais personagens da casa e batizou a equipe de “Liga da Justiça”, por causa da liga de beisebol do país. O ano era 1960 e desde então a Liga nunca mais encerrou suas atividades (algumas vezes, na verdade, mas nunca de forma permanente) e inspirou o surgimento de várias outras equipes, como o “Quarteto Fantástico” e “Os Vingadores”. Nesses 50 anos desde sua primeira aparição

a equipe já teve dezenas de formações, passando por ela mais de 100 personagens. E vale dizer que nem sempre ela foi “da América” – foram formadas “ligas” da Europa, Internacional e até da Antártida. A cada nova fase da editora, praticamente outra “Liga da Justiça” surge, trazendo novos integrantes. Mesmo com tantas mudanças, alguns personagens se tornaram clássicos na equipe. Obviamente, os personagens mais vendáveis da DC, tais como os sete principais: Superman, Batman, Mulher-Maravilha, Aquaman, Lanterna Verde, Flash e Caçador de Marte. Curiosamente, Superman e Batman não faziam parte da primeira formação da Liga, tendo entrado tempos depois, por causa do sucesso da animação dos “Superamigos”. Para TV, o grupo já foi adaptado algumas vezes, tendo mais destaques a série de 1973 (Superamigos) e a de 2001. Para o cinema foi pensado um filme pelas mãos do diretor Zack Snyder, mas que estreou com uma versão modificada, sob a responsabilidade de Joss Whedon. Mais recentemente a versão do primeiro diretor foi lançada na plataforma de streaming da HBO e possui 4 horas de duração.

Star Wars: “Guerra nas Estrelas” teve seu primeiro filme lançado em 1977 e revolucionou a maneira de se fazer cinema, dando origem ao que hoje conhecemos como *blockbusters* (esses filmes feitos propositalmente para se tornarem grandes franquias). Foi o filme de George Lucas que levou para fora das telas

as franquias de produtos colecionáveis baseados no que víamos nas telonas. Por incrível que possa parecer hoje, o diretor teve dificuldade para transformar em realidade seu projeto. Rejeitado pela Universal e pela Warner, foi na Fox (e ainda assim com a ajuda de Alan Ladd Jr) que Lucas encontrou refúgio. Mesmo lá, ele teve que aceitar um contrato incomum para a época: ficou com os direitos de uma sequência, que ninguém acreditava que sairia, e com os direitos de *merchandising* de tudo que se derivaria do seu filme. Aconteceu que “Star Wars” foi um sucesso de bilheteria e faturou mais de 700 milhões de dólares – e ainda rendeu 7 estatuetas do Oscar. Feliz da vida (e cheio de dinheiro), George Lucas fundou sua própria empresa cinematográfica, a Lucasfilm. Depois disso, “Guerra nas Estrelas” se transformou em uma das maiores franquias do mundo. Hoje, aos produtos de SW somam-se séries de TV, animações, histórias em quadrinhos, figuras de ação e toda sorte de produtos estampando os personagens. Não fosse bastante, em 2014 a Lucasfilm foi vendida à The Walt Disney Company pela quantia de 4,05 bilhões de dólares, com a promessa de que seria lançado 1 filme da saga a cada ano, parque temático e tudo que a empresa do Mickey Mouse pode oferecer. Até agora a saga completa, no cinema, conta com 11 filmes, sendo 2 *spin-offs*. Alguns dos filmes dividem as opiniões de fãs e da crítica, mas a saga ainda é aclamada pelos aficionados em ficção científica e figura como tema recorrente entre os cole-

cionadores de artigos com temática *nerd* e *geek*. “Star Wars” é o primeiro – e provavelmente o maior – símbolo da cultura pop nos cinemas. A saga de filmes é a 3ª série cinematográfica com maior bilheteria da história, estando atrás apenas do Universo Cinematográfico da Marvel e dos filmes de *Harry Potter*.



EPÍLOGO



**Coleccionando
histórias**

EPÍLOGO

Colecionando histórias



Gambit Cavalcante

Quando me dei a missão de escrever sobre colecionismo, a primeira coisa que pensei foi em como seria fácil falar de algo que faz parte do meu cotidiano. Ao final do processo, eu me dei conta da árdua missão que assumi. Não porque teria que falar do colecionismo em si, mas porque teria que falar de pessoas, de processos de vidas que se tornaram maiores do que suas coleções. Não só por causa delas, mas também por elas.

Um processo que já seria complicado em sua própria essência – contar histórias reais não é algo simples, uma vez que isso envolve o legado dos personagens envolvidos – tornou-se ainda mais vigoroso pela época em que foi desenvolvido. Esse livro foi produzido durante uma pandemia. Num tempo em que encontros pessoais eram escassos e perigosos. Os acordos tinham que ser feitos por mensagens, os procedimentos eram lentos e as reuniões tinham que ser bem planejadas. O distanciamento social prevalecia. Muitas oportunidades foram perdidas e algumas histórias deixaram de ser contadas.

A época em que o livro foi desenvolvido certamente interferiu no seu conteúdo. As conversas, mascaradas, escondiam os sorrisos e os descontentamentos que são revelados em nossas faces. Havia cautela no que se podia tocar, onde se sentar e sobre quem estaria em casa no momento da conversa. E todos esses procedimentos interferiram na maneira em que se sucederam os longos diálogos que tive com os entrevistados.

Estes, por sua vez, se revelaram em histórias carismáticas, únicas, com tantos desdobramentos que renderam, para este autor, momentos de escolhas difíceis sobre tudo que poderia ser contado. Colecionar é, para quem coleciona, tão importante até o ponto que se torna um detalhe. É algo que nos move, que nos referencia, mas que não nos define – mas o que seria isso, afinal? Somos tantas coisas em uma única pele, que ser colecionador é apenas mais uma delas.

Porém, para nós próprios, colecionar praticamente decide como viveremos. Ter uma coleção como companheira é dividir a vida com uma porção de objetos inanimados que nos dão sentido no viver. Os personagens que aparecem aqui absorvem dos temas de suas coleções a base filosófica pela qual se guiam. Seja na perseverança de um super-herói, na disciplina de uma diva do pop, no senso de justiça, inalcançável, das histórias em quadrinhos, estamos nos espelhando nos temas de nossas coleções, tão intimamente, que alguns de nós sequer se dá conta.

Somos tão diversos que foi possível descrever propósitos diferentes para tipos de coleções idênticas. Começamos uma coleção ao ganhar um presente dos pais, ao ouvir uma música no rádio, ao ver um clipe na TV ou uma apresentação em uma premiação, ao lembrarmos dos desenhos que víamos na infância. Nós nos unimos em propósitos parecidos motivados por gatilhos que são múltiplos.



Quando eu mesmo penso em minhas coleções eu percebo o legado ao qual dei continuidade mesmo sem saber que era isso que estava fazendo e que, no futuro, o trabalho que comecei poderá ser o legado de outros. Nossas coleções deixam marcas em nós mesmos e, se somos nós mesmos personagens do mundo, não seriam essas marcas deixadas também no mundo?

De outras formas, partes do processo também me revelaram como nossa bolha sofre com os próprios preconceitos internos. Foi impossível para mim, por exemplo, encontrar um personagem feminino para compor as histórias que eu gostaria de contar. As poucas mulheres a quem encontrei no caminho não puderam me atender justamente por causa do momento pandêmico em que nos encontramos. Todavia, o fato de serem poucas também revela o quão machistas ainda somos tendo em vista que mulheres são escassas como colecionadoras – ao menos dentro do meio *nerd*.

Outras características que puderam ser observadas foram que: a) homens gays costumam eleger ídolos femininos; b) o meio *nerd/geek* costuma eleger ídolos que são referências em suas infâncias; c) todos os entrevistados têm forte apelo memorial em suas coleções. Essa última constatação é a mais pungente entre as pessoas que colecionam. Ou seja, a valoração dos acervos passa longe de questões de preço. São peças que fazem presentes pessoas amadas, momentos que os colecionadores pretendem preservar para sempre de forma tangível. Como uma maneira de imortalizar fisicamente algo que não queremos perder em nossas memórias.

Certamente, eu sabia que não estava sozinho no mundo. A internet já havia, há muito, me feito encontrar fóruns, grupos e comunidades de colecionadores espalhados pelo mundo. Pessoalmente, colecionar já me proporcionou convites para falar dos objetos de minha coleção em eventos, sites, colunas... Eu fiz amigos por causa das minhas co-

leções e muitas pessoas só me conhecem por causa delas. No entanto, foi no processo de feitura desse trabalho que eu conheci intimamente histórias de vida de colecionadores e pude ver, de perto, o que os motiva a colecionar. Eu não conheci apenas colecionadores, eu conheci pessoas.

Colecionar se revelou, acima de tudo, um gesto afetivo. E longe de ser apenas para com as pessoas que amamos, mas para nós mesmos. Colecionar mantém em dias a saúde mental de quem o faz. Para alguns, é terapêutico até o ato de cuidar do acervo. Faz bem na alma perceber ele crescendo, item por item, cada um com sua própria historinha. Cada conquista, a primeira coisinha que compramos com nosso próprio dinheiro, o último presente que ganhamos de alguém que já partiu, ou o primeiro que veio da pessoa com quem vamos nos casar. Esse trabalho não foi sobre ter coisas...

Ele foi sobre pertencimento!



Agradecimento

E escrever este livro não teria sido possível sem ajuda incondicional de minha mãe, Claudia, que me apoiou durante toda a vida, de meu esposo, Alexandre, que segurou as pontas durante boa parte do meu período de formação e do meu orientador, que me acolheu nessa empreitada que não terminou como deveria, mas, como pôde. Devo agradecer também aos amigos que estiveram do meu lado, sejam os que trago desde a infância, sejam os que fiz na Universidade. Às pessoas que se lembram de mim todas as vezes que se deparam

com algo da Mulher-Maravilha, aos professores que me estenderam a mão sempre que precisei de auxílio, aos entrevistados que se dispuseram a me receber nesse período tão complicado de pandemia e, logicamente, aos amores platônicos que me levaram a ser um colecionador: Madonna, Mulher-Maravilha e X-Men, que não sabem que eu existo ou que sequer existem de forma material. Por fim, muito obrigado ao meu maior incentivador já falecido, Marcos, que me presenteou com minha primeira boneca. Onde quer que esteja, muito obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In:

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Belo Horizonte/São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991. (Grandes Cientistas Sociais, n.50).

CADETE, Gabriel. **A polêmica do livro SEX da Madonna e o conservadorismo na época (+18)**. Brasil: Papel Pop, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2018/08/a-polemica-do-livro-sex-da-madonna-e-o-choque-no-conservadorismo-da-epoca-18/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

CARDOSO, Carlos. **Não entre em pânico mas as fitas K7 estão com os dias contados**: Fitas K7 estão cada vez mais próximas de seu fim, a cadeia de produção está nas últimas, dependendo de uma única fornecedora de matéria-prima. Brasil: Meio Bit, 1 ago.

2018. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meio-bit/414504/nao-entre-em-panico-mas-as-fitas-k7-estao-com-os-dias-contados/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

CAVZODÍACO (Brasil) et al, (ed.). **Introdução aos CDZ: História**. Brasil: CavZodiaco, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cavzodiaco.com.br/informacoes/introducao-aos-cdz/historia>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CD BABY (Brasil) (ed.). **O que é um single?:** Como plataformas como Spotify e Apple Music definem o que é um ?single?. Brasil: CD Baby, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://somosmusica.cdbaby.com/o-que-e-um-single/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CICCONE, Christopher. **A Vida Com Minha Irmã Madonna**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008. 362 p. v. 1. ISBN 978-85-7665-125-3.

CONFIRA 50 curiosidades sobre os 50 anos da Barbie. In: SITE TERRA (Brasil) et al, (ed.). **Confira 50 curiosidades sobre os 50 anos da Barbie**. Brasil, 12 fev. 2009. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/confira-50-curiosidades->

[sobre-os-50-anos-da-barbie,ea086ee9f9e27310Vgn-CLD100000bbcceb0aRCRD.html](https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/confira-50-curiosidades-sobre-os-50-anos-da-barbie,ea086ee9f9e27310Vgn-CLD100000bbcceb0aRCRD.html). Acesso em: 16 ago. 2021.

DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DURKHEIM, E. **As regas do método sociológico**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985

DURKHEIM, E.; MAUSS, M. **Algumas formas primitivas de classificação**. Tradução de Ma. I. Pereira de Queiroz. São Paulo: FFLCH-USP, 1954. Mimeografado.

ELER, Guilherme. **O que é o pajubá, a linguagem criada pela comunidade LGBT**: Nascido na ditadura e com origem no iorubá e nagô, vocabulário reúne apropriações linguísticas feitas por homossexuais e travestis. Brasil: Super Interessante, 5 nov. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ESTADÃO (Brasil) et al, (coord.). **Madonna: Tudo Sobre**. Brasil: Estadão, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/madonna>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GOGONI, Ronaldo. **Vendas de fitas cassete explodiram durante a pandemia. Por quê?**: Mesmo sendo uma mídia defasada, as fitas cassete continuam populares, e isso envolve mais do que a qualidade sonora. Brasil: Meio Bit, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/435059/por-que-vendas-fitas-cassete-aumentaram-durante-pandemia/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GREENBERGER, Robert. **Mulher-Maravilha: Amazona, Heroína, Ícone**. 1. ed. Brasil: Leya, 2017. 212 p. v. 1. ISBN 978-85-441-0651-8.

GUEDES CAPUTO, Stela. **Sobre Entrevistas: Teoria, Prática e Experiências**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 208 p. v. 1. ISBN 8532633064.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JIMENEZ, Phill; WELLS, John. **The Essential Wonder Woman Encyclopedia: The Ultimate Guide to the Amazon Princess**. 1. ed. Estados Unidos da América: Del Rey, 2010. 490 p. v. 1978. ISBN 978-0-345-50107-3.

LEONE, Vivi. **A Nostalgia do Anos 90: Geloucos**. Brasil: SmartGirls, 28 set. 2011. Disponível em: [http://ESTADÃO \(Brasil\) et al, \(coord.\). Madonna: Tudo Sobre](http://ESTADÃO (Brasil) et al, (coord.). Madonna: Tudo Sobre). Brasil: Estadão, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/madonna>. Acesso em: 17 ago. 2021. [s/?doing_wp_cron=1629345921.6863899230957031250000](https://tudo-sobre.estadao.com.br/madonna). Acesso em: 17 ago. 2021

LEPORE, Jill. **A História Secreta da Mulher-maravilha**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017. 482 p. v. 1. ISBN 978-85-4650-037-6.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 239 - 283).

MARSHALL, F. **Epistemologias históricas do colecionismo**. Episteme, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005.

MEDINA, Cremilda. Entrevista – **O diálogo possível**. 5 e. São Paulo: Ática, 2008.

O'BRIEN, Lucy. **Madonna: 50 anos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 514 p. v. 1. ISBN 978-85-209-2139-5.

OMELETE (Brasil) et al, (org.). **X-Men | Quadrinhos**, séries, filmes e games. Brasil: Omelete, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/x-men>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PHILLIP, Blom. **Ter e Manter: Uma História Íntima de Colecionadores e Coleções**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTANA, André. **O revolucionário Clip Clip saía do ar há 31 anos. Brasil**: Observatório da TV, 1 ago. 2018. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/o-revolucionario-clip-clip-saia-do-ar-ha-31-anos>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SITE DEPOIS QUE CRESCEMOS (Brasil) et al, (ed.). **GELUCOS: A FEBRE DOS ANOS 90!**. Brasil: Depois que Crescemos, 8 nov. 2012. Disponível em: [http://www.depoisquecrescemos.com/2012/11/geloucos-](http://www.depoisquecrescemos.com/2012/11/geloucos)

[-febre-dos-anos-90.html](#). Acesso em: 17 ago. 2021.

SITE LEGIÃO URBANA (Brasil) et al. **Legião Urbana: Biografias**. Brasil: Site Legião Urbana, 1 jan. 2014. Disponível em: <http://www.legiaourbana.com.br/bio.html>. Acesso em: 17 ago. 2021.

TARABORRELLI, J. Randy. **Madonna: Uma Biografia Íntima**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2003. 498 p. v. 1. ISBN 85-250-3701-x.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: E Como Escrevê-los**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2003. 168 p. v. 1. ISBN 8532307213.

WALEMBERG, Geferson. **Pokécoleções - Guia de Colecionador**: Coleção Guaraná Antártica Caçulinha. Brasil: Pokemon Blast News, 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.poke-blast-news.net/2016/02/pokecolecoes-guia-de-colecionador.html>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Balão Mágico:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 18 jul. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bal%C3%A3o_M%C3%A1gico. Acesso em: 19 ago. 2021.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. In: WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Barbie:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbie>. Acesso em: 17 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Bedtime Stories:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil, 24 abr. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bedtime_Stories. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Bedtime Story:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 9 jun. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bedtime_Story. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al. **Beyoncé:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beyonc%C3%A9>. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Cheetos:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 1 out. 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cheetos>. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Clip Clip:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 20 ago. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clip_Clip. Acesso em: 21 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Erotica:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 24 abr. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Erotica>. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Fita cassete:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 13 jul. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_cassete. Acesso em: 17 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Legião Urbana:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 6 ago. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Legi%C3%A3o_Urbana. Acesso em: 17 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Liga da Justiça:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 5 mar. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_da_Justi%C3%A7a. Acesso em: 22 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Madonna:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Madonna>. Acesso em: 17 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Metal Hero:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 24 dez. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Metal_Hero. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Mighty Morphin Power Rangers:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 21 ago. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mighty_Morphin_Power_Rangers. Acesso em: 22 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Mulher-Maravilha:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher-Maravilha>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Os Cavaleiros do Zodíaco:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 18 jun. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Cavaleiros_do_Zod%C3%ADaco. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Pajubá:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pajub%C3%A1>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Plastimodelismo:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Plastimodelismo>. Acesso em: 22 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Rouge:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 7 jul. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rouge>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Sex (livro):** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 28 set. 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sex_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sex_(livro)). Acesso em: 17 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Single:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Single>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Sítio do Picapau Amarelo (1977):** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 1 ago. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_\(1977\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_(1977)). Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Super Friends:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 16 mar. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Friends. Acesso em: 19 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Super Sentai:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 18 jul. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Sentai. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Tazo:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 9 ago. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tazo>. Acesso em: 16 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Tempestade (X-Men):** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 25 jul. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempestade_\(X-Men\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempestade_(X-Men)). Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **The Immaculate Collection: Wikipédia,** a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 22 abr. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Immaculate_Collection. Acesso em: 18 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Tokusatsu:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tokusatsu>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Turma do Balão Mágico:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 19 jul. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_do_Bal%C3%A3o_M%C3%Algico. Acesso em: 19 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Video Home System:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://pt.wi>

[wikipedia.org/wiki/Video_Home_System](https://pt.wikipedia.org/wiki/Video_Home_System). Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **X-Men: The Animated Series:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 1 fev. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/X-Men:_The_Animated_Series. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **X-Men:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 3 jul. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/X-Men>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (org.). **Xou da Xuxa:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 14 ago. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Xou_da_Xuxa. Acesso em: 19 ago. 2021.

WIKIPÉDIA (Brasil) et al, (coord.). **Xuxa:** Wikipédia, a enciclopédia livre. Brasil: Wikipédia, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xuxa>. Acesso em: 20 ago. 2021.



Gambit Cavalcante nasceu em Fortaleza, no Ceará, no ano de 1980. Conseguiu acompanhar na infância o que podem ser considerados os “anos dourados da programação infantil” da TV aberta brasileira. Viveu a estreia do Xou da Xuxa e sofreu com os personagens de Caverna do Dragão que nunca voltaram para casa. Assistiu aos episódios infinitamente repetitivos de Pica-Pau e Pernalonga e acompanhou a dominação mundial japonesa promovida por Cavaleiros do Zodíaco e Pokémon. É um *nerd*! Está se formando em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, é podcaster há pelo menos 5 anos e escreve para alguns sites de cultura pop com equipes formadas na sua cidade. Durante a formação, trabalhou na Rádio Universitária FM, da própria UFC, onde auxiliava na produção do programa diário Rádio Debate e escrevia matérias para o site da rádio. Atualmente, possui três coleções e divide seu tempo entre elas e o chefe de cozinha com quem é casado desde 2015 e o cachorro que eles adotaram.

ANTOLOGIAS : Colecionadores e suas coleções

O hábito de colecionar pode ainda parecer estranho para muitas pessoas – ainda mais quando nossas coleções remetem a coisas de nossas infâncias. Sendo eu mesmo um colecionador, já passei por vários julgamentos, desde imaturo e infantil a desperdiçador de dinheiro e acumulador.

Neste livro, reuni as histórias de vida de nove colecionadores, incluindo a mim mesmo. Vamos viajar por essas coleções e tentar entender que caminhos trilhamos para chegar aonde estamos hoje: rodeados dos objetos que são (ou não) representações físicas dos temas que amamos e acompanhamos por toda a vida – ou por boa parte dela, pelo menos.

Coleções com temas como Madonna, Beyoncé, revistas em quadrinhos e figuras de ação. Convido vocês a conhecerem um pouco mais de perto essas antologias!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FRANCISCO GLEDSON CAVALCANTE LOPES

gambitcavalcante@gmail.com

fgledson@yahoo.com.br

ANTOLOGIAS: COLECIONADORES E SUAS COLEÇÕES
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA - CE

2021

FRANCISCO GLEDSON CAVALCANTE LOPES
ANTOLOGIA: COLECIONADORES E SUAS COLEÇÕES: RELATÓRIO TÉCNICO DE
ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA

2021

FRANCISCO GLEDSON CAVALCANTE LOPES
ANTOLOGIAS: COLECIONADORES E SUAS COLEÇÕES: RELATÓRIO TÉCNICO DE
ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: 23/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Robson da Silva Braga (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Ma. Eugênia Melo Cabral
UniFanor

FORTALEZA

2021

AGRADECIMENTOS

A esta altura da minha vida, jamais pensei que estaria terminando uma faculdade. Ainda mais uma Universidade Federal. Tendo em vista todas as batalhas e recapitulando os caminhos que trilhei até aqui, ficam os agradecimentos para todos os amigos que acreditaram em, por vezes, mais até do que eu mesmo acreditei. Aos amigos de infância que me ajudaram, não apenas com palavras, mas com presença.

Aos amigos que fiz na Universidade e trilharei, junto comigo, caminhos parecidos. Aos que me receberam, ao que me acolheram e aos que me estenderam as mãos. Aos que se foram e aos que ficaram. Aos que dividiram comigo mais do que experiências acadêmicas, mas, experiências de vida. Apesar de ter chegado aqui mais velho do que vocês, nós aprendemos juntos.

Deixo meus agradecimentos, também, aos professores que me guiaram nesse longo e nem sempre fácil processo. Provavelmente eu serei apenas mais um aluno na enorme gama de pupilos que passam por suas vidas. Porém, para mim, vocês foram únicos, cada um à sua própria maneira. Mesmo aqueles de quem, algumas vezes, eu senti raiva. Não há mágoas aqui, apenas gratidão.

Por fim, um agradecimento muito mais especial às pessoas que são as pilastras que sustentam minha existência: minha mãe, Claudia Maria, que esteve sempre disponível para mim, independente de qual fosse a situação e meu marido Alexandre, que me acompanhou durante toda essa jornada e que segurou as pontas para que eu pudesse realizar o sonho de ter um diploma superior. Sem vocês eu não teria conseguido, eu já teria desistido.

Meu muito obrigado a todos!

RESUMO

O livro “Antologias: Colecionadores e Suas Coleções”, reúne perfis de colecionadores e conta suas histórias, mostrando as motivações pessoais de cada um para começar e para manter suas coleções. As entrevistas têm o propósito de desmitificar a aura de infantilidade que rodeia os fãs de cultura pop, mostrando, através dos relatos dos entrevistados, que suas coleções têm propósitos diferentes em suas raízes, sejam elas para manter vivas as lembranças de alguém que já se foi, seja por ter nos personagens de suas coleções um exemplo, ou mesmo pela única intenção de possuir um acervo gigante daquilo que se tem carinho. Cada história, singular por si só, mostra que o desígnio dos objetos colecionados tem origens e modos de operar diferentes em sua essência, explicando que, embora algumas coleções tenham seu gatilho apertado durante a infância, nem sempre elas se pretendem a manter a infância presente, ou viva, de certa maneira. Mas possuem cunho de status, saudades, homenagens e adoração.

Palavras-chave: coleção; *popart*; cultura; acervo; comportamento; entrevista; histórias; perfis.

ABSTRACT

The book “Anthologies: Collectors and Their Collections”, collects profiles of collectors and tells their stories, showing the personal motivations of each one to start and to maintain their collections. The interviews are intended to demystify the aura of childishness that surrounds fans of pop culture, showing, through the interviewees' reports, that their collections have different purposes in their roots, be they to keep alive the memories of someone who has already gone, be it for having an example in the characters of your collections, or even for the sole intention of having a giant collection of what you care about. Each story, singular in itself, shows that the design of the collected objects has different origins and ways of operating in essence, explaining that, although some collections have their trigger squeezed during childhood, they are not always intended to keep childhood present, or live, in a way. But they have a stamp of status, longing, homage and adoration.

Keywords: collection; pop art; culture; collection; behavior; interview; stories; profiles.

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|-----------------------------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 | OBJETIVOS | 10 |
| 2.1 | OBJETIVO GERAL | 10 |
| 2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 10 |
| 3 | PROBLEMA DE PESQUISA | 11 |
| 4 | JUSTIFICATIVA | 15 |
| 5 | REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 6 | METODOLOGIA | 17 |
| 7 | SUPORTE ADOTADO | 18 |
| 8 | ESTRUTURA DO PRODUTO | 19 |
| 9 | PROJETO GRÁFICO | 20 |
| 10 | REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA | 22 |
| 11 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 24 |

1. INTRODUÇÃO

Desde quando existe, a cultura pop desperta os mais variados tipos de sentimentos: desde o desejo de fazer parte dela até a mais pura indiferença. Um movimento que teve origem com os filmes da franquia Star Wars (1977), do diretor George Lucas, que usou como marketing, a fim de se popularizar e tornar rentável a película, para além das salas de cinema, o lançamento de brinquedos, tais quais, figuras de ação com o rosto dos personagens, miniaturas das naves espaciais, jogos de RPG, lancheiras e toda sorte de produtos ligados ao tema.

Começava então o movimento nerd ou, na verdade, denominava-se o movimento nerd, uma vez que, culturalmente, tal padrão de comportamento precede a própria denominação. E foi com esse movimento que muitas figuras da cultura pop, até então uma subcultura, começaram a ganhar status de real popularidade. Passou-se então a cultuar super-heróis de histórias em quadrinhos (HQ's), personagens de filmes e, percebendo aí um mercado rentável, a indústria de entretenimento passou a investir pesado em produtos em série. As marcas lançavam desenhos animados para alavancar vendas de bonecos. Os produtos iam para além de brinquedos e estavam presentes em materiais escolares, alimentos, roupas. Qualquer criança ou adolescente (uma vez que esse mercado era impreterivelmente voltado para essas faixas etárias) que passasse a gostar de um personagem, tinha uma gama gigantesca de produtos à sua disposição, desde que estivesse disposto a pagar por ela. Começavam aqui a se formar coleções, mesmo que involuntárias, de objetos da cultura pop.

Assim como o alcance da mídia pop, as crianças dos anos 1980 cresceram – e seus acervos cresceram junto com elas. Não obstante, também cresciam os preços. Artigos de luxo, numerados, limitados, edições de colecionador... A indústria do colecionismo se tornou um monstro tão grande quanto o capitalismo pôde fazer dele e, artigos como bonecos, ou figuras de ação, como os colecionadores preferem chamar, foram deixando de ser “artigos infantis”. Afinal, as crianças não poderiam pagar por elas e seus pais não estavam dispostos a investir tão caro em “brinquedos” – a não ser que fossem para eles próprios.

Porém, mesmo com a adultização do mercado de artigos colecionáveis a aura de infantilidade que os rodeia permanece no imaginário popular. Se bonecos e revistas em quadrinhos não são artigos infantis para aqueles que os coleciona, para o senso comum essa ideia não chegou. É quase regra que, se um adulto se manifesta como colecionador de HQs

(histórias em quadrinhos) ele será bombardeado com olhares de reprovação e questionamentos sobre a idade a qual se destina os artigos que ele acumula.

A quantidade de vezes que eu mesmo, como colecionador, tive que reagir a esse tipo de questionamento foi peça fundamental para minha inquietação: por que então, colecionamos? O que move um colecionador a acumular artigos que seriam votados para crianças (embora a indústria do entretenimento já tenha percebido que não)? Como se formam coleções no seu âmago e o que elas representam para seus donos? Será que essas histórias são iguais e repetitivas? O que guarda de sentimentos uma estante cheia de gibis, bonecos e estatuetas?

Eu não posso afirmar que este trabalho responderá de maneira definitiva estes questionamentos, mas, certamente, porá uma luz sobre as motivações que levam uma pessoa a amar tanto um tema a ponto de se rodear dele, tentando possuir tudo o quanto for possível que se lance a respeito de um personagem, seja ele real ou não. Conheceremos aqui a história de colecionadores de artigos provenientes da cultura pop, seus anseios e o que os levou a se tornarem colecionadores.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem por base os seguintes objetivos:

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo é escrever um livro de perfis contando histórias de vida de colecionadores e suas coleções. Mostrar acervos pessoais de pessoas que amam algum tema específico e resolveram se cercar dele, fazendo disso um tema para a própria vida. Assim como conhecer essas próprias pessoas e suas motivações, e trazer para o público esse universo que ainda parece misterioso permeado de maus entendidos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Responder, a partir dos relatos, os seguintes questionamentos: O que leva o colecionador a colecionar? Desde quando? O que representa para ele sua própria coleção? O que representa para ele o tema de sua coleção (personagem, objeto, artista)? Qual a importância de se ter por perto tantos itens? Como isso começou? Qual a história por trás disso? Por que o amor pelo tema (ou pessoa, ou personagem(ns))? O que move o seu coração nesse sentido?

2. Desmistificar o folclore de que coleção de figuras da cultura pop está ligada apenas à adolescência ou à infância. Mostrar que esse amor pode ter raízes mais profundas que apenas fanatismo por algo inalcançável.

3. Trazer à tona relatos verdadeiros de colecionadores e a história de suas coleções.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

É necessário dizer aqui, antes de tudo, que o trabalho não se pretende contar a história das coleções através dos tempos. Não é minha intenção trazer uma reflexão sobre como o ser humano começou a acumular objetos nem quais os conceitos sociais e/ ou implicações o colecionismo trouxe através dos séculos.

No entanto, é preciso fazer algumas ponderações. Uma das primeiras considerações que fiz, ainda em sala de aula, sobre colecionadores, foi sua relação com estudiosos de História. Os historiadores, por muitas vezes, podem acabar se tornando acumuladores. Encontrar objetos históricos e guardá-los, descobri-los, adquiri-los, pode ser consequência de seu trabalho. Ou seja, a relação do historiador com sua coleção é, através do seu estudo, formar um acervo. Com os colecionadores, estes movidos pela paixão, a relação acontece de forma inversa: é o fato de terem se tornado fãs do tema de suas coleções que os fazem buscar cada vez mais informação a respeito deste tema.

Seja como for, o ato de colecionar não é novidade. Data do século III antes de Cristo a grandiosa Biblioteca de Alexandria, um dos maiores centros de produção de conhecimento da antiguidade. Uma grande coleção de escritos. Muito embora as bibliotecas não representem sentimentalmente o mesmo que as coleções e acervos pessoais, estas são, certamente, exemplos de grandes volumes reunidos em um único lugar com um propósito comum, e estão entre os exemplos mais antigos quando se fala em acúmulo de objetos com um tema específico.

Para Debray, o colecionismo pode ter surgido como uma tentativa de permanência. O autor afirma que as primeiras imagens figuradas exteriorizadas por humanos foram grafadas em urnas funerárias. Assim, desde que a imagem surge figurada, associada com as urnas funerárias, ela submete-se a representar uma ausência ou a figurar algo invisível. O homem passa a figurar o morto quando descobre a morte e, nesse jogo entre o real e o imaginário, produz transposições que restauram perdas ou instauram uma dimensão além do real. Ao figurar a imagem, o homem a olha e descobre que ela é a sua melhor parte: "seu ego imunizado, colocado em lugar seguro. Por ela, o vivo apreende o morto." (Debray, 1995, p. 25-26).

A indefinição que há na morte levaria o homem a produzir um espelho na imagem. Essa astúcia indireta, segundo Debray, é como uma sombra capturando a presa que foge. O

luto seria, então, um sentimento que teria esse poder de criar uma imagem do outro que libera o sujeito, recompondo a vida pela imagem. Todavia, se é alegórica em essência, se a imagem nasce funerária porque "representa a prorrogação" (Debray, 1995, p. 31), ela não é necessariamente lúgubre ou melancólica, é também alegre.

Neste trabalho, não pensamos em coleção como simples acervos. Trazemos aqui uma identidade descrita por Benjamin (2008) onde ele ressalta que “coleccionar é uma forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais resumida.” (BENJAMIN, 2008, p. 239).

Nesse sentido, o intento maior de uma coleção não é a acumulação desregrada de objetos, mas sim uma junção ordenada, mas completamente subjetiva, por meio dos quais opera sua própria memória. Coleccionar, e os esforços que esta atividade implica, pode ser considerado como uma “prova de amor”.

É decisivo na arte de coleccionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta ‘completude’. É uma grandiosa tentativa de superar o carácter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção. E para o verdadeiro coleccionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais profundo encantamento do coleccionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirida). (BENJAMIN, 2009, p. 239)

Benjamin acredita que o coleccionador possui um tipo de “tarefa de Sísifo”, para retirar dos objetos o carácter de mercadorias e, em seu lugar, empregar-lhes valor afetivo.

Mas a prática de coleccionar não passa apenas pelo campo afetivo do indivíduo. Elas também são condicionadas pelo contexto social onde este indivíduo está inserido. Para fins contemporâneos, e pensando nos tipos de coleções que eu desejo focar, a priori, devemos entender que durante muito tempo atribuiu-se ares de infantilidade às pessoas que tinham fixação por objetos da cultura pop e/ ou nerd – hoje também conhecida como geek. Um

movimento que teve origem com os filmes da franquia Star Wars (1977), do diretor George Lucas, que usou como marketing, a fim de se popularizar e tornar rentável a película, para além das salas de cinema, o lançamento de brinquedos, tais quais, figuras de ação com o rosto dos personagens, miniaturas das naves espaciais, jogos de RPG, lancheiras e toda sorte de produtos ligadas ao tema.

Começava então o movimento nerd ou, na verdade, denominava-se o movimento nerd, uma vez que, culturalmente, tal padrão de comportamento precede a própria denominação. E foi com esse movimento que muitas figuras da cultura pop, até então uma subcultura, começaram a ganhar status de real popularidade. Passou-se então a cultuar super-heróis de histórias em quadrinhos (HQ's), personagens de filmes e, percebendo aí um mercado rentável, a indústria de entretenimento passou a investir pesado em produtos em série. As marcas lançavam desenhos animados para alavancar vendas de bonecos. Os produtos iam para além de brinquedos e estavam presentes em materiais escolares, alimentos, roupas. Qualquer criança ou adolescente (uma vez que esse mercado era impreterivelmente voltado para essas faixas etárias) que passasse a gostar de um personagem, tinha uma gama gigantesca de produtos à sua disposição, desde que estivesse disposto a pagar por ela. Começavam aqui a se formar coleções, mesmo que involuntárias, de objetos da cultura pop.

Movimento comum no capitalismo, outros nichos da indústria começaram a se apoderar dessa rentável fatia de mercado. Passaram a surgir então produtos ligados aos artistas da música. Deu-se origem ao termo *fan*, no inglês, uma abreviação da palavra *fanatic*, para denominar pessoas que demonstravam afeto exagerado de algum artista – inicialmente os da música. Ter os discos dos artistas já não bastava. Guardavam-se os ingressos comprados para ir aos shows. Eram lançados cada vez mais singles (conhecidos aqui como discos compactos). Acumulavam-se matérias de revistas, fotos vendidas em bancas, e qualquer material que fosse minimamente ligado ao artista objeto de desejo do fã.

É necessário citar aqui, nesse momento, que antes da cultura nerd, alguns artistas da música já desencadearam movimentos de fanatismo como Elvis Presley e os Beatles. Mas esses movimentos representam casos muito específicos, que antecedem a cultura nerd/ geek e, por tanto, pouco representativas para meu objeto de estudo.

Uma vez que esse mercado foi consolidado nos anos 1980, era cada vez mais comum conhecer alguém que possuísse alguma coleção. Desde um número incontável de revistas em quadrinhos, passando por jogos de RPG e cartuchos de videogame, chegando a peças de

bonecos lançados antes até do nascimento dos próprios colecionadores. A cultura de colecionar objetos com um mesmo tema, sem o propósito de expô-los, mas apenas para mantê-los perto de si, popularizou-se.

Diferente de juntar grandes obras de pintores e de artistas plásticos, estátuas, esculturas e artes de grande valor cultural, colecionadores da cultura nerd/ geek, de cultura pop de maneira geral, não têm a intenção de ocupar os grandes museus. Essas coleções pessoais têm o único propósito de satisfazer uma necessidade intrínseca ao próprio colecionador: o amor pelo tema dos objetos em si. E são essas pessoas a quem desejo conhecer, pesquisar e saber mais a fundo o que as move. Serão essas as coleções que desejo destrinchar, aprofundar e tentar entender.

4. JUSTIFICATIVA

Ser, eu mesmo, um colecionador, sempre me fez ter interesse nas coleções de outras pessoas. Nessas relações, sempre foi visível o interesse dessas pessoas em minhas coleções também. O olhar vidrado em meus itens, expostos na estante da sala, de cada visitante que chega à minha casa, é sempre seguido pela pergunta: “Por que esse tema? Por que essa personagem?”. E essas perguntas, tantas vezes repetidas a mim mesmo, são as mesmas que eu faço às pessoas que também colecionam, ou que já colecionaram.

É perceptível que o “amor dos outros” causa curiosidade. Sempre que nos deparamos com algo que nos é novo, existe um desejo de se entender aquilo. Como se formou, se concretizou, como chegou àquele volume.

E, assim como existem motivações a respeito de minhas coleções, motivações essas que me são únicas e particulares, por trás de cada coleção existe uma história também única e particular. Algo que esconde desejos, angústias e felicidades, saudades, sentimentos mistos que contam a perpassam a história da vida de cada um desses colecionadores.

Não obstante, é necessário lançar olhares diferentes do que a mídia tradicionalmente promove a respeito de colecionadores e suas coleções. Comumente vemos esse universo divulgado com descaso, sempre associado com o bizarro, com o incomum. É certo que, em alguns casos, podem existir problemas. Mas o âmbito do colecionismo também passa pela paixão, pelo romantismo.

Para muitos, a coleção conta a história da própria vida. Volumosas, pequenas, de grande valor monetário ou apenas de valor sentimental, é de interesse meu contar essas histórias e extrair delas todo sentimento que foi depositado pelos seus possuidores. E, depois disso, contar para o mundo tudo que elas podem oferecer.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização deste trabalho pretendo levar em consideração o conceito de cultura e os estudos culturais do autor Stuart Hall. Também pretendo estudar os conceitos de colecionismo do autor Philipp Blom e as histórias de colecionadores contadas por ele em seus livros. Assim como Régis Debray e Walter Benjamin, que falam sobre as origens do colecionismo e o que os objetos de coleção representam para o colecionador.

Infelizmente o aporte teórico para esta parte ainda está em construção e deve se estender ao longo da produção. Leituras sobre este tipo de comportamento ainda são difíceis de serem encontradas e eu ainda me encontro em processo de curadoria.

Planejo levar em consideração também metodologias de criação de narrativa dos autores Cremilda Medina e os conceitos de jornalismo de Nelson Traquina. Estudar as técnicas de entrevista dos autores Stela Caputo, Barbara Walters e Sérgio Vilas Boas, entre outros, incluindo o Manual da Folha de São Paulo. Todas as leituras recomendadas e a serem realizadas ao longo do processo de feitura do trabalho em si.

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi o da História Oral, a partir da técnica de entrevista em profundidade que recolheu respostas a partir das experiências subjetivas de nossas fontes (Duarte, 2005), que consistiram na coleta de testemunhos de pessoas que possuem coleções variadas, e por variadas motivações.

Foram coletadas 9 (nove) entrevistas, das quais:

- Um colecionador de discos;
- Um colecionador de material da cantora Beyoncé;
- Um colecionador de material da cantora Madonna;
- Um colecionador de quadrinhos nacionais;
- Um colecionador de quadrinhos americanos e quadrinhos japoneses;
- Um colecionador de estatuetas e figuras de ação;
- Um colecionador de quadrinhos e figuras de ação;
- Um colecionador de estatuetas, figuras de ação, guitarras, discos e quadrinhos.

Além dos entrevistados o livro contém também as histórias de colecionismos do autor, bem como um glossário contendo 35 (trinta e cinco) verbetes definindo termos usados nos perfis.

7. SUPORTE ADOTADO

O suporte escolhido é o livro-reportagem-perfil, inspirado na estética almanaque, que proporciona maior imersão do leitor na narrativa e envolve-o com a história dos personagens. Esse suporte permite ao leitor conhecer melhor informações que poderiam não ser tão aprofundadas em um produto audiovisual, como um documentário ou uma grande reportagem televisiva.

O tom literário faz com que o leitor reproduza as emoções do tom dramático da narrativa, colocando-se no lugar dos personagens que costumam se cercarem de itens que lhes provocam paixão tamanha, que ter apenas uma única unidade já não lhes é suficiente. O modo envolvente como a história pode se desenrolar levará o leitor a se identificar com o tema, sentindo-se ele inserido ou não, e servir como lição de vida ou inspiração, para iniciar uma coleção, para levar adiante uma que já esteja iniciada, ou apenas para entender a paixão que move um fã a juntar muitas peças de uma determinada temática.

8. ESTRUTURA DO TRABALHO

O livro será dividido em capítulos temáticos: um prefácio, nove perfis ordenados por tema, sendo eles oito entrevistados e o perfil do autor como colecionador e um epílogo, falando sobre a experiência de produzir a obra e com considerações finais sobre os conhecimentos adquiridos durante a feitura.

A capa e contracapa contarão com orelhas com um breve resumo e introdução das histórias.

Na parte interna, será possível encontrar fotografias dos acervos dos entrevistados, em partes estratégicas. Entre os capítulos, e durante eles, imagens das coleções desde seu primeiro item, passando pelos que são considerados mais importantes, sejam por seu valor monetário, por sua raridade ou pelo afeto que o entrevistado possui pela peça.

Em algumas páginas, também em locais estratégicos, é pensado colocar dobraduras, que ao serem abertas transformam a página em mini pôster, que revela aos poucos a galeria de itens das coleções.

9. PROJETO GRÁFICO

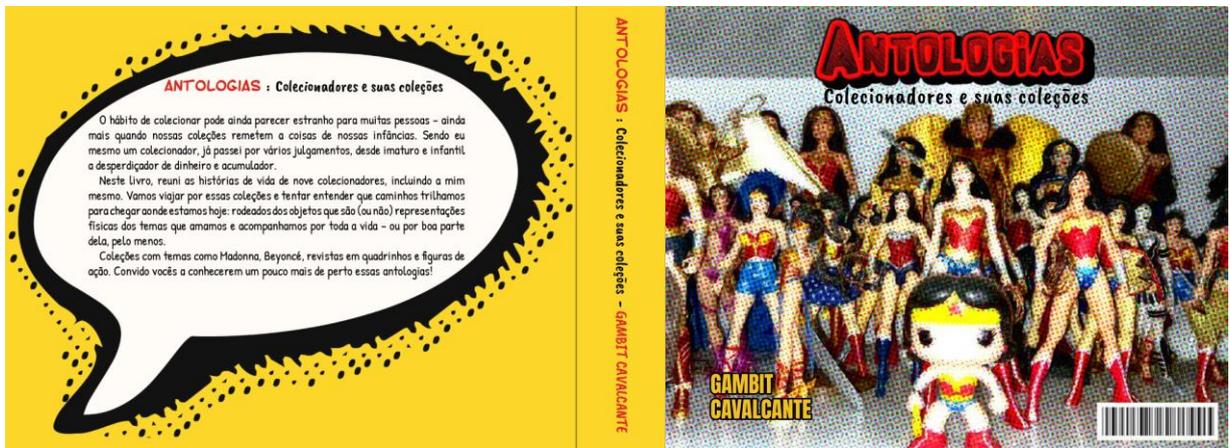
O projeto gráfico trata da identidade visual do produto, no caso, um livro-reportagem e todos os elementos que o compõe, como: a diagramação, a escolha da tipologia dos caracteres, também conhecido como fonte tipográfica, a escolha das cores, ilustrações [fotos e imagens] e sua harmonização ao distribuir de elementos pela folha. Abaixo, todos conceitos técnicos planejados para a produção deste livro.

Dados técnicos:

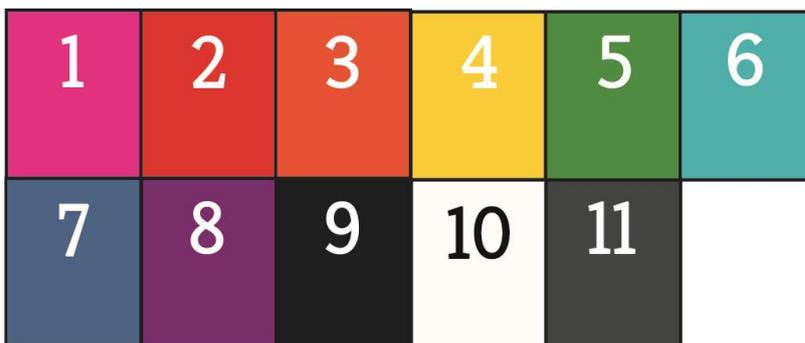
- Páginas: 130 páginas diagramadas
- Suporte: Impresso / Digital
- Tamanho: 20 x 25 (Horizontal)
- Tipografia: Fluo Gums (título da capa); Bowlby One SC (nome do autor na capa); SF Toontimet (título: parte quadrinhos) / Caveat Brush (capa, capitular, sumário, títulos e subtítulos), Literata (texto e legendas), Monoton (título na parte disco) e Anton (título na parte de figuras de ação).
- Capitulares: 3 linhas
- Papel Polén (Miolo) / Papel Glossy ou Paraná (Capa)
- Livro de Brochura
- Software utilizado: InDesign 2020 / Illustrator 2020

A capa da obra possui fotos de algumas coleções e estão dispostas como uma página de quadrinhos. O formato do livro é meio quadrado trazendo uma referência aos discos e aos livros para colecionadores, que são lançados por um curto período, num formato único e diferenciado, pensando exatamente nesse público. As cores utilizadas são inspiradas na bandeira do orgulho LGBTQIA+ e na grande quantidade de informação visual que as coleções costumam ter. A tipografia também é inspirada nos quadrinhos, capas de disco e caixas de figuras de ação.

Imagem da Capa



Paleta de Cores:



5. VERDE: #498a37 - C: 77 / M: 18 / Y: 95 / K:3
6. CIANO: #4aaea7 - C: 71 / M: 3 / Y: 30 / K:0
7. AZUL: #495f80 - C: 82 / M: 55 / Y: 21 / K:6
8. ROXO: #782365 - C: 56 / M: 98 / Y: 11 / K:12
9. PRETO: #000000 - C: 2 / M: 3 / Y: 2 / K:96
10. BRANCO: #ffffff - C: 0 / M: 2 / Y: 2 / K:0
11. CINZA: #333333 - C: 8 / M :9 / Y: 9 / K:83

10. REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA

A pesquisa para criação deste material foi completamente estudada durante o período de pandemia que se instalava no país desde março de 2020 e se estendeu para o ano de 2021. Houve muita dificuldade em encontrar alguns materiais (uma parte deles, continuo à procura), tendo em vista as limitações que a pandemia impõe.

Mesmo assim, fazendo-se necessário o desenvolvimento das leituras, foi enriquecedor o descobrimento e aprimoramento de técnicas de entrevista já introduzidas durante os anos de estudos na universidade. Assim como a aquisição dos saberes sobre a cultura pop, a história do colecionismo e os processos culturais que levam as pessoas a acumular objetos e a cuidar deles com ares de adoração.

Infelizmente, devido às dificuldades criadas pelo momento, já explicado anteriormente, e o difícil acesso aos materiais necessários para leituras, essa parte importante para o desenvolvimento do produto pode ter sido duramente comprometida.

Ainda assim, sinto que entrei nesta incumbência mais apto para entender melhor as nuances dos depoimentos que foram colhidos, sabendo, agora, de suas influências culturais dentro do contexto capitalista em que estão inseridos.

Como dito antes, foram entrevistadas 9 (nove) pessoas. Todos homens. Inicialmente não era a intenção. A pretensão, à princípio, era entrevistar 25 (vinte e cinco) pessoas. Mas essa quantidade se mostrou muito pretenciosa. A orientação dos professores era que o livro contivesse 5 (cinco) perfis. Achando a quantidade pequena, estabeleci em 10 (dez), fora o meu próprio.

Por já estar incluído no circuito *nerd* da capital cearense, não foi trabalho árduo conseguir a maioria dos perfilados. Alguns deles, já são meus amigos anteriores a esta ocasião. Outros foram indicação de um colega que faz parte de um coletivo que trata deste tipo de assunto. Certa vez, este mesmo colega me fez convite para um evento online onde seriam apresentadas coleções. Então ele mesmo já possuía uma boa lista de fontes que eram colecionadoras. Infelizmente, nesta lista, não constava nenhuma mulher.

Somando os nomes que me foram passados com os que eu já conhecia, obtive 15 possíveis entrevistados. Destes, 6 (seis) não foram possíveis entrevistar. Alguns por não poder receber visitas em casa devido ao momento de pandemia, outros por não terem tempo

disponível (estavam em momentos complicados de trabalho) e 2 (dois) não responderam às minhas mensagens. Um dos perfilados me sugeriu 2 (dois) nomes de mulheres, destas, entrei em contato com apenas uma, que não pôde me receber por causa do pai. Ela toparia uma entrevista virtual que, inaplicável para o projeto que, pelo conteúdo do livro, precisava de um contato pessoal para fotos, conhecer a acervo, o local onde é guardado, a disposição, etc.

Uma das fontes conseguiu responder a pré entrevista, porém seu pai passou por uma cirurgia, o que impossibilitou minha visita.

As entrevistas foram concedidas pessoalmente, tendo o entrevistador visitado as coleções no espaço físico onde elas ficam dispostas, geralmente nas residências dos colecionadores. Foram tomados todos os procedimentos de precaução para evitar o contágio pelo coronavírus.

O capítulo de verbetes foi introduzido posteriormente. Depois que todos os perfis estavam escritos, surgiu a necessidade de explicar alguns termos, que o autor preferiu dispor em um capítulo à parte, por entender que muitos parênteses poderiam prejudicar a dinâmica da leitura e que notas de rodapé tomaria parte importante das páginas, avariando o projeto de diagramação – consideravelmente enriquecedora para experiência.

Foram separados 108 (cento e oito) termos para compor o capítulo do glossário. Percebendo-se que não haveria tempo ábio para definir todos eles, levando-se em conta o tempo investido para as pesquisas e elaboração dos textos, a quantidade foi diminuída, restando apenas 35 (trinta e cinco), em sua maior parte, concentrados nos textos iniciais – uma vez que muitos se repetem ao longo do livro e que o ponto de partida para escrevê-los foi de acordo com a disposição dos textos nos capítulos.

Conhecer as histórias dos entrevistados foi um processo gratificante. Todas as conversas foram enriquecedoras e longas, tendo gerado mais 40 (quarenta) horas de áudio. Sinto que aprendi muito neste processo. Em parte sobre respeitar a história particular de cada indivíduo. Os processos que os levam a estarem onde estão e a ocuparem os espaços que ocupam. E em segunda instância, sobre mim mesmo. Tentar entender os motivos de se colecionar está para além de compreender o outro, mas, como colecionador que sou, foi como estudar a minha própria pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 239 - 283).
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Belo Horizonte/São Paulo, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991. (Grandes Cientistas Sociais, n.50).
- DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985
- DURKHEIM, E.; MAUSS, M. **Algumas formas primitivas de classificação**. Tradução de Ma. I. Pereira de Queiroz. São Paulo: FFLCH-USP, 1954. Mimeografado.
- GUEDES CAPUTO, Stela. **Sobre Entrevistas:: Teoria, Prática e Experiências**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 208 p. v. 1. ISBN 8532633064.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MARSHALL, F. **Epistemologias históricas do colecionismo**. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista – O diálogo possível**. 5 e. São Paulo: Ática, 2008.
- PHILLIP, Blom. **Ter e Manter: Uma História Íntima de Colecionadores e Coleções**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- VILAS BOAS, Sergio. **Perfis:: E Como Escrevê-los**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2003. 168 p. v. 1. ISBN 8532307213.